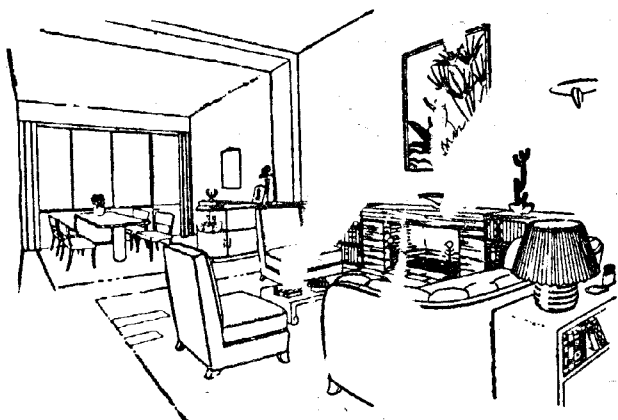
SALA DE JANTAR — Moder-
nissimo conjunto de moveis
folheados, com pés de metal
cromado; cadeiras de assen-
.o e encosto de couro liso,
laro; reposteiros de pelucia
azul double-face sobre corti-
as de marquisette. Sobre
... fet, para iluminar
da ... aior amplitude ao am-
biente, um gra...de espelho
azulado. E cobrin...
lo o paviment...
tapete ... iso
...l-cinz... á
ndo ...
ido b... ensa-
ão de fres... propor-
iona, um ... linóleo
almar ou Serv... Bond. —

Decorações Modernas

Ideias e sugestões para a beleza e conforto do lar

LIVING-ROOM — em combinação com a sala de jantar. Amplos moveis estofados sobre molas flexiveis em Gobelins Rustik, de tom condizente com a côr das paredes. Tapete aveludado, desenho moderno. Tapeçarias de cretone estampado, inglês, sobre voile suisso, tambem estampado.

SE O LEITOR TIVER QUALQUER PROBLEMA A RESOLVER AC... A DO "ARRANJO" INTERNO DA SUA CASA, PODEREMOS ENCAMINHAR A SUA CONSULTA PARA UMA SOLUÇÃO CONVENIENTE.

ESFERA

REVISTA DE LETRAS, ARTES E CIÊNCIAS

ASSINATURAS

AMERICA

12 Números	20$000
Com Registro	25$000
6 Números	11$000
Com Registro	14$000

OUTROS CONTINENTES

12 Números	32$000
Com registro	46$000
6 números	17$000
Com Registro	24$000

PORTUGAL

REDATOR — REPRESENTANTE

AFONSO DE CASTRO SENDA

ASSINATURAS

12 números	30$00
6 números	15$00

VENDAS AVULSA

número	3$00
atrazado	4$00

DISTRIBUIÇÃO

LISBOA

Livraria Bertrand

COIMBRA

Livraria Portugalia

PORTO

LIVRARIA S. REIS & SILVA

COBRANÇAS e demais serviços de administração diretamente com o representante.
REGISTRO de livros no Documentario Cultural Português, será feito mediante um exemplar para o representante.
COLABORAÇÃO — Avisamos aos nossos colaboradores que deverão remeter seus trabalhos por intermedio de nosso Redator-Representante d ePortugal que responde pela parte redatorial desta Revista nesse país
CORRESPONDENCIA: — LIVRARIA J. REIS & SILVAS LTDA. LARGO DOS LOIOS, 33 — PORTO.

ESTA REVISTA NÃO SE REPONSABILIZA POR CONCEITOS EMITIDOS EM ARTIGOS ASSINADOS

// ESFERA

REVISTA DE LETRAS, ARTES E CIÊNCIAS

ANO II — NUMERO 8 ELP NOVEMBRO — 1939

REDAÇÃO — ADMINISTRAÇÃO

RUA 13 DE MAIO, 33 - SALAS 86 e 87

LICEU LITERARIO PORTUGUÊS

SENADOR DANTAS, 118 — S. 708

CAIXA POSTAL 1219

RIO DE JANEIRO

TELEFONE — 42-8835

BRASIL .... 2$000

ESTRANGEIRO .... 3$000

SUMARIO

Amanhã

Especial para Esfera

Eu vou-me embora para além do Tejo,
não posso mais ficar !

Já sei de cór os gestos de cada dia,
na boca as mesmas palavras
batidas nos meus ouvidos...
— Ai as desgraças humanas destas paisagens iguais...
Abro os olhos e não vejo,
já não ando, já não oiço.
Não posso mais...
Grita-me a Vida de longe
e eu vou-me embora para além do Tejo !...

Passa a ave no céu bebendo azul e diz: — Vem !
O vento envolve-me numa carícia,
envolve-me e murmura: — Vem !
As ondas estalam nas praias e vão mar fóra
— as mãos de espuma a prender-me os sentidos
chamam no fundo dos meus olhos: — Vem !

— Camaradas !, eu vou, esperai um pouco...

— Ai! mas a Vida nunca espera por ninguém...
A noite chega vingadora;
o vento rasga-me o fato,
as ondas molham-me a carne
e a ave pia misticamente no ar:
abro os olhos e não vejo,
já não ando, já não oiço
e fico desgraçado de ficar !

Não posso mais !...

Amanhã, sim há-de ser amanhã !,
eu vou-me embora para além do Tejo.

Manuel da Fonseca

NOITE DE CÁES

JORGE AMADO

(Especial para ESFERA)

O homem de colete azul não respondeu. Ficava miúdinho com o enorme colete azul desabando sobre as calças de brim pardo, mais pardas ainda da sujeira.

Ia uma noite lirica lá fora. A poesia da noite chegava até o balcão seboso da venda atravez um pedaço de luar que caía sobre as pedras da rua, as estrelas entrevistas pelas portas abertas, o longinquo som de um violão que alguem tocava ao mesmo tempo que uma voz de mulher, morna voz soturna, cantava certa musica sobre amores perdidos numa distante mocidade. Talvez mais que o luar e que as estrelas, que o cheiro pecaminoso dos jasmineiros no palacete proximo, talvez mais que tudo isso, a voz morna da mulher que cantava na noite perturbou os corações cansados dos homens que bebiam, sentados em caixotes ou encostados no balcão.

O de anelão falso repetiu a pergunta já que o homem de colete azul não respondia:

— E você, seu lesma, nunca teve uma mulher...?

Mas foi o loiro quem falou:

— Ora, uma mulher... Dezenas de mulheres em todos os portos. Mulher é bicho que não falta para marinheiro. Eu, por mim, tive ás duzias... — fazia um gesto com as mãos, abrindo e fechando os dedos.

A prostituta cuspiu por entre os dentes podres, olhou com interesse o loiro marinheiro:

— Coração de marinheiro é como as ondas do mar que vão e veem. Bem que conheci José de Santa. Um dia foi embora seu calado num navio que nem era o dele...

— Ora — continuou o marinheiro — um maritimo não pode ancorar mesmo em carne de mulher nenhuma. Um dia vae embora, a doca fica vasia, vem outro e atraca. Mulher, meu bem, é bicho mais traiçoeiro que mesmo um temporal de vento.

Agora um pedaço de luar forcejava entrar pela porta, iluminando o chão de taboas grossas. O de anelão falso cutucou o colete do outro com a faca de partir carne-seca:

— Fala, lesma. Não é verdade que é direitinho uma lesma? Vocês já viram alguem tão parecido com uma lesma ? Tú já teve mulher?

A prostituta riu ás gargalhadas, passou o braço pelo pescoço do marinheiro loiro e riram juntos então. O de colete azul bebeu o resto da cachaça que estava no copo, limpou a boca com a manga do paletot e contou:

— Daí vocês não sabem onde foi, foi muito longe daqui, noutro porto, noutra terra bem maior. Foi num botequim — me lembro o nome: "Novo Mundo".

O de anelão pediu mais cachaça dando um murro na mesa.

— Eu conhecia a amiga dela, estavam as duas mais um rapaz, eu tomava um trago com um companheiro e tava se conversando das ruindades da vida. Disque não ha paixão de primeiro olhar, bem que é mentira......

A prostituta apoiou com a cabeça e apertou um pouco mais o braço forte do marinheiro loiro. A voz da mulher que cantava encheu de subito a cena suja da venda:

"Partiu para nunca mais voltar..."

Ficaram ouvindo. O de anelão sorvia a cachaça em pequenos tragos como se fosse um licor caro, enquanto esperava, o rosto ansioso, que o homem de colete azul continuasse.

— Que importa? — disse este e limpou a boca com a manga do paletot.

— A lua está grande e bonita. Ha muito tempo não vejo ela assim. — sussurrou a prostituta se chegando mais para o loiro.

— Conta! — Conta o resto. — pediu o de anelão falso.

— Pois foi. Como eu tinha falado tava sentado com um amigo virando um trago. E ele tava se queixando da vida, a patroa dele com umas mazelas, o arame apertado, muito curto. Tava triste, eu tambem já tava ficando triste, foi quando ela entrou. Vinha com outra, eu já disse?

— Disse, sim. — esclareceu o marinheiro loiro que começava a se interessar pela historia. Tambem o espanhol dono da venda se encostou no balcão para ouvir. A voz da mulher que cantava vinha em surdina do fundo misterioso da noite. O de colete azul agradeceu com um gesto ao marinheiro loiro e continuou:

— Pois foi. Vinha com a outra e um fulano. A outra eu conhecia, me dava com ela desde outros tempos. Mas, gente, quasi que nem vi a conhecida, só via mesmo ela.

— Era morena? — perguntou o de anelão falso que tinha uma queda pelas morenas.

— Morena? Não. Não era morena, nem loira tambem, mas, é engraçado, parecia uma estrangeira, gente de outra terra.

— Sei como é... — falou o loiro que era marinheiro de um cargueiro que varava mar largo. O de colete azul agradeceu com outro gesto.

A prostituta murmurou muito chegada ao marinheiro:

— Tú sabe tudo... — sorriu. — Vê como a lua está... Grande, grande e tão amarela.....

— Como esse moço disse... — o de colete azul apontou o marinheiro com o beiço — Parecia embarcadiça de um paquete vindo de longe. Não sei mesmo como cheguei perto, parece que foi o amigo que estava comigo que se chegou para falar com a outra. Daí a ou-

tra disse quem nós era, ficou conversando com a gente... O que foi que conversou juro que não sei... Só vi ela e ela não falou só que ria, uns dentes brancos, brancos, que nem areia da praia.... Vae o meu amigo falava, contava as tristezas dele. A outra falava tambem, penso que consolava. Verdade não sei. Ela e o fulano tavam calados mas ela ria — sorriu lembrando e sorrindo falou —, e fumava depressa, tão depressa nunca vi ninguem fumar. Os olhos dela... — parou se recordando — Não sei como eram os olhos dela... — abanava as mãos. — Mas parecia a fada de uma historia que o negro Asterio contava a bordo do navio sueco, aquele que afundou na barra dos Coqueiros....

O de anelão passou o pé na restea de luar, cuspiu, perguntou:

— E o porreta que tava com ela era dono dessa embarcação tão maneira?

— Sei lá... Tinha porte não... Parecia mais amigo, sei lá... Só sei mesmo que ela ria, ria, os dentes brancos, o rosto branco, os olhos....

Agora metia os dedos pelos bolsos do colete azul, sem geito para as mãos até que resolveu emborcar o copo de cachaça.

— E depois? — quiz saber o de anelão.

— Pegaram, foram embora os tres. Tambem fui embora, voltei ao botequim tantas vezes. Uma vez vi ela de novo. Vinha de longe, tenho certeza. De muito longe, não era daquela terra....

— Tão bonita a lua... — disse a rameira com os olhos tristes. Queria dizer outra coisa mas não encontrou as palavras.

— De longe, quem sabe se do fundo do mar? Só sei mesmo que veio e foi embora. E' só mesmo o que sei. Ela nem reparou em mim. Mas até hoje me lembro do geito dela rir, dos dentes, do geito dela fumar depressa. E o vestido — quasi gritou de alegria ao se recordar do novo detalhe — o vestido de mangas abertas.... — emborcou o copo, esticou o beiço, não estava mais alegre.

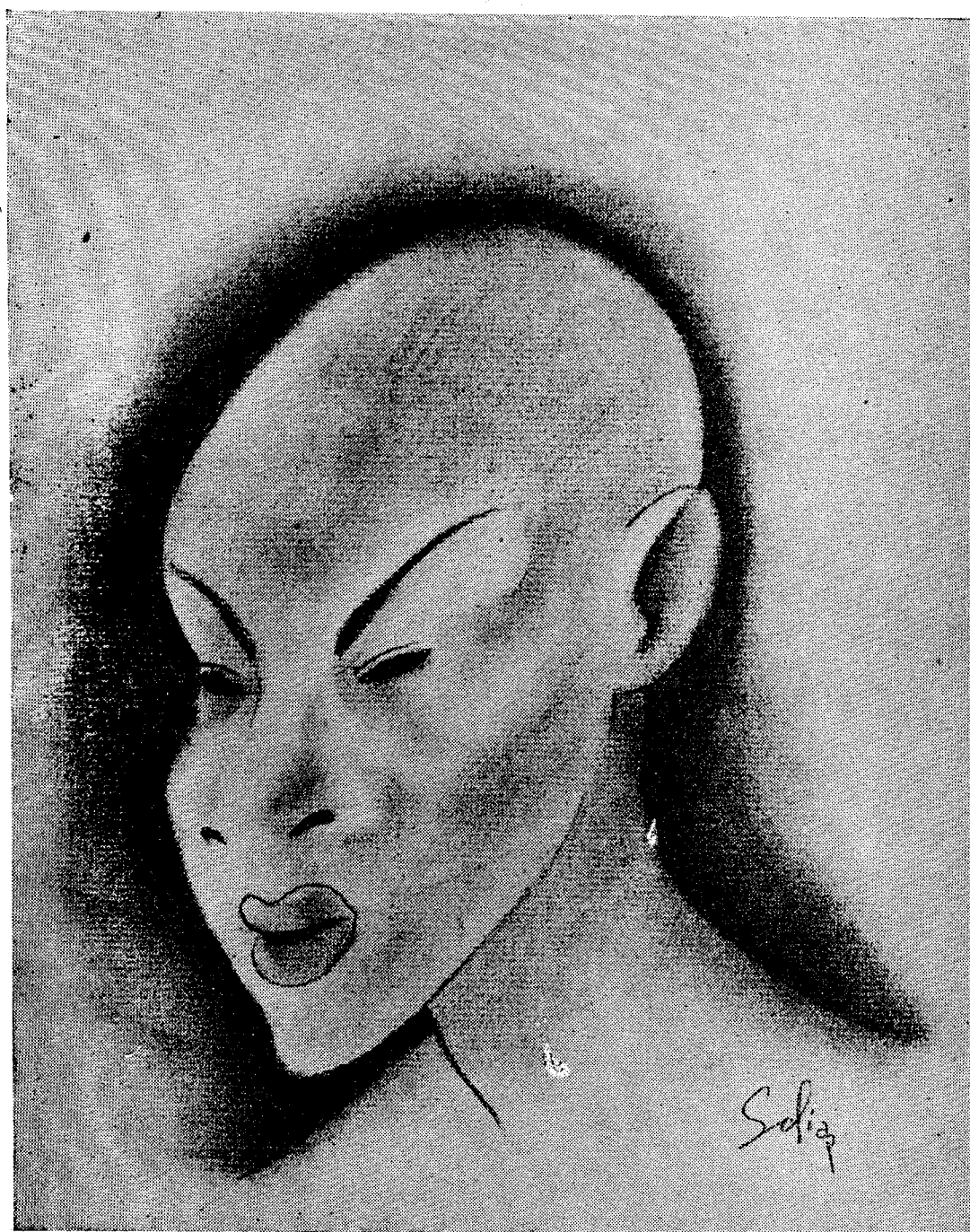
A voz da mulher que cantava na noite lirica ia sumindo devagarinho:

"Partiu para nunca mais voltar..."

— E depois? — perguntou novamente de anelão falso.

O de colete azul não respondeu e a prostituta não sabia se ele estava olhando para a lua ou para alguma coisa que ela não via, lá, mais alem da lua e das estrelas, mais alem do ceu, mais alem da noite tão tranquila. Tambem nunca soube porque lhe deu aquela vontade de chorar. E antes que as lagrimas viessem partiu com o loiro marinheiro para a festa da noite de luar.

O espanhol se encostou no balcão para ouvir as aventuras do de anelão falso, mas o de colete azul agora estava de novo indiferente, fitando a lua amarela no ceu. O de anelão parou a historia de uma cabrocha que contava com grandes gestos, virou-se para o espanhol, apontou o de colete azul:

— Não parece direitinho uma lesma?

Carlos Scliar - Chinês

AVENTURA

EDISON CARNEIRO

PARA ESFERA

Jack London fica num meio termo absolutamente agradavel entre o romance de aventuras e o romance policial. Apezar desta caracteristica, nele .dominante, Jack London se situa entre os melhores escritores da nossa éra ,por uma particularidade deveras interessante — ele viveu as suas avnturas e as descreve com uma espontaneidade, com uma força, com uma beleza, que a vida trabalhosa que viveu não conseguiu apagar de todo. Não escreveu livros ao gosto do publico: foi um condutor, um bandeirante ,abrindo caminhos novos ao romance de avenutras.

A gente sabe, vagamente, da existencia de Rafael Sabatini, da baronesa Orczy, de Karl May. Ou desse terrivel Edgar Rice Burroughs, o autor de "Tarzan", que os filmes de Johnny Weissmüller vão popularizando. Mas aí está a série enorme dos romancistas policiais — Conan Doyle, trazendo o seu Sherlock Holmes, o seu dr. Watson, o seu prof. Challenger, para a imaginação dos leitores; Agatha Christie, guiando pela mão o seu infalivel Hercules Poirot; S. S. Van Dine, mostrando as habilidades de seu **raffiné** Philo Vance; Edgar Wallace, conduzindo, atrás da fumaça do seu cigarro, Featherstone, Elk, Selby Lowe, outros rapazes sabidos da Scotland Yard; Georges Simenon, arranjando lugar para as banhas de Maigret...

Já não sucede o mesmo com Robert Louis Stevenson, "recordman" de edições nos Estados Unidos. Este, apezar do carater fantastico das suas aventuras, se revela um grande animador de figuras de bandoleiros e de piratas — um grande evocador do passado maritimo inglês. O mesmo se pode dizer de Percival Wren, o do "Beau Geste", e de Stanislas-André Steeman, um autor de romances policiais quasi desconhecido no Brasil.

Mas todos eles se limitam á aventura — á aventura que o publico requer no momento. Falta-lhes a **eternidade** da creação, esse estranho poder que faz com que o escritor sobreviva á sua época, sempre atual com o curso das idades.

Sem duvida, Jack London representou uma tendencia social fortemente delineada na ocasião. Foi ele o representante intelectual de um vasto movimento popular, orientado no sentido de alargar as fronteiras dos Estados Unidos, num formidavel desgaste de energia, num heroico esforço de expansão. Era o tempo em que a sêde das aventuras, despertada pela promessa falaz do ouro, atraía gente para o Alaska. Era o tempo em que os homens do povo julgavam poder encontrar, cortando os mares, a fortuna facil. Era o tempo em que a iniciativa individual era valorizada ao maximo: o individuo era a medida de todas as coisas.

Ele mesmo foi levado pela onda — e se viu, permanentemente, sobre o mar ou sobre a terra firme, ligado á aventura. Mas, arrastado pelo vagalhão, Jack London pôde arrepiar caminho, pôde compreender o seu erro, o erro fundamental de todos os que, como ele, arrostaram os frios do **wild** do Alaska em busca do ouro: o erro de haverem querido desertar das fileiras dos homens do povo. Esta experiencia — que lhe deu a possibilidade de um contáto maior com a maldade dos seus semelhantes — dá um grande colorido humano á sua obra: ele luta por um sentido mais alto para a vida, por uma compreensão maior dos problemas do mundo.

Exemplo: "O Tacão de Ferro".

O amor á humanidade — ás caracteristicas mais nobres da humanidade — foi, nele, absorvente. A's vezes, prejudicou a unidade da sua obra: "O lobo do mar". Outras vezes se estendeu aos animais ligados ao homem, resultando em inexcediveis poemas em prosa, que lembram René Maran e Rudyard Kipling: "Caninos Brancos".

A explicação talvez se encontre no fato de haver sido London um homem do povo. Um homem que teve o seu momento de vacilação, mas reagiu contra ele com uma bravura que o redime das veleidades, que acalentou, de ascenção social. Um homem que, além de ligado ao povo, se achava ligado fundamente á terra, podendo sentir o que ele mesmo chamou **the call of the wild.**

Só podemos imaginá-lo forte de musculos, de largo chapelão desabado sobre os olhos, a sorrir amavelmente, convidando-nos para aquilo que foi a paixão unica, a razão de ser da sua vida — a aventura.

A Incrivel Jornada

ILUSTRAÇÃO
DE
PERCY LAU

Especial para ESFERA

Andarei muitos milhares de leguas
até chegar ao país onde mora o musico louco.
Antes contudo, me despojarei de todos os meus bens,
conservando somente todos os poemas que escreví,
a minha harpa e uma lembrança que guardo da Bem-Amada
porque só estes objetos me serão valiosos
lá no país onde mora o musico louco.
Durante a viagem, praticarei diariamente uma bôa ação
afim de que ela se transforme numa oração
que me tornará mais leve para a grande caminhada.
Irei atravez os campos colhendo flôres,
de diversos tamanhos, de diversas côres
para que o musico louco as transforme em sons belíssimos.
Passarei sobre os mares, dansando e cantando,
até chamar a atenção dos afogados
que despertarão e virão curiosos me ver.
Subirei aos mais altos cimos para ver si ha paz ou si ha guerra entre os homens
porque preciso informar ao musico louco o que vai pelo mundo.
Depois atravessarei os grandes desertos onde não ha vida
e que marcam os limites das regiões desconhecidas
Quando sentir os meus cabelos agitados por uma brisa marinha
saberei então que está proximo o grande oceano
de aguas sempre tranquilas e verdes
no meio do qual, num rochedo, mora o musico louco.

Sentido da Nova Humanidade Portuguesa

Á propósito de "As Sete Partidas do Mundo" de Fernando Namora

AFONSO DE CASTRO SENDA
Especial para "ESFERA"

Nota de integração física

O sentido marcado agora com a publicação do romance de Fernando Namora "As Sete Partidas do Mundo" não é uma concretisação de linhas ou de contornos. E' uma afirmação de perspectivas. Será necessário que tenhamos em conta o quanto representa, no amalgama social da vida portuguesa da atualidade, para que possamos julga-lo pelos seus aspectos de relação, aqueles mais (ou menos) do que criticos, que podem interessar presentemente. Ele marca, no post-guerra que começa a dar corpo próprio ao sub-consciente de hoje, com um alcance, em principio, de maturação, uma como que sobreposição de destinos e de essencialidades étnicas.

Sabe-se que a Grande Guerra foi a consequencia direta do predominio economico capitalista e da mentalidade burguesa. Mentalidde esta que, numa crise contínua de crescimento (no que concerne a material humano de construção), até mesmo na contextura revolucionária que a informava, era uma explosão, por vezes doentia, de sentimentalismo e de retórica (e que belos quadros nos dão historiadores como um Seignobos ou um André Ribard (1). Dissolvido tudo num idealismo e numa racionalidade demasiadamente ausentes do ato vital (mas nem por isso menos condição intrinseca por fundamento de estrutura) prégavam-se as metafísicas do **"bem contra o mal"**, da **"verdade contra a mentira"**, **"do útil contra o inútil"**. Distante, ainda, o homem das sondagens psiquicas — de hoje, por inadvertência da dinâmica dos acontecimentos se ía fazendo galardão — o **deve** e o **não-deve,** em arte, eram a bandeira de combate.

Portugal, como se compreende, tambem viveu esse período.

Semelhante excesso de proselitismo, gerou, naturalmente, um cansaço e um desejo de libertação mental evoluia á face que a fator social ía impondo outras necessidades. Entrava-se numa autoestruturção. Apercebida a existencia dum inconformismo, vieram os primeiros movimentos de irreverencia de "Orfeu" chegavamos á estabilisação crítica de "Presença", de que havia de resultar, ajustados os "casos" diversos, a consagração definitiva marcada com o aparecimento da "Revista de Portugal". Consagração definitiva que exteriorisava, como naturalmente se deduz, a **passagem** do movimento. A "Revista de Portugal" era o impulso natural dos ultimos contornos duma geração (surgem-nos, agora, o caso da recente desagregação e dos nomes menos afirmados que vão por lá aparecendo — aliás sem que isto implique alteração fundamental na sua fisionomia) para a qual valiam, sobretudo, os valores estéticos, note-se: para a qual valia, sobretudo, o primado metafisico dos valores estéticos. Ora este primado, cedeu lugar, nas mais jóvens gerações, aquelas citadas acima, produto sub-consciente da conflagração de 1914, aquelas, justamente, contemporaneas das que J. Richard-Bloch chama para a vigilancia da Europa (2) a preponderancia dos valores que formam a espontaneidade vital .

A espotaneidade vital poderemos considerá-la por um abandono ao próprio ato. Este em funçção dum estado mental, económico, cultural, dum clima e duma idade histórica.

Eis o nosso caso: submetidos, excessivamente, primeiro ao proselitísmo da Revolução Francesa; como consequencia, á preponderancia cultural da França diletante e intelectual-super (Sieburg, conquanto fale mais por desforço rácico alemão, tem diferentes pontos lucidamente observados: a França que Erhrenbourg escalpelisa, está demasiado ensimesmada. Admira-se, de certo modo, sobre bases fictícias (3) pudemos no contacio sadio com o realismo de Gorki e agora com a revelação magnífica do Brasil, — tudo dinamizado por correntes filosóficas e sociais modernas — **delinear** outros horizontes para caminhada livre, **aceitar** outros motivos de humanidade.

Pequena descrição de ambiente literário

---

(1) — Consultem-se: do primeiro "Essai d'une Histoire Comparée des Peuples de l'Europe (Rieder) e do segundo — "La France, Histoire d'un Peuple" (E. S. I.).

(2) — Veja-se "Europe" - N.º de Dezembro de 1938.

Tive ocasião de dizer, já, nesta mesma "Esfera", que Fernando Namora, mais do que como promessa, começa a valer como certeza. Proporciona-se ocasião de alargar considerações: certeza, menos pelo livro do que pelo homem. No ambiente que se vai definindo, ele começa a ser uma afirmação positiva. Não vai ficando pelo **"talvez possa realizar".** Entra no **ha-de-realizar".** Mais: **realiza desde já.** Ainda, e sobretudo, porque não é uma realidade individual, mas a exteriorização duma nevrose coletiva, a indicação dum estado latente que começa a adquirir forma própria. São os gritos fracassados dum ambiente social de desagregação. ("E porque não? — Que tenho eu de menos que as outras?" — pensa Florinda quando lhe acode que, á próxima visinhança do estudante João Queiroz ha uma hierarquia que afasta as possibilidades de vir a ser a sua bem-amada!) Mas gritos fracassados (fracassados em ambiente de personagens do livro. Vitoriosos como afirmação humana do escritor, ou melhor: da geração) á força dum artificio que se não coaduna ,de modo algum, com a espontaneidade inicial da vida.

Por "As Sete Partidas do Mundo" desenrolam-se quadros que nada possuem de relevo .E' este correr de dias e de noites, homens e coisas submetidos a uma mecanica de convenção, tudo vergado no mesmo desfalecimento de energias próprias: o Namora inexperiente e candido de colegial tímido ,o ar pretensamente **sabido** dos colegas, — esboços de lubricidade que desponta — a tutela quasi lendária de pais e mestres, longe; reminiscencias de cursos sonhados — os primeiros assomos de afirmação viril, — e as prostitutas. Tambem a proletariazinha que teve um namoro enquanto andou na fábrica, e agora aguarda, de olhos maguados e confiantes, que o senhor dos seus sonhos a leve por dias de ventura e de encantamento.

Como se vê, todo um desfilar de casos banais, de casos que nem chegam a sair duma mediocridade de viver parado. Os tempos passam-se, iguais. E' a realidade vulgaríssima que segue nesta marcha aparentemente imperturbável; que põe o menino, sob a guarda moralisadora de **alguem recomendável,** a cursar o bacharelado; o homem que, ausente do seu próprio dinamismo, se acomoda á lei social, se move em função de classe inacordada; a propriedade privada e a inviolabilidade do matrimónio que criam, por imediata associação, o desnível da vida: com a fragilidade das donzelas, o pecado irremediável da carne; com a supremacia duns o desespero e a inutilização de outros; com a familia ,o adultério e logo a seguir a prostituição, — primeira crise dos sentidos adolescentes. Disto tudo, o desencontro do homem com o social e as consequentes sub e super-estruturações que impelem á busca de outras normas de vida.

De quadros assim fez Fernando Namora um romance que, pelo poder de sugestão ,pela graça própria dos motivos apreendidos, resultou um notável documento das suas possibilidades.

Uma dissecação técnica, e essa de certo modo lúcida e sóbria lha fez Mário Dionísio no "Diabo", salientar-lhe-á um descuido da forma, uma distribuição algo arbitrária, de capitulos ou até de quadros. Tenhamos em vista, entretanto, que se trata aqui, sobretudo, duma questão técnica. Fernando Namora, dando, como deu, um romance de adolescente, um romance feito com toda a experiencia dos seus 19 anos (o romance foi escrito entre os 17 e os 19 — é ele quem o diz) deu-nos o que muitos escritores de nomeada não têm podido nem poderão dar: páginas vividas ou sentidas com uma intensidade lírica, com um tão legitimo sabor de drama coletivo ,com um tacto tal de reminiscencia e sugestão, que surpreendem. E tambem uma possibilidade de encadeamento de realidades, de integração física de acontecimentos, a que não estamos muito habituados.

Desde Aquilino (e bem se sabe que Aquilino é um escritor formado) com os seus motivos rusticos de inesquecivel encanto, desde os burguesíssimos romances de Gaspar Simões, Paço d'Arcos (aqui mais sabor e propriedade do que ali) etc. até Ferreira de Castro (em F. de C. não consigo abstrair o "tom" demasiadamente de reportágem nem a pouca naturalidade dos diálogos), e derivando para outros menos afirmados, em todos se me afigura encontrar, como construção de ambientes literários, este ou aquele aspecto de convencionalismo, este ou aquele menos nítido (é delicado o ter de esquematisar assim) ajustamento que Fernando Namora, por naturais dotes me parece ter superado com êxito. E' que, pude dize-lo já: a prosa de Fernando Namora, conquanto sem riqueza literária, é já parte integrante do próprio livro — e este é um correlacionamento de fatos e de idéias.

No mesmo apontamento rápido tive

(1) — Leia-se, de F. Sieburg, "Dieu est-il Français?" (Grasset) e de Ilya Ehrenboug "Vus par un ecrivain d'U. R. S. S." (N. R. F.).

ocasião, tambem, de o colocar em paralelo com Marques Rebelo. Devo precisar melhor: aquele seu poder de reminiscencia, de sugestão de raciocinio alheio, é com Marques Rebelo que o identifica. E os motivos do livro, com os de "Marafa", do escritor brasileiro é que se ajustam. Diferente deste, creio possuir. F. N. aquela impetuosidade lírica tão saborosa em Jorge Amado — note-se: impetuosidade lírica enquanto processo de exteriorisação. Porque logo esta começada a revelar-se, é de Marques Rebelo (Veríssimo tambem o tem, em determinada face por companheiro) que Namora se aproxima.

Arte — fator de "sim" ou "não" aristocracia

O problema da aristocratização ou desaristocratização da Arte — é ponto fundamental no clima literário da atualidade. Tendo em atenção que o espaço e outras coisas não permitem, no momento, o contrário, é de conveniencia julgá-lo em síntese.

Se observarmos, libertos de preconceitos de escola, veremos que a tendencia da arte para elites (será bom que compreendamos, esclarecimentos, as **nuances** várias da palavra, e dentro destas, o seu significado, aqui) só existe em virtude duma deformação de tendencias estéticas, estas, por certo, provenientes duma realidade, qualquer que seja, profunda e merecedora de ponderadas reflexões. Porque a aristocratização da arte, sendo uma questão de teoria estética ,aliás de relação com a realidade prática, quando afirmada como documento coletivo (e ele é mais ou menos coletivo na razão da qualidade, evoluida dos seus defensores) revela uma estrutura mental que, como se sabe, corresponde a um nível social, económico ,etc.

Aqui, justamente, toca esta divagação: a tese "arte para as elites", discutida em teoria, existe, sobretudo, como atitude mental. Ora a atitude mental, tem raíses fundas no estado social, no momento etc. Surge-nos em idéia esquematizada, o problema pelos seguintes aspectos: — homem, o artista, vive a angustia dum período de transposição. Não tem possibilidades, o artista, cujo sub-consciente se formou na fermentação dos dias de hoje, de abstrair da sua voz (subjetiva no que concerne a estrutura psiquica por descendencia intima; objetiva no gráu intelectivo de captação e gestação de idéias) — o drama fundamental desse mesmo período. Se, como força inconsciente de massa, ele vive hoje pela sublevação de instintos ,dentro dessa força de massa ele comporta uma realidade de classe social. Esta, como se sabe, é que hoje fundamenta e dá corpo aos grandes rasgos.

Resta-nos, portanto, precisar duas atitudes mentais: ou o homem aceita, por uma norma de estrutura intrínseca, a realidade coletiva do drama e vive integrado nele por afirmação objetiva e subjetiva de realização artistica, ou ele, por quaisquer razões, vive apegado a idéias de não-promiscuidade, e cria, nesse caso, de acordo com elas. Mais só no que se refere á afirmação mental de problemas — ou na medida em que nos é possivel conceber a desintegração: objetivo-subjetivo. Na base uma questão de classe social (e os esquêmas rígidos são impossiveis que se exteriorizar por duas atitudes mentais.

Rápido double-face

Aristocratização implica a existencia de "só alguns". "Só alguns que deveriam ser — os melhores. Ora nós sabemos bem que a realidade é suficientemente desconexa para que estes "melhores" possam não ser os "melhores" na realidade. Ou que em tal designação, por acidente, (acidente fundamental, aliás) não sejam incluidos todos os, de fato, "melhores". O problema, de resto, não tem resolução possivel. Reduzido a si mesmo, cairia num postulado metafísico sem significado. Apercebemo-nos dele, sim, mas só para caminhada. Ora é nesta caminhada que o aplicamos. Se existe na realidade social, a necessidade dos melhores, então é a esses que cumpre buscar. Mas os melhores só podem buscar-se, não nos valores formados (ou relativamente formados) mas na realidade profunda, anónima. Para isso impõem-se que a vida plena seja dada a essas massas anónimas, justamente para que no contacto com ela tenham possibilidades de retribuir em enriquecimento mutuo. Ora o anónimo, como foi apontado, dessa realidade, reclama a entrega **desprevenida** da arte ou de quanto, dum modo geral, afirme — vida. Impõe o abandono, **à massa,** do homem total. Impõe uma desaristocrotização da arte como de todas as fontes de vida.

Para o momento, não será necessário ir além.

Abstraindo o caso em que tal pode ser uma mediocriddade de inteligencia, só uma visão deformada (e uma visão deformada, vimo-la atrás, tem quando afirmada coletivamente, uma realidade profunda — é uma expressão de cultura e de idade histórica)

LUZ AL VIENTO

Para "ESFERA"

Buen Amigo

Medita, estudia, observa, escucha, calla.
Es buen amigo la filosofía:
Se acercará al saberte en la desgracia.

Filosofía y Musica

Filosofía y Música, sois por igual consuelo:
Tú que a la áspera tierra me aplastas resignándome
Y tú que me levantas a ser un dios sin cielo.

Intención

Mastica soledad. Bebe silencio.
Siempre llega el triunfo, aun casi póstumo:
Cuando nada se espera de los hombres,
Los hombres le dan todo.

ALVARO YUNQUE

ARGNTINA

pode levar a que se preconize a aristocratização da arte, ou, dum modo geral, da vida. Adapto uma frase alheia :"O melhor meio de defender uma Cultura, é expandi-la".

Sentido da nova humanidade portuguesa

Fernando Namora é, naturalmente, um escritor em franca ascenção. De nenhum modo o seu livro é um trabalho definitivo. Isso permite que, tendo em conta as realissimas faculdades de que é dotado e às quais procurei adaptar umas considerações de compreensão e síntese, nele saudemos toda uma geração que, numa hora angustiosa e incerta, se vota, por um despertar consciente de idade e de condição, a um legitimo retorno da arte á vida, fonte imperecivel de beleza, mesmo nas horas trágicas. ... que a arte, mesmo quando feita por aqueles que a querem — e a fazem — (ou julgam fazer) aristocrática, se é, na realidade, de merecimento, (e isto não quere dizer que toda a arte votada ao social seja de qualidade) é sempre um cofre inexaurivel de problemas coletivos, insoluveis na sua própria resolução.

Fernando Namora, dentro dêste conceito da arte sem-aristocratização, dá-nos a prova documental, de tanto mais largo interesse quanto se reporta a um como que depoimento de geração, do sentido da nova humanidade portuguesa: alargamento de possibilidades de projeção, fermentação universalista de idéias — e uma auspiciosa socialização dos homens e da cultura, de tudo, em suma, quanto compõe a nação Portuguesa que começa a afirmar-se. Portugal.

Mario Sette, Cronista do Recife

PAULO CAVALCANTI

(Especial para ESFERA)

Quem quizer reconstituir, em suas côres próprias, o Recife do fim do século passado e começo do presente, tem de recorrer aos livros de Mario Sette.

Isto tem sido dito por aí afóra não sei quantas vezes.

Mas é preciso ressaltar que Mario Sette não fez sómente o retrato objetivo do Recife. Nada disso. Foi mais longe. Descreveu e fixou psicológicamente os tipos da cidade. A par do pitoresco das cênas cotidianas da velha capital nordestina, ele mostrou, em pinceladas rembrandtêscas, figuras humanas que passarão á história como verdadeiros retratos vivos.

Si não fosse coisa já batida, eu seria capaz de dizer que tenho a certeza de privar da intimidade de muitos tipos romanceados pelo autor de "Seu Candinho da Farmacia". Pelo menos não me posso furtar ao desejo de afirmar que tenho no macambuzio Xixi um velho companheiro de repartição.

Mas, Mario Sette fez tambem o perfil psicológico da cidade.

"Os Azevedos do Poço", esse romance que veiu provar que ser "modernista", em literatura, não é sómente falar em ciclos de cacáu, de açucar, de borracha, etc., "Os Azevedos do Poço", como ia dizendo, é o retrato fiel, o desenho animado, do velho Recife de mil novecentos e poucos.

O ultimo livro de Mario Sette é um romance onde se mexe toda uma população. Onde os tipos mais sugestivos se mobilizam para dar ao leitor uma visão de conjunto duma coletividade. Técnica, aliás, que muito se aproxima de "O Cortiço", de Aluizio. E que passa perto, tambem, do processo de formação de "Caminhos Cruzados". Certa vez, analisando "Suburbio", de Nelio Reis, tive oportunidade de falar nesses escritores que têm a obsessão de "fabricar" personagens com a mesma facilidade e a mesma "inconsciencia" com que u'a maquina de padaria fabrica biscoitos. E falei tambem na confusão que resulta desse modo de povoar romance.

Conclusão: o romancista descreve ou pensa descrever suficientemente um tipo à pagina 143 do livro e, na 150, tomando a fazer surgir esse mesmo personagem, dá ao leitor, tal o amontoado de figuras e tal a carencia de traços caracteristicos, a ilusão de uma nova creação. (Convem acentuar que neste erro não incorreu Nelio Reis).

Pois bem, Mario Sette teria feito isso si não tivesse tido a preocupação de deixar, em cada retrato, um pouquinho de colorido inconfundivel, de graça peculiar, de individualidade, que trazem ao leitor a idéia do já visto.

Houve quem achasse o novo livro do autor de "Senhora de Engenho" mais cronica do que mesmo romance. Não resta duvida. Nem isso constitue novidade que se assemelhe á descoberta do Brasil.

Mario Sette será sempre o cronista do Recife. Mesmo onde sua pena quizer ser outra coisa.

E, ao meu ver, foi justamente o poder de reconstrução, a prodigiosa força descritiva, que deu mais valor ao novo romance do simpático conterraneo.

O proprio Eça, em quasi todos os seus livros, não fez outra coisa senão mostrar os costumes do Portugal de sua época, com seus passeios, seus bailes, suas festas literárias, suas cronicas mundanas, suas aventuras amorosas, seus tipos, seus aspectos exteriores, enfim. E ninguem condenou "Os Maias", por exemplo, por ter sido mais cronica do que romance.

Mario Sette está para o Recife como Manoel Antonio de Almeida e Lima Barreto estão para o Rio. Sendo que, entre nós, Mario Sette conseguiu o milagre de reunir, na sua obra, á espontaneidade descritiva do autor de "Memorias de Um Sargento de Milicia", o poder de penetração psicológica do pai espiritual de "Policarpo Queresma".

O PENTEADO DE MME. RONET

MIROEL SILVEIRA

(Especial para ESFERA)

Duas moças perfumadas e elegantissimas perturbaram com uma campainhada o silencio daquela modesta casa de bairro. Vieram atender.

— Mme. Ronet?

— Oui. Ela mesma.

— Quanta alegria, Mme! Estamos ansiosas por aprender com a senhora!

— E... será que Mme. ainda dispõe de alguns minutos por semana para nós? Ah! Madame, diga que sim!

Mme. Ronet encolheu-se, desconfiada como toda pessoa acostumada ao sofrimento, e passou a responder secamente, quasi que á espera de algum acontecimento desagradavel.

—Tenho horas livres, oui. Mas a qui tenho o prazer de estar falando?

— Não, mas com horas não podemos! Queremos só alguns minutos por semana, Mme. Sabemos que os seus preços não estão bem ao nosso alcance.

Mme. Ronet julgou não ter escutado direito. Ha tanto tempo que os seus ouvidos a atraiçoavam... Disse o preço de sempre, temendo um pouco afugentar aquelas tão bem trajadas possiveis alunas:

— Em casa das alunas, uma vez por semana, é sessenta mil réis por mês.

E vendo espanto no olhar das duas, apressou-se a acrescentar, quasi como se desculpando:

— Agora, si vierem a minha casa, posso fazer um preço especial, por serem duas; quarenta e cinco mil réis para cada. Pena que o meu piano esteja um pouco velho...

Mme. Ronet notou que as moças não a estavam levando a sério.

— Já nos haviam dito mesmo, Mme. Ronet, que a sra. tem um adoravel senso de "humour". Quarenta e cinco mil réis por mês... Imagine... Adoravel, adoravel!

Houve dentro de Mme. Ronet um impulso de submissão (voyons! até por trinta e cinco mil já tinha aceito alunas) e outro de revolta. Foi este o vencedor. Pois então aquelas ricaças iam á sua casa só para a humilhar? Si achavam que quarenta e cinco por mês era demais, que s'en fossem. Ela já passara tão maus bocados, não seria pela perda de duas futuras alunas que passaria peores.

Afastou-se com gesto subitamente energico e abriu a porta da salinha que dava para o terraço, demonstrando-lhes que deviam partir. As moças encabularam, perceberam que haviam dado uma rata, e temerosas indagaram:

— Quando podemos começar, então?

Mme. Romet pressentiu que elas nunca voltariam. Respondeu-lhes num sorriso amargamente intencional:

— Quando quizerem.

Elas já estavam no terraço, e Mme. Ronet segurava a porta da salinha, ansiosa por fechá-la, quando ainda houve outra pergunta, já dita meio de longe, e timidamente:

— Mas nós queremos aprender canto, e não piano, Mme. Será que temos voz?

Mme. Ronet não escutou. Ha tanto tempo que os seus ouvidos... Para rematar e vêr-se livre daquelas presenças, respondeu-lhes qualquer coisa, nesse tom vagamente afirmativo dos surdos:

— Oui...

E fechou a porta para poder ficar triste á vontade.

As duas demoraram-se ainda um pouco no jardinzinho solitário de Mme. Ronet, olhando a porta que se fechara tão sem cerimoniosamente. Nunca haviam sido tratadas de modo tão rispido assim. Logo se desanuviaram: ... ...

— Viu como ela é formidavel? Para saber que temos voz não precisou nem ouvir-nos.

— Bem que nos falaram que ela é primeiro premio do Conservatorio de Paris.

— Mas é exquisita... Que geito de nos receber! Em pé... nem nos convidou para sentar. Vive sózinha...

— A casa é alinhadissima. Reparou que a sala só tem um movel, sóbrio, de linhas duras?

— Depois, que energia, Nossa Senhora! Despediu-nos com a maior displicencia.

— Só estou pensando no penteado dela. Precisamos perguntar-lhe que cabeleireiro frequenta.

— Aquele penteado deve ser muito dificil de se fazer! Tudo para cima, tudo, em boucles presos no alto. Orelhas de fóra...

— Os brincos agora precisam ser finos. Vou pedir uns a Mamãe.

— Nuca tambem de fóra... Que penteado ousado! Sinto até um arrepio ao pensar nisso.

— Invenção da Danielle Darrieux, aquela francezinha maliciosa.

— Da Joan Bennet, agora.

— Mme. Ronet tambem é francesa.

— Mas foi a Joan Bennet quem inventou o penteado, estou dizendo!

— Você está maluca.

— E com você não adianta discutir. Oh! creatura irredutivel! Mas Joan ou Danielle, o certo é que Mme. Ronet, entre nós, foi a precursora, a primeira a usar o penteado para cima.

— E reparou que ela está tentando reviver, tambem, aquela moda da fitinha de veludo no pescoço?

— Essa não pega, não.

— Isso é que você não sabe. Pois Mme. Ronet não a está usando?

— É...

—Olhe, para mim, Mme. Ronet é a mulher mais chique da cidade. Bateu de longe a senhora Alves de Coelho, de longe!

— Natural! Aquela atrazada ainda usa rolinhos...

— Não fale muito que você tambem ainda se penteia desse geito.

— Mas na proxima aula Mme. Ronet tem que me explicar, custe o que custar, como se faz o penteado. Quando voltaremos?

— Amanhã... não?

— Pode parecer apressado demais, mas desta vez quero pôr a Alves de Coelho no chinélo. Com a nuca á mostra, estaremos "up to-date", e ela vergonhosamente atrazada.

— Lembra-se quando os vestidos se usaram curtos outra vez, como ela falou, ao nos encontrar com as saias abaixo do joelho?

— Ora si lembro! A malcriada fez um arzinho protetor e alfinetou: "Filhinhas, vocês ainda estão com a mesma costureira? Contaram-me que é ótima, durante muito tempo coseu para as freiras..."

— Ah! mas desta vez ela me paga. Vou dizer-lhe, muito inocentemente: "Você ainda está com o mesmo cabeleireiro? É esplendido! Não foi esse que aprendeu a profissão no orfanato, penteando meninas asiladas?"

Foram embora e voltaram no dia seguinte. Mme. Ronet custou a acreditar que fossem as mesmas creaturas que tanto a haviam maltratado na vespera. Não poude deixar de pensar que a rispidez, de vez em quando, produz seus resultados. Como sempre, e mais uma vez, acusou-se de molenga. Mas ela era molenga, mesmo. Coração de manteiga. Só de ver as moças voltarem já se sentia mais enternecida que orgulhosa:

— Começamos hoje, então? C'est parfait!...

As duas moças falavam, excitadas com a presença da grande professora, intimidadas e ao mesmo tempo cheias de admiracão pelas maneiras de mme. Ronet, que nem lhes respondia ás perguntas, mas que ao mesmo tempo, as entontecia de agradinhos e de "c'est parfait!". Mme. Ronet levou-as até outra sala, tambem vazia de moveis, onde um velho piano aberto sorria amarelo. Fez uma das moças sentar-se no banquinho, esqueceu-se que a outra continuava em pé, e em pé tambem começou a dar ordens:

— As mãos comme ça. Não levantar demais o pulso. Attention ao cotovelo, deve estar sempre mais baixo que as mãos. Maintenant: aperte as notas ao mesmo tempo. C est ça! A senhorita deu um acórde completo, de tônica. Conhece bem as notas, a teôria musical, não?

— Não, mme., não. Mas é preciso saber isso para poder cantar?

Mme. Ronet respondeu á pergunta que tinha ouvido, e não á que fôra formulada:

— Indispensable! Indispensable.

As duas se entreolharam, admiradas. Curiosa maneira essa de ensinar o canto! Naturalmente, era a ultima palavra em materia de pedagogia musical. Bastava ser mme. Ronet quem o estivesse afirmando. Indispensable!

Ao cabo de alguns minutos de aula, a resistencia terminou. Ambas perguntaram, mal contendo a aflição:

— Mme., por favor, quem é o seu cabeleireiro?

— Quoi?

— Quem fez esse penteado na senhora, Mme.?

A indignação exasperou novamente a tão conformada mme. Ronet. Pois então aquelas duas queriam mesmo divertir-se á sua custa?

— Eu mesma. Faço fazendo. Não sabem enxergar? Des boucles vers le haut, e pronto. Vamos, continue o exercicio, menina.

Nem uma delas sabia francês, entenderam só que mme. Ronet estava zangada, talvez mesmo as tivesse xingado. E como era esperta! Afinal, sobre o penteado, mesmo, que era o que interessava, não dissera nada. Egoista... Tal qual a tia delas, que nunca dava ás amigas as suas receitas, ou si as dava, dava-as erradas propositadamente. Quatro colheres de fermento em vez de duas...

— Allons! Vamos, faça attention!

O exercicio massante continuava.

— Os dedos estão duros demais. Não, voyons!, com delicadeza! Olhe o cotovelo...

....Em cima do piano, um maço de musicas atraiu a atenção da moça que se fatigava de pé. Poz-se a folhea-las. Fauré. Chaminade. Délibes. Massenet. Tudo coisa muito adocicada.

— Menina, você maintenant.

....Ao sentar-se ao piano, ela trouxe na mão a musica que folheára por u l t i m o. Quando chegaria a cantar aquilo? E a mme Ronet ainda as obrigava a estudar piano antes...

Abriu-a. Quanta n o t i n h a incompreensivel!

— Que musica é essa, Mme. Ronet?

— Um trecho da opera "Mignon" de Ambroise Thomas.

— Cante-a um pouco para nós ouvirmos.

— Comment?

— Ora, Mme. Ronet, todo o mundo sabe que a senhora é primeiro premio do Conservatorio de Paris.

Mme. Ronet estremeceu, como si tivesse sido revelado, em publico, o seu maior segredo. Nunca havia contado a ninguem esse fato, porque prometera a si propria, ha tantos anos já, não cantar mais deante de ninguem, para evitar a volta das recordações que o canto sempre lhe trazia. Recordações, recordações... sentou-se ao piano, mais para contornar a sua perplexidade do que para outra coisa. Com os olhos baixos, fez com que as mãos adejassem pelo teclado, numa sinuosa caricia de sons.

— Cante, Mme. Ronet! Cante, vá!

Seus dedos tremeram um pouco na introdução. Depois não poude impedir que uma voz saisse de dentro de si, uma voz que ela tinha a impressão de não ser a sua:

Connais-tu le pays où fleurit l'oranger, le pays des fruits d'or et des roses vermeilles...

Não, não era ela que estava cantando. A Mme. Ronet de agora já esquecera tudo isso, não passava de uma velha automata perdida no naufragio da vida.

Où la brise est plus douce et l'oiseau plus lèger, où dans toute saison...

Sim, o país da eterna primavera lá ficara, para trás, tão para trás. Essa primavera existira de verdade no coração de uma mocinha como todas as mocinhas, que se chamava Marie. Marie ia ao Conservatorio estudar piano e canto. Na volta os páis perguntavam a Marie como tinha ido, e ela respondia, ingenuamente orgulhosa, que o professor lhe repetira, mais uma vez, que ela ainda seria a maior cantora de Paris.

Où rayonne et sourit un éternel printemps sous un ciel toujours bleu?...

Paris é uma paisagem que pertence a Marie. Ali ela será glorificada. Mas Marie viu tambem outras paisagens. Não, esse país de sonhos e de primavera eterna, não existe, nunca pode ter existido Ha apenas um casamento, tão belo mas tão pungente Logo depois do noivo vem um marido. Por quê se casou?

C'est là que je voudrais vivre, aimer, aimer et mourir...

Essa Marie tão joven que está cantando, acredita na paisagem das rosas vermelhas porque ainda não viu o resto, porque ainda não viu aquele quadro inesquecivel: o marido... a empregada... Para quê deixam cantar essa ingenua Marie?

Mais de vinte notas soaram ao mesmo tempo, desafinadamente, sob o peso do braço que cobria a cabeça de Mme. Ronet. As lagrimas caiam depressa, porque já conheciam bem o caminho. As ultimas notas da voz sonhadora de Marie ainda enlangueciam o ar da sala.

As duas alunas acharam a voz linda, porque a cabeça da cantora, inclinada, mostrava "boucles" arrumados para cima. Fizeram-se sinal, como a se dizerem: "Está inspirada". E partiram pé ante pé, temendo interromper o que julgavam ser vôo e era apenas quéda. Sobre o movel modernista da sala de visitas, deixaram um envelope fechado.

Só no dia seguinte é que Mme. Ronet encontrou esse envelope, quando foi atender a campainhada impertinente de um chofér, que lhe anunciou a chegada da sra. do secretario do Presidente. A senhora do secretario do Presidente, — que não tinha outro nome a não ser esse — desceu majestosamente do carro oficial, em torno do qual se reuniram alguns molecotes curiosos, e entrou não mede Mme. Ronet. Falou-lhe mil frases com grande volubilidade, mas mme. Ronet só conseguiu ouvir uma ou outra, solta, como "já sei do seu método", "é uma verdadeira voca-

ção", "Conservatorio de Paris", de resto, não entendeu claramente coisa alguma. Respondeu a tudo mais ou menos cortezmente, em afirmações vagas para não comprometer a sua surdez, recebeu outro envelope que a senhora do secretario do Presidente lhe deixou nas mãos, e viu-a partir não menos majestosa do que na entrada.

Qu'est-ce donc? Abriu o envelope da senhora do secretario do Presidente. Continha trezentos mil réis. Abriu o outro e viu que trazia duzentos.

Mme. Ronet ha muito tempo não recebia tanto dinheiro ao mesmo tempo. Aproveitou para ir á cidade comer morangos "à la crème". Era o que mais gostava, e só o que lhe apetecia. Os garçons, desde trinta anos que estavam no Brasil, insistiam com ela para que os chamasse por "morangos com chantilly". Ignorancia deles. O nome exato era mesmo morangos "á la crème".

Ao voltar encontrou outro carro parado á sua porta, e outras novas alunas lhe trouxeram envelopes. Mme. Ronet aproveitou a maré para encomendar morangos "à la crème" diariamente, no almoço, no jantar e no lanche. Todas as novas alunas diziam frases parecidas, que ela escutava vagamente: "Conservatorio de Paris", "já conheço o método", etc. A todas as suas alunas de canto mme. Ronet ensinava piano. Quasi todas (coisa exquisita, péssima educação) lhe perguntavam pelo seu cabeleireiro. A nem uma Mme. Ronet deu a confiança de responder. Atrevidas!

Mme. Ronet anda sempre tão distraida do mundo e das coisas do mundo, que nem siquer reparou no penteado das suas alunas. Aos poucos, um dia esta, outro dia aquela, foram todas levantando os cabelos e fazendo "boucles" no alto da cabeça, orelhas e nuca de fóra. Alunas e professora, e logo todo o mundo nas ruas, andava desse geito.

A diferença estava em que todo o mundo adotara esse penteado ha dez, quinze, trinta ou quarenta dias. Mme. Ronet adotara-o ha trinta e tantos anos, e a ele se mantivera fiel sem esmorecimento.

Em 1903 chegara ao Brasil, de novo sózinha, ansiosa por esquecer uma cena, que no espaço durara apenas o tempo de abrir e fechar uma porta, mas que dentro dela durava eternidades. E as eternidades são mais longas que o tempo de abrir e fechar uma porta... Mme. Ronet adotára o unico recurso possivel, automatizar-se, para poupar explicações e palavras a quem não lhe interessava — isto é, todos.

Arranjou alunas de piano. Esqueceu a voz e a Marie que ia conquistar Paris. Ensinava sem interesse, meio longinqua, só para poder sustentar-se. A principio ganhou algum dinheiro, só porque era a ultima professora de piano chegada da Europa. Depois, aos poucos, as alunas foram debandando, debandando, e só algumas, muito raras, ficaram. O preço das aulas foi baixando. Que pagassem o que quizessem! Mme. Ronet só queria esquecer. Mme. Ronet só podia lembrar.

Nos melhores tempos, havia comprado uma casinha, bem afastada da cidade, essa mesma em frente da qual, hoje, tantos carros bonitos vêm parar. A casa envelhecera, ao inverso da dona, que ao compral-a já era a mesma velha de agora — apenas com trinta e tantos anos a menos. A casa não só envelhecera, como fora tambem perdendo o que a guarnecia. Os moveis foram vendidos lentamente, conforme a necessidade ia chegando. Os quadros, os bibelôs tiveram o mesmo destino. Aquele movel moderno da salinha de visitas, que as duas moças acharam tão moderno e original, era o pano grande de uma ex-cortina cobrindo caixotes cheios de musicas velhas. A dona da casa, abandonada, esquecida, continuava a pentear-se, através de todas as vicissitudes, como em 1903: cabelos para cima, em "boucles" presos no alto; orelhas e nuca de fóra; um pente atrás; muitos grampos dos grandes; uma fitinha de veludo no pescoço.

Hoje, quando as suas inumeras alunas lhe dão um curto momento de sossego, Mme. Ronet põe-se a indagar qual teria sido o motivo do seu repentino sucesso, exatamente no momento em que — ela bem que o sabia, hélas! — as suas faculdades já não eram as mesmas. Estava surda... Cansada... Não encontrava explicação para nada, nem para aquilo. Seria seu valor, afinal, reconhecido? Lembrava-se das palavras cheias de estimulo de seus antigos professores. Qual! Estava muito burra, não compreendia mais nada...

Mme. Romet prossegue, incompreendida e sem compreender, dentro do seu destino. O mesmo penteado que afugentou alunas durante trinta e tantos anos, hoje as atráe, maravilhadas. Até parece que a pobre Mme. Ronet levantou os cabelos em 1903 e ficou de atalaia, esperando que a Moda passasse. Como ela custou! Só agora é que se encontraram, na esquina destes anos. A Moda, então, reconhecendo-a, deu-lhe o braço camaradamente, e puzeram-se a passear juntas. Como provocam admiração! A Moda é sempre uma companhia preciosa e invejavel...

O diabo é que Ela é, tambem, muito voluvel. Abandona, hoje, o que amou ontem. Repudia subitamente tudo o que adorou, e de repente incensa o que já ridicularizara. É meliflua e pérfida, insensata e cruel.

Um dia, dentro de um mês, tres, quem sabe? ela abandonará Mme. Ronet no meio da estrada, com os seus eternos cabelos para cima, a nuca e as orelhas de fóra, sem morangos "à la crème" (apesar da teimosia dos garçons), sem alunas fervorosas de admiração, mas com muitas recordações, muitas, ao lado de uma imensa vontade de esquecer o curto segundo em que se abriu e se fechou certa porta. Os moveis voltarão a ser os mesmos.

Caixotes velhos cobertos por um pano que já foi cortina, na salinha de visitas. Um triste piano que não será tocado, na sala de dentro. Sonhos que mais nem um vento de esperança agitará. Surdez. Velhice. Solidão.

E uma senhora gorda, esposa de um qualquer secretario de Presidente, dirá com a majestade habitual, resumindo a opinião unanime:

— Mme. Ronet? Uma professora detestavel! Imagine que usa cabelos levantados para cima, ainda...

LUIZ É UM MENINO TIMIDO

MELO LIMA

(Especial para ESFERA)

Telmo Vergara, o tranquilo Telmo Vergara de várias histórias tranquilas, auscultando demoradamente seu coração, numa longa revisão mental, escreveu ESTRADA PERDIDA, romance de muitas páginas, de muita força emotiva, de muita vivacidade estilística e, o que é melhor, de muito humanidade. E mais ainda, independente.

Seus meninos (deliciosas criaturinhas sempre muito vivas e decentemente tratadas), o tímido Luiz, a provocante e encantadora Ligia e o orgulhoso Roberto, vagamente antipático, vivem intensamente, vivem profundamente e são, justamente, durante toda a primeira parte do livro, a valvula por onde correm muitas situações interessantes e onde o autor nos presenteia cenas realmente admiráveis, não sómente pela delicadeza com que são descritas, como tambem, pela força e variedade emocional.

Em ESTRADA PERDIDA, os panoramas de infancia vêm cheios dessa mesma delicadeza de sentimento do contista, (provavelmente do homem), e, mais uma vez, apresenta-se senhor da força de dialogos. Mostra-se um rigoroso narrador e sua visão ampla das coisas, aliada à fresquíssima vivacidade de seu estilo — desse seu estilo ansioso de detalhes, — lhe dá uma certa supremacia, um certo "alegre domínio" que nos delicia.

O tímido Luiz, o personagem central do romance, está delineado de uma maneira honesta e sincera, assim como Ligia que, aliás, no princípio, vive muito mais que os outros, e Roberto, menino forte, robusto, talhado para vencer sem grandes esforços. Como sempre, Telmo Vergara é de uma simpatia bem significativa com as pessôas de seu romance. Nenhuma é antipática, nenhuma é ruím, digamos. O realismo em que o autor deseja envolver algumas delas, provocando revolta, não é absolutamente chocante e não provoca a reação desejada, e ás vezes mesmo exigida pela situação.

Telmo Vergara não penetra diretamente no assunto. Gosta da distancia e da altura. Faz muito rodeio, muitas curvas, insiste muito em certos detalhes sem importancia emocional, apenas estilística, enfim, há razão em pensarmos que Telmo Vergara é um tímido. Sabe fugir de uma maneira muito delicada e não afirma. Não sofre grandes perdas. Por isso mesmo o seu realismo não é convincente, ou melhor, não é como ele mesmo deseja. Alguem disse que o contista não afirma, sugere. O mesmo acontece com o romancista há muito tempo anunciado por aquele, nos seus paineis humanos, de emoções em camara lenta. Sua serenidade de lago tranquilo que medita, sua serenidade diante da cousa mais estranha e mais formidável do mundo, que é um espírito se formando, como o de Luiz, com toda a sua timidez, frágil e despreocupado diante do perigo, não é uma serenidade indiferente que passa e que maltrata. Deve ser uma constante no homem, porque Telmo Vergara é verdadeiramente carinhoso quando se movimenta com crianças. Sentimos que ama esses meninos, da mesma maneira que Marck Twain amava Tom Sawyer. Essa vontade de fazê-los amados é uma prova. Mostra-se um excelente observador.

Roberto, Luiz e Ligia são meninos comuns, filhos de papai mais ou menos rico. ESTRADA PERDIDA é a história desses garotos, de seus pais, de parentes, de amigos, enfim, da família. Estão muito bem retratados nos seus desejos, vicios, brigas, gestos, palavras e brincadeiras. Vivíssimos e humanos.

O tímido Luiz, Lígia, a de olhos negros, labios cheios, deliciosamente assexuada, o tipo da garota que viveu na infancia de todos nós, enchendo-nos de cábula e de desejos, e Roberto são a trilogia encantadora que movimenta o simpático Dr. Ferreira, o notavel primo Rodrigues, o velho Peleu, Marciano, Umbelina, seu Nunes, dona Ritoca, prima Sinhá. Depois, com a pungente morte de Lígia (uma vontade louca de dizer como o poeta: Mine eyes dazzle, she died young) e de vários outros que já nos ha-

bituara com sua convivencia, o romancista pula do ano de 1920

Daí em diante surgem outros panoramas, outras personagens, mas, a sombra dos que morreram não abandona a vida fracassada do timido Luiz.

O humorista de O ALFAIATE JOSÉ E SUA TESOURA, brinca com varios personagens interessantes, colocados em situações variadas e vivas. Assim, o casamento do velho Peleu, a doença de Marciano, sua embriaguês constante e o seu amor pelo filho, o negrinho esperto e de pernas cambotas, a dra. Elvira e seu Serapião. Há muitas lágrimas através das exclamações doentes de Marciano e do velho Peleu...

As cenas de infancia dos garotos estão ótimas e a passagem do velho cavalo cego que morreu na pedreira comove. Comove e convence. Não esqueçamos também dos pruridos sexuais de Luiz e do "ataque" da velha Umbelina. Tudo muito natural e verdadeiro.

Mariazinha, a filha de Luiz e Mira, é a continuação de Lígia. Luiz é um humilhado diante da vida. Roberto cada vez mais enriquece. É feliz. Seu companheiro de meninice, porém, vai descendo, vai descendo até chegar ao roubo.

"Estrada Perdida" é um romance de muito movimento e de intensa simpatia humana. Há páginas grandiosas que colocam Telmo Vergara muito alto na pintura de caracteres. Seus personagens estão presentes, vivos, palpitantes de vida.

De uma delicadeza que encanta, de um senso de vida (senso de humour, também) muito seu. Telmo Vergara é, pode-se dizer, um escritor-pluma. Gosta de situações delicadas que pedem muita atenção, muito cuidado, muita compreensão inteligente e sempre se sai como um mestre. Tem uma visão muito segura do ambiente em que coloca seus meninos, ou seus velhos excentricos e não se esquece de detalhes que, embora não sejam absolutamente necessários, pelo menos servem a certos espíritos...

Não resta a menor duvida: Telmo Vergara, com ESTRADA PERDIDA, ocupará um lugar especialissimo na literatura nacional.

CANCIÓN DISPAR

PARA ESFERA

La lluvia desmigaja su cantiga aburrida
sobre el ancho silencio de la tarde dormida.

Cenicientas, cansinas desgránanse las horas
(espigas de minutos que el tedio descolora).

Diríase tangible la tristeza morbosa
que mana del callado corazón de las cosas...

Y yo soy, bajo el cielo plúmbeo y deshilachado,
ritornelo de un canto de sol espolvoreado.

Limpio son de timbales siseando en la tristeza.
Alón abierto a rumbos calientes de belleza.

Mi espíritu, aguijado por la melancolía,
suena el claro carrizo de toda su alegría.

Hebra a hebra mi júbilo se desmadeja y arde.
Gota a gota mi júbilo va llenando la tarde.

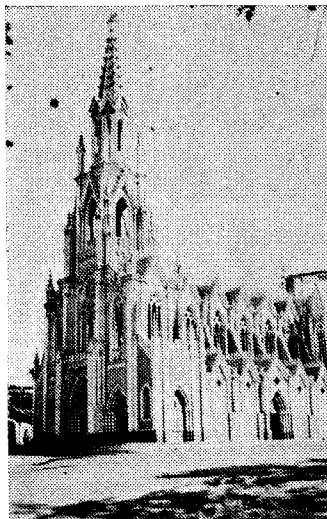
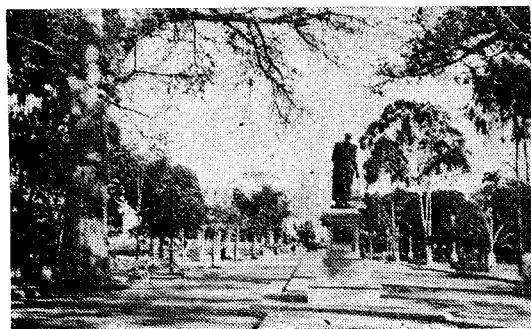
Soy un grito de vida contrastando en la hora,
lampo alargado en flecha para alcanzar la aurora.

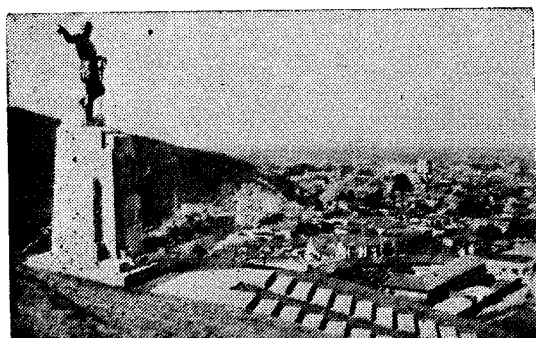
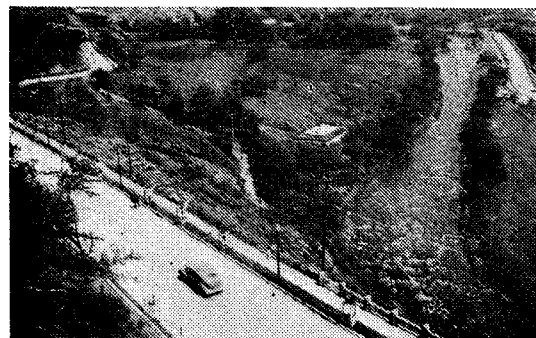
Mi alma raya en la tarde su estrella de aerolito.
Mi alma es toda un anhelo ahumado de infinito.

Oh, aguijón milagroso de la melancolía!
Por tí mi alma ha encendido una estrella en el día.

SERAFIN J. GARCIA

Montevideo - Uruguay

ASPETOS DE CALI

COLOMBIA

1 — Avenida Belalcázar
2 — Bairro de Granada
3 — Estatua de Belalcázar
4 — Parque Bolivar
5 — Igreja da Ermida

Trecho de Romance

"A mulher obscura"

JORGE DE LIMA

Ha tanto tempo Crispiniano não recebia uma carta anonima que já se julgava completamente livre delas. Tambem naquela cidade pequena onde tudo se sabia, não era possivel tal cousa! Quem iria gastar tempo com carta anonima? Mas certo dia recebeu uma contando leviandades de Irina em suas idas á Capital.

Crispiniano sofreu muito em pensar que tinha entre seus amigos um Judas capaz daquela carta de que se deduzia estar o autor perfeitamente inteirado de sua vida familiar. Ao procurar saber se aquela infamia sabia a fulano ou a sicrano a quem devia atribuir a origem infernal daquele ato, tinha chegado á conclusão de que nenhuma pessoa de suas relações era capaz de tal canalhice e por isso não via razões para ligar aquela infamia ao carater de quem quer que fosse. A natureza de Laecio tinha muito de diabolica mas possuia tambem seus momentos de anjo. Quanto ao Matoso — seu farmaceutico, seu médico e sua platéa, é verdade que o tinha na conta de um mediocre compenetrado de sua missão de curar; no fundo um charlatão como tantos, um assassino legal sem intenção e sem culpa... um burro mesmo, sim, um burro, mas uma pessoa avêssa por natureza a causar qualquer mal conscientemente a seus semelhantes.

Não, não era o Matoso. E, derepente sentiu na boca como uma especie de memoria gustativa o inolvidavel sabor de seu café "feito em familia".

Por azar, Crispiniano, no açodamento da leitura não se lembrava onde puzera o envelope da carta, e agora não sabia mesmo se lh'a haviam enviado da propria cidade ou se da Capital ou de outro lugar, pois o mundo dos máus não tinha limites. Agora se lembrava de um tipo execravel, um cronista mundano metido a galanteador; chegou mesmo a recompor a fisionomia do patife, o seu sorriso, o seu modo de se comportar junto ás pessoas enquanto conversava, sem as fitar, a sua inveja doentia deante do menor sucesso dos outros. Era ele o canalha.

E como na suspeita em relação ao Matoso estacou arrependido de estar fazendo tal juizo do cronista, pois em contraposição a tais defeitos sem importancia nenhuma, bem conhecia uma grande virtude no literato antipático — a de ser bom filho; havia mesmo presenciado cenas de carinho da parte do jornalista (tão aparentemente branco) para com a velha mãe, uma cabrocha humilde que causaria vergonha a quem não tivesse o sentimento do amôr filial vivo e sem preconceitos.

Aí Crispiniano ficava completamente aturdido, concluindo, deduzindo, desculpando os erros dos outros, para afinal capacitar-se de que todos são bons e todos são máus. Em seguida tornava ás mesmas cogitações. E mais uma vez depois de inocentar a todos voltava a culpar todo o mundo. Não havia duvida: mesmo Laecio o estimava bastante e tinha bom coração. Mas era um nevropáta capaz dos maiores sacrificios, embora por ciume, por cólera, por qualquer idéia infernal que se apoderasse dele, pudesse lhe causar o maior desgosto. Em suma, esta especie de homens era a peiór possivel. O seu colega Promotor, por exemplo, estava bem longe de tratá-lo com a sinceridade com que lhe tratava um homem leal como o meu Mestre. Por isso mesmo não reagia para com ele com as mesmas suscetibilidades. Demais o Promotor era uma destas naturezas mornas de que nos fala o Apocalipse, incapaz de vilanias como de boas ações.

Agora, Crispiniano, até se admirava de não ser ha mais tempo atacado por semelhante gente. Pois chegou á conclusão de que a maioria dos homens era mesmo constituida de embriões e de fétos adultos imunes ás grandes fébres da maldade e aos grandes delírios da bemaventurança. E afinal examinando-se bem, ele tambem tinha sido apenas um homem morno. E dentro desta mornidão de homens dessangrados, homens de uma outra humanidade, como avaliar epilogos e reações com estes fatores de uma essencia diferente?

Sim, mas esta vida retorica, esta vida raza que levava? Crispiniano sentia não se ter melhor apercebido disto; no mais estava

convicto de que jamais experimentara melhor sensação de bem estar e de paz que na companhia dos safados. Mas, que vale tudo isso, dizia agora, desde que os homens julgam os outros por seus proprios atos? E ele, juiz, estava verdadeiramente embaraçado deante daquela carta que o inquietava tanto. Laecio podia ter inumeros defeitos, mas possuia as suas qualidades, não ha duvida. Alguns invejosos da cidade eram porém muito pióres. Depois Crispiniano suspeitou do secretario da Fabrica que poderia ser muito bem o doador da letra. Esta hipotese lhe pareceu aceitavel um instante. Porém como não suspeitar dos proprios empregados do juizado que vivendo em dificuldades extremas, revoltados, absorvendo em sua revolta os nossos desvios, as nossas grandes faltas burguezas são levados naturalmente a nos imitar e a nos odiar justamente como nós nos odiamos. Suspeitou tambem do chefe politico, ex-senador, agora recolhido á sua propriedade, vizinha á cidade, pois sempre que lhe pedira um favor, sistematicamente o negara. Suspeitou ainda de alguns rapazes da redação do "O Primor" — orgão literario de Madalena dirigido por um academico que ele reputava — um elemento subversivo, contrario á boa ordem das coisas. Só faltava suspeitar do meu bom Mestre. E, acabou suspeitando, pois podia ser que com intenções de inquietá-lo, na convicção, de fazendo-o sofrer na terra, para lograr melhor recompensa no céu, tivesse escrito a carta que tanto o acabrunhava. Não; não era o padre. E imediatamente enxergou toda a bondade e pureza de Padre-Mestre e reconheceu quanto era detestavel o seu anticlericalismo tão constitucional quanto o homosexualismo de Laecio. Ninguem tinha escrito então a carta? E perda de seus pais, a falencia de uma empresa comercial, no Pará, em que se fora toda a fortuna não lhe havia causado tanta mágua.

— A culpa deve ser destes meus nervos! Ah! deve ser!

— Deve ser! confirmei, consolando-o

Ele me olhou enternecido, mas imediatamente ficou de-novo enraivado:

— Será possivel que eu proprio, num momento de alucinação ou de anormal estado de espirito tivesse escrito aquela carta a mim proprio?

Era um absurdo ,mas o homem agoniado havia penetrado pelo terreno dos absurdos. Como para verificar a sua imaginária falta, olhava as mãos gorduchas, sensuais e lisas, lisas e limpas como julgava ter o seu carater. Não! Tambem não fora ele! Num minuto satisfez-se contemplando aquelas palmas macias e fidalgas em que a linha do sucesso era funda e comprida como o sulco de um arado, e no monte de Jupiter uma estrelinha assinalava uma permanente felicidade no matrimonio. Tinha muita fé naquela estrela! Um homem como ele que não aceitava os dogmas da Igreja, apezar de dizer-se católico, acreditava fervorosamente naquela estrela. Subito fechou as mãos num assomo, arremessando um violento murro na mesa. Viu-se a estatueta da Justiça tremer e a balança oscilar os pratos indecisa:

— Canalhas! Canalhas!

O Juiz sentiu uma lagrima parada no canto do olho. Tirou o lenço, envolveu o indicador no linho macio e quando ia embebê-lo, ela caiu sobre a carta. Ficou derepente arrependido de ter gasto tanto tempo em maquinações e aborrecimentos, rasgou o papel em pedacinhos, pegou-lhe a chama de um fosforo e agora se distraía, já muito reconciliado com os homens, com o espetaculo daquele pequeno incendio.

Esta carta anonima viera advertí-lo de sua incapacidade de julgar, pois não era justo que se arrogasse o direito de atribuir a responsabilidade daquela ação má a este ou áquele, e até a pessoas distantes, alheias á sua vida. O que restava no fim de todas estas conjecturas era uma poeira de lagrimas nos vidros do pince-nez. Enxugou-os pacientemente no lenço, e resolveu continuar as suas relações de amizade com todos aqueles individuos bons e máus, contingentes e relativos como elo proprio Juiz — incapazes de discernir com clareza entre as coisas mais simples do mundo.

Tudo o que era risivel nas suas atitudes diarias tinha cedido por encanto, deante de seu sofrimento com a leitura da carta. As suas pesquizas, os seus soliloquios e as suas deduções em busca do responsavel por tamanha baixeza, o tinham transtornado profundamente, pois ao lado das denuncias que julgava infamantes á sua honra, havia a sua compostura de magistrado, um desrespeito que não perdoava: o tratamento inicial da missiva — estas tres simples palavras — "Meu caro Pim". Não tolerava de ninguem tal alteração de seu nome de batismo tão sonoro e tão nobre, reduzido a um ridiculo diminutivo que tanto o molestava e o deprimia. Ele não ligára mesmo aos palavrões com que o maltrataram ou macularam a sua cara-metade, mas se revoltara profundamente contra aquele trata-

Negros, olhai a aurora!

Negros, irmãos meus, negros !
Não vos abata o peso dos preconceitos,
que o dia da Redenção chegará !...
Negros, irmãos meus, negros !
Olhai a auróra da vida diferente
que ensaia seus passos,
alem,
no intermino horizonte !
Negros, irmãos meus, negros !
Os raios fecundantes do sól novo
hão de trazer-vos
ao olhar cançado
o excélso fulgôr
que é a propria Liberdade !
E os grandes caminhos do Mundo,
por onde passará
a Fraternidade
dos homens de todas as côres
serão luminósos e suaves...
Negros, irmãos meus, negros !
Não vos abata o pesar dos preconceitos,
que o dia da Redenção chegará !...

NILO DA SILVEIRA WERNECK

PARA ESFERA

mento de **Pim** que o enfurecia até ao desespero.

Deante do apelido que reputava um desrespeito á sua posição, primeiro de deputado, depois de juiz, havia certa vez com intuito de vingar-se, dado pareceres e sentenças contra inimigos politicos e pessoas dependentes de seu julgamento. Chegava ao desmando se fosse necessario. Agora, já não podia se vingar de ninguem, pois a ninguem podia atribuir a responsabilidade de tanta ignominia.

— Ora, não faça caso! disse-lhe eu, consolando-o.

— Faço! Faço caso!

Não podia falar, mais abatido e triste que indignado. Ainda o ouvi dizer sem grande esforço, talvês por não poder se desmanchar em impropérios:

— Pim !

(Inédito para Esfera)

As almas que ainda não nasceram

PARA ESFERA

Há gritos que me chamam do fundo da noite!
Eu sei... são os irmãos que não nasceram.
São as almas perdidas que esperam
uma fecundação.
Vidas para mais tarde.
Espétros do futuro...
Pedem corpos, carne, matéria em que viver.
Pedem sol, pedem luz, pedem amor entre nós.
São êles que sopram aos ouvidos do amante
o desejo feróz.
Querem vir para a terra.
Falta-lhes quem fecunde a semente sangrenta
de entranhas de mãe.
E êles sofrem, no fundo da noite.
Almas que não nasceram...
Falam linguas que nós esquecemos,
têm fome, têm sede,
e não sabem pedir.
Como é triste o mundo dos irmãos
que ainda hão de vir...
Úus enormes cortando os ouvidos da gente.
Áis compridos, sentidos no seio de virgens...
Notas de uma orquestração de inferno!

Pouco a pouco, a noite vai perdendo o seu fundo.
E' dia.

As almas que não nasceram cessam de gritar.
A noite já passou. Todos os ventres foram fecundados...

M A R I O B R A S I N I

Serafin Garcia, poeta uruguaio

Rui de Carvalho

PARA ESFERA

Serafin Garcia, o poeta uruguaio de "Tierra Amarga", nos deu com o seu ultimo livro um documento de que, pelo menos em poesia, ainda se pode pensar e dizer — sobretudo de dizer — tudo o que é proprio de um espirito conturbado pelas convulsões do cerebro e do coração. Há nesse caderno encantador de poemas um dos momentos mais quentes e vigorosos da poesia do tropico, e um largo ambito para as vozes contidas e para as imagens ardentes que trabalham o campo espiritual do nosso mundo interior. Um grande sentido social se levanta de todos os versos de Serafin Garcia, e por isso espanta que não tenha êle lançado mão das tinturas berrantes do panfleto, tão em moda na poesia proletária de todo o mundo. Consola, no entanto, observar que o poeta uruguaio conseguiu conciliar o sentimento poetico com o sentimento de humanidade, evitando incompatibilidade e artificios, fugindo aos atritos com um senso de equilibrio e sobriedade que admira realmente.

Os pugnadores extremados da revolução permanente, é certo que não darão a êsse livro um valor revolucionário, pelo simples fato de que não explodem nele petardos e bombas, nem há nêle um unico poema tipo-maquina-infernal. Mas os leitores observadores e atentos descobrirão, mesmo sem grande argucia, que êle constitue uma das provas mais incontrastáveis de que ainda há quem possa alimentar um ideal grandioso, e lutar por êle encarniçadamente.

O pano de fundo da poesia de Serafin Garcia é a gleba, a "terra amarga" como êle a chama, essa terra que o cajado de Abel deflorou um dia, e os arados modernos revolvem ainda mais, na festa do humus fertilizador. E sendo êle um poeta cuja alma tem sobretudo raizes humanas, sempre que entôa cantos á gleba fixa e eterniza a poesia imensa do lavrador cheio de calos nas mãos rudes, em cuja tez de cobre há cintilações transfiguradoras, e um permanente porejar, abundante e fecundo. Esse pobre trabalhador sem remuneração moral nem material, integrado e absorvido pela terra, é o personagem anguloso e forte que está de ponta a ponta em "Tierra Amarga". Não importa que êle corra o arado por terras que não lhe dão nenhum proveito; não importa que êle fecunde com o seu sangue os trigais abundantes e louros, si nem pão êles lhe fornecem para a sua mesa. Mas o inconsciente fraternal e amigo do poeta grita que o mundo está errado, e que um dia aquele que lutar terá o usufruto do seu esfôrço.

Está em toda parte a compreensiva solidariedade de Serafin Garcia para com os seus irmãos desherdados, e é encantador vêr a alegria intima e a extática contemplação em que êle fica, quando prevê novos rumos para êles. Uma sinceridade enorme corre pelos seus versos quando êle anuncia o bom presagio radioso e alviçareiro das nuvens pesadas, que trazem no seu bôjo o milagre do aguaceiro, prenuncio de colheitas imensas e de safras recompensadoras. Mas, enquanto não caem as primeiras gôtas como um canto de aleluia, as formigas correm apressuradas pelas paginas de "Tierra Amarga", no seu afan ingente de proletárias inteligentes e pragmáticas.

Espaçando o trabalho e o suór, a tristeza e a amargura se alternam nos seus versos. A tristeza e a morte. E daí todo um rosario de "romances" (como chama Serafin os seus poemas), nascidos de uma ficção poética poderosa e grande. Dêste modo, faz êle desfilar historias pungentes diante da sensibilidade do leitor, encantando e comovendo. "Romance para la muchacha ahogada" é a historia de uma rapariga encantadora què se afoga numa cacimba ,de medo dos homens e do mundo, de medo da vida. E' justamente êsse romance um dos mais altamente significativos, pela grande simbologia da virgem que prefere dar ás aguas que ao pecado, os seus seios e o seu sexo, ausentes de ansias sensuais. Depois da "muchacha ahogada", o "segador febril" se volatiliza em poesia pura e comparece aos dramas da terra amarga.

E' de frizar a quasi obsessão verbal do poeta uruguaio em tudo traduzir por expressões campesinas, até na mise-en-scène rustica das imagens e dos tropos. Um exemplo

que fala bem mais alto que a simples observação é a comparação que êle faz de uma criança morta a uma espiga derrubada. Nessa simples comparação está todo o seu apêgo á terra, todo o seu espirito integrado e absorvido pela vida das seáras e dos campos. Mas bem sabe Serafin Garcia que a terra é bôa, fertil e generosa, mas ao pobre sempre lhe acontecem coisas. Si não é uma sêca que lhe devasta as plantações na apoteose ensanguentada de um sol esbrazeado e pletórico, é a lagarta que vem, ou são os vendavais e as geadas que lhe destroçam as colheitas, matando planos e esperanças.

Serafin Garcia é o poeta das meninas pobres de pulmões carcomidos e roxas de olheiras, que uma tosse cavernosa e eterna assassina pouco a pouco. Essa tristeza angustiada de que se contagia o poeta atinge o seu climax ante a possibilidade de uma nova hemoptise, ou á perspectiva de novas quédas e derrotas:

Ah, que no vuelva la sangre,
tu sangre joven, muchacha,
a florecerte en la boca
sus margaritas macabras!

Os homens rusticos e humildes teem tambem em Serafin o seu cantor. Esses pobres entes atribuem tudo a causas metafisicas e intangiveis, e aceitam como um desígnio do céu a sua estrêla infausta. E' bem certo que, si êles conhecessem Augusto Comte, não estariam mais integrados no "estado metafisico" da lei dos três estados do Positivismo.

Os versiculos do "Romance de la Buena Esperanza" por si só sintetizam toda a alta significação de "Tierra Amarga", como documento de solidariedade e compreensão.

ABEL SALAZAR EM LISBOA

JORGE DOMINGUES
Especial para "ESFERA"

Abel Salazar veio em peregrinação a Lisboa com a sua complexa sensibilidade de artista plástico. A capital, sob êste aspecto, quasi o desconhecia. Um ou outro esquisso, um ou outro carvão, dispersamente publicados aqui e ali, não nos tinham oferecido até hoje, um interesse de maior. Viam-se. Achavam-se engraçados: Mas por vezes, não se gostava. Em resumo não se sabia quem era o pintor Abel Salazar. Surgiu porem, a exposição na Sociedade Nacional de Belas Artes. 304 quadros. E o caminho para a admiração e compreensão de um grande artista ficou aberto. Uma revelação não suspeitada. Lisboa quedou cativa da mensagem de Abel Salazar.

Uma revelação: uma cortina violentamente afastada, deixando ver um inesperado espetáculo. Inesperado, não porque a forma de Abel Salazar, a *linha* de Abel Salazar, seja de um irreverentismo arrojado que nos esbugalhe a retina. Inesperado, não porque haja uma conquista de novos meios plásticos ou de inéditas estradas de realização. Inesperado, sim, como expressão de uma sensibilidade capaz de urdir uma poderosissima obra (embora nuns moldes a que, por assim dizer, hoje podemos chamar *clássicos*), apaixonada e pendida para um exuberante filão de humanidade. Contudo, esta humanidade é demasiaamente idealista. Tambem aquela obra, se firmada está, requere algumas observações. Vejamos então:

Na exposição de Abel Salazar podemos distinguir quatro especies de trabalhos: 1.ª — quadros em que mulheres do povo trabalhando, são o único motivo de inspiração. 2.ª — quadros a que podemos chamar "de Paris"; 3.ª — retratos; 4.ª — pequenas paisagens e motivos diversos. (Claro que esta classificação é feita com grande liberdade e só dela lançamos mão para melhor concatenar o arrumo destas impressões. Tambem não nos reportamos á *idade* dos trabalhos expostos — alguns têm mais de vinte anos — o que nos levaria ao estudo das diferentes técnicas empregadas pelo artista durante a realização da sua obra. Notemos apenas, e desde já, que essas técnicas diferentes seguiram, de um modo geral o caminho seguinte: do oleo, empastado e fortemente trabalhado a pincel e espátula, até o oleo extremamente diluido, sem os habituais *amontoados* dêste gênero de pintura).

Das quatro espécies de trabalhos acima apontados (oleos na sua grande maioria e, como excepção, apenas meia duzia de carvões — do melhor da exposição — uma água-forte, duas ou três pontas-secas, seis monotipias), é nos da primeira feição que mais francamente se ilumina e sobressái a verdadeira personalidade de Abel Salazar. São dela as grandes composições "Cena de trabalho", "Fim de tarefa", "Luz de armazem", "Descarga de sacos", "Tarefa ao sol", "Barrela", "Carvoeiras", "Mulheres no trabalho", etc. Tambem nela se incluem os seis magníficos carvões a que atraz aludimos. Em todas estas produções se movimentam figuras de mulheres: mulheres de trabalho, mulheres de músculos endurecidos, mulheres curvadas, arquejantes, puxando, erguendo — uma imensa fábrica de tipos, prodigiosamente fornecida. Dos rostos, expressões de angústia e sofrimento. Um ritmo muito próprio. Uma imensa fábrica de tipos. E, nos carvões, temos até mais: um apreciavel conjunto de elementos humanos que, de certa maneira, realiza pintura de massas e para as massas. O novo sentido de arte, manifestado nesses motivos empolga verdadeiramente mesmo a quem tenha podido apreciar alguns inegualáveis temas de Orozco, no conteúdo semelhantes. Uma superior preocupação domina esses admiráveis estudos.

O binômio *mulher-trabalho* (já por outros observado) é, pois, a dominante de todos os quadros deste primeiro grupo. Este binômio planifica-se numa grande ansiedade plástica de exprimir, genericamente a grandeza do sofrimento humano. Materialmente, justifica-se pela inspiração que ao artista forneceram certos aspectos de vida e de trabalho da cidade de Porto. Delineia-se, assim, uma pintura social, antes, uma pintura de emoção social. E, aqui, devemos parar um pouco. E' que na pintura social de Abel Salazar, sentimos faltar qualquer coisa. Há um fator beleza. Mas não aparece o fator combate. Essa pintura social não fixa, pois, uma expressão de arte proletaria, quer dizer, uma pintura construtiva, desenhando novos limites para além das lagrimas presentes, embora os seus elementos humanos sejam mulheres operarias. Isto é um fato importante que convém não enredar. Explicando melhor: há, neste gosto de Abel Salazar, um real filão de humanidade (como atraz dissemos), as figuras fortemente salientadas, umas vezes primorosamente vincadas e batidas de luz (por pouco que nos seria permitido dizer: a consciencia iluminada), outras de rijo metidas na penumbra, com um vigorismo muito caracteris-

tico. Mas, no conjunto, as composições tomam um jeito tal que se *adocicam* e as figuras, sublimando-se, adquirem um tom biblico, enquadrado num grave ambiente de ouro velho. Então, uma poalha de idealismo as cobre. A gente como que gostaria de pisar aqueles armazens, de correr aquelas docas, de encher aqueles sacos, de tocar aqueles tachos de cobre. A gente como que gostaria de viver aquela vida... Mas afinal, do que se gosta é precisamente e apenas, da côr, da composição, da subjetivação do conjunto. Há portanto, uma sub-estimação de realismo. E, nesta altura, a pintura social de Abel Salazar em certo sentido deixa de ser pintura social, para ficar apenas com valor estetico, rodopiando em moldes estruturalmente clássicos. E' o estatismo da projeção social da pintura de Abel Salazar que mais a prejudica. Ela resume-se e resolve-se em si mesma, nada nos dando além de *alguns fatos determinantes*. Mas isso, qualquer *menchevique* da arte o faz. Repetindo: a pintura social de Abel Salazar nunca consegue ser arte proletaria pois lhe faltam no conjunto, determinados elementos que, contudo, multiplas figuras individuais possuem. A um derrame de beleza se sacrificou o pregão intimo, natural em todos os tipos que perpassam nesta feição da obra de Abel Salazar.

No segundo grupo de trabalhos, a que gostariamos se chamasse "Quadros de Paris" vamos encontrar de novo a mulher. Porem nestes, é a mulher mundana, a burguezinha de Paris, no bar, no Luxemburgo, no café, no casaco de peles, em não sabemos quantas notas de real valor. Pequenas cabeças seguiam silhuetas, tons azulados e roseos, um ambiente bem diferente de tudo que anteriormente se divagou. A mulher, aqui, quiz um outro mundo. Um mundo oposto ao das "carvoeiras". De comum, apenas a mesma emoção do artista, criando e recriando motivos de beleza plástica aqui verdadeiramente á vontade. Sucedem-se os coloridos encantadores. Um azul matinal que sobre quasi todos eles, dá-lhes uma frescura admiravel.

Todavia, nesta fase da sua exposição, Abel Salazar é menos Abel Salazar. O traço não é o mesmo dos trabalhos que analisamos em primeiro lugar. Notam-se influencias estranhas á sua personalidade. Um modo de *impressionismo* com ambiente arreigado. Por ali Renoir, Degas, Van Gogh. Ainda uma ou outra mancha de ambiente *fauvista*. Enfim Paris sob todos os aspectos. Abel Salazar é menos Abel Salazar.

São estes os dois principais grupos de trabalhos que a exposição nos revelou. Mas grupos opostos, como se viu: a mulher de trabalho e a mulher mundana. E neste ponto, sim, Abel Salazar trouxe-nos algo de construtivo: um talão de ferro entre dois destinos, um infinito entre dois polos. A futilidade inutil da mulher burgueza e o esforço anonimo e magnifico da mulher proletaria. Separando estes dois polos estes dois circulos intangiveis, todo um mundo de contrastes, toda uma luta que basta para derrocar uma sociedade, uma distancia que vai de uma descarga de sacos, numa infindavel doca, a um bom cigarro, preguiçosamente fumado num mapple de veludo verde.

Finalmente, nos retratos e nas paisagens, Abel Salazar mantem uma maneira clássica, tradicional no gênero. Um bom auto-retrato, um bom Junqueiro, um bom Artur Loureiro. Entre todos distinguem-se, todavia, o retrato de Marck Athias. Este tem *aisance*, claridade, e é menos *fotografico* que os outros. Nas paisagens Abel Salabar é vulgar. Mas este fato não nos deve surpreender num artista que joga sobretudo com elementos humanos.

Quem se habituou a admirar o que de novo se tem feito na pintura desde Manet, Ingres, Cézanne, Van Gogh, Picasso, Matisse, depois Lhote, Lurçat, etc., talvez não goste da *fuga* por vezes acentuadamente clássica de Abel Salazar (e quando empregamos a palavra *clássica* queremo-nos referir, é claro, a esse idealismo fotografico que tira á obra de arte o sabor presente contemporaneo). Mas, por outro lado, encontrará nela um tão precioso encadeamento de material humano, uma tão clara e viva simpatia ,uma tão forte sublimação de certos elementos, fatores estes que se aliam a uma largueza de técnica que permite um certo desprendimento de alguns pormenores sem que a formação final seja prejudicada) que se vê obrigado a comungar nessa emoção estranha e imprevista a que o arrasta uma não se sabe que força invisivel. Invisivel? Não. Essa força é o sopro de vida bebido no ar do mundo, que passa da obra de arte á nossa consciencia e que se manifesta, simultaneamente, numa suave angustia, num pensamento de fel e nuns olhos bem voltados para o alto.

Portugal.

Dois olhos abertos para o mundo

ELIEZER BURLA'

Vieram me chamar tarde da noite. Minha mãe estava radiosa — por quê não dizê-lo? — risonha quasi, feliz.

— Filho, um chamado...

Devia ser qualquer cousa urgente, grave talvez, para me procurarem a tais horas. Mas não importa. Eu sou médico e os médicos não têm hora certa de trabalho. Lá está o meu diploma pregado na parede. Pobre e anónimo diploma que consegui à custa de muitos aborrecimentos e que, até agora, — já são passados seis meses — não me compensou no mais mínimo. E agora um cliente me espera na escura sala de jantar. Não é o primeiro, nem o segundo. Mas assim mesmo posso precisar o seu n.°, é só olhar para o meu envergonhado fichario e constatar que este é o cliente n.° 23. Quando fôr famoso, creio que r... garei todos estes cartões. Terei tantos, tantos milhares — e sempre mais importantes, mais remuneradores para falar a verdade — que precisarei ocupar um quarto inteiro. Então terei cofres-fortes, poderei chamar a minha secretaria com um aperto de campainha, e será de telefone que os clientes solicitarão meus oficios. Serão em termos delicados, implorantes muitas vezes.

— Doutor, meu figado!

Não, estou pensando tolices. Eu m... especialisarei em cirurgia obstétrica. Na minha porta baterão muitos homens e muitas mulheres com cara de assassinos; mocinhas esportivas, musculosas, chegarão humildes, de voz baixa, os braços caídos. Ouvirei muitas historias conhecidas, poderei — mais do que qualquer outro — desnudar almas e corpos de maneira absoluta, absorvente. E quando desinfetar os ferros, os lábios não estarão carminados, nem as faces rosadas, nem as sobrancelhas pintadas. Serão sêres humanos, simples e primitivos como os antepassados, que darão gritos, chorarão, pedirão perdão a quem fizeram e a quem não fizeram mal. E enquanto isso eu lavarei as mãos.

Minha mãe insta:

— Vamos! O cliente já está nervoso!

Visto o paletó e entro na sala. Um homem alto, troncudo, levanta-se afobado.

— Pelo amôr de Deus, doutor, éla... minha mulher... está...

Faz gestos com as mãos, com os olhos, com os lábios. Apiado-me dêle e faço um sinal de aquiecencia. No caminho — vamos de carro — nenhum de nós dois fala. Sem querer, entrego-me novamente aos devaneios: é o meu traço característico, a minha manía. Já me falaram que eu podia ser escritor, mas para isso é necessaria uma qualidade que não possuo :a fuga da realidade. Si conseguisse não ver nada, ou, por outra, condicionar a realidade e a imaginação em dóses equilibradas — creio que escreveria. Mas agora não, sinto-me incapacitado. A impressão que tenho é de que tudo o que produzirei nunca equiparará a vida em si, nunca passará de literatura. E, mesmo que consiga igualá-la, assim mesmo será inutil, absolutamente sem importância. E' cousa que todos conhecem, que todos sabem, que todos **vivem.**

Chegamos.

E na porta da entrada, o homem me segura o braço e só sabe repetir: "por favor, por favor". Sorrío. Como gostaria eu de poder sorrir assim para mim mesmo, sorrir da minha existencia... Mas basta: sou médico, e das minhas mãos virá a felicidade ou a desgraça. Na casa todos estão ansiosos. Um garoto de dez anos olha-me assustado e sóme na cadeira de balanço; uma velha megéra, de cabêlos brancos absolutamente irrespeitaveis ,dá a impressão de viver constantemente fazendo mal; no quarto apertado, a parturiente geme e das suas temporas corre um suór abundante. Quando me vê, seus olhos se aquietam. Distribúo outro sorriso reticente.

A velha, vinda não sei donde, desdobra-se. Enche uma bacia de agua quente, dispõe os lençóes da cama, prepara a mulher que vai ser mais mulher. Por mais que queira, não posso admirá-la, impressiona-me mal. Súbito, um pensamento hesitante, cruza a mente: "éla quer matar o recem-nascido". Estes movimentos, esta solicitude toda, nada mais é do que uma preparação premeditada, é como si estivessemos num cenário habilmente preparado. No fim, quando a creança nascesse, éla o agarraria com fingida emoção, sairía com éla do quarto, e nos fundos da casa — ali onde a escuridão anestesía con-

ciencias — exporia o corpinho miúdo ao vento frio, vê-lo-ia agitar-se, tremer, sufocar — e neste momento calentá-lo-ia com fervor nos braços gozando a vingança, e de-manhã o sol não machucaría dois olhinhos cêgos.

— Pronto.

Arregaço as mangas, preparo-me com cuidado: é o primeiro parto que opero. O corpo desnudo tonteia-me por instantes. Quatro mezes antes, si eu o contemplasse assim como agora, poderia levar um tiro de uma hora pra outra. O marido distribuiria pancadas e injurias, iria aos jornais, movimentaria a policia.

— Seduziu minha mulher! E' um canalha, um sujeito sem moral, sem vergonha! Êle me paga! Eu o mato!

E bem possivel, entre os reporters, haveria um Perez Hrschrich em disponibilidade.

O marido é um touro. Está andando pra cá e pra lá na calçada de barro pisado. Seus musculos estarão frouxos e inconsistentes como os de uma freira longamente enclausurada; qualquer mocinho chegará perto dêle, dar-lhe-á empurrões, xingá-lo-á de nomes feios. Êle não reagirá, porque agora não é um homem, é uma caricatura; foi-o nas noites chuvosas de inverno e mesmo nas madrugadas quentes de verão. Agora é um trapo que aguarda uma palavra. E eu não quero e não desejo desapontá-lo. Sei que mais tarde — e não serão uma vez, nem duas — amaldiçoará este momento sublime, imprecará em altas vozes contra os imperativos do séxo. E então éla não será nem moça nem bonita, seus seios cairão, o ventre secará e os lábios vão murchar como uma rosa envelhecida antes do tempo. Mas o meu dever é abrir novos olhos para a vida.

Sei bem que isto é um sofrimento supremo, sinto mesmo todas as pequenas dôres unir-se, integrar-se, torturar o corpo desataviado. O suór escorre pela bôca, perla o queixo, molha a garganta enrugada. A mulher está velha, velhinha. Uns restos de po-de-arroz humedecem, fomam uma pasta branca no rosto pálido. Os olhos abrem-se, fecham, piscam, não vêm nada; os braços contraem-se, pulam como cobras feridas, abandonam-se, rasgam o lençol manchado. E não quero olhar o ventre que pulsa ,respira, me esmaga ante a visão da vida que se faz aos pedacinhos. Já estou ficando tonto. Parece-me que estou concertando um relogio de pendulo invisivel; sinto-o vibrar, bater os segundos, os minutos ,as horas, e parece que êle insta comigo, chama-me de fraco, de novato sem experiencia. Mas eu não tenho experiencia de verdade, não é preciso que a megéra fique me olhando com cara de ladrão logrado — eu não a desapontarei, não quero, sobretudo, desapontar-me a mim mesma — e aquêle sujeito inquieto que passeia pra cima e pra baixo na rua indiferente. Seria bom se soubesse rezar, si conseguisse infundir um pouco de fé nesta mulher que atinge o auge da tortura e no entanto continúa se esforçando, dilacerando as enranhas, olhando-me corajosamente nos olhos quando o delirio a domina; e eu tenho muito receio de fitá-la profundamente, fujo das suas reações histericas. Não, é preciso ter muita fibra para continuar na medicina, muita capacidade de auto-contrôle. Talvez, tudo póde acontecer, daqui a dez anos este espetáculo não me comoverá mais, não me tocará no mais minimo. Entrarei no quarto da parturiente calmo, alheio a quaisquer sentimentos não-profissionais; lavarei as mãos, chegarei ao extremo de retirar um fio de cabêlo perdido ou um fiapo de algodão aderido clandestinamente ao avental, e quando sair, o vinco das minhas calças deverá estar corréto e os sapatos brilhantes e as unhas bem aparadas. Serei o médico da moda, o grande cirurgião com placa dourada na porta. E' um corpo de cêra o que estou retirando, de cêra inclusivelmente pálida e amarela. Pés, mãos, cabeça, tudo em miniatura, aparecem na abertura vaginal e esperam o chamado da vida. Esta vertigem nunca passará. Mulheres ricas e mulheres pobres terão o seu suór misturado ao meu, os seus desesperos fraternizarão com o meu desespero; os anos não influirão, não tarnarão apáticos os meus sentidos; e quando as mãos nervosas se agarrarem aos travesseiros — de plumas, de lã, de algodão — pelas minhas mãos passará tambem o frio da morte, nos meus nervos o sangue se congelará e os dedos que manejarem os ferros não me pertencerão, agirão mecánicamente, profissionalmente.

Neste momento eu quero pedir perdão à mulher que vai ser mãe; quero ajoelhar-me à beira da cama e, delicadamente, com um respeito medroso, beijar a mão abandonada que não teve mais fôrças de se contraír; vou pedir perdão, bater no peito, confessar-me máu, degenerado, víl. E quando chegar lá fóra, não sorrirei ao pai agradecido, não lhe direi palavras de conforto; odiarei a sua bestialidade insaciavel,

EGOISMO

Más acá de tí misma
te amas
y tu belleza te ensimisma
en el espejo que llamas
de tu sala interior.
Más allá de tu intimidad
me tienes um poco de amor:
limosna remota
de tu caridad...
Te encuentro un parecido peregrino
en la fuga de la gaviota
y me siento tu adicto fiel;
rondas en el mar vespertino
que infla su vientre de miel.
Más allá de nosotros mismos
nos amaremos
y nos asomaremos
al brocal de nuestros propios abismos.

MIGUEL BUSTOS-CERECEDO.

o seu contáto me repugnará até os vômitos. Caminharei depressa na rua cortada de esquinas, travessas, bêcos e viélas e a luz dos lampeões não conseguirá apagar o nôjo do meu rosto. Si forem muitas as prostitutas que me chamarem, sentar-me-ei na calçada suja, largarei a maleta precisamente em cima do escoadouro e gargalharei loucamente, alucinadamente, como um homem apaixonado que viu a bem-amada cair debaixo de um bonde e não poude socorrê-la. E no fim de tudo, quando levantar a cabeça, verei a velha estrangulando a creança, tapando-lhe as narinas, comprimindo-lhe a bôca, deformando a cabeça inconsistente — e eu não terei fôrças de gritar.

O corpo está todo encolhido, rugoso, uma bola mal confeccionada :retiro-o com cuidado, com carinhos de anjo-da-guarda. Das minhas pernas sóbem, não formigas — élas são muito pequenas —, mas baratas, baratas negras (por quê negras?) que mordem a péle cabeluda. Daqui a pouco pularei no quarto, tremerei — e o diabo da velha não sái do lugar ,não toma providencias. Pelo amôr de Deus, desgraçada, mexase, não vê que não me aguento mais? Não, éla não está interessada; quando a creança estiver salva no berço, me xingará ,dirá barbaridades a danada. Basta, que inferno! Chegou o momento alucinante, decisivo. Os lábios da mulher engrossam, ficam rôxos, as narinas dilatam-se, a garganta incha, soluça como a maré que enche. As lágrimas são pedras de agua grossa, pesada, que rolam pelas faces, rugem, estrondam, se perdem na vertigem dos seios massiços. Não quero olhar, não quero ver nada, o suór se mete nos olhos ,nas fendas dos dedos, na bôca fechada. E saem, e se avolumam e se agigantam aquêles parcos quilos de carne morna, de carne úmida. Ocupam o quarto todo, tapam as sujeiras, os trastes, a cadeira velha sem assento. Estão pendurados no cordão umbelical, no fio de vida que já tiraniza o aposento. Agóra não sei mais o que estou fazendo, porque dou palmadas, seguro frascos ,esfrego toalhas. Eu não sou mais eu, não me reconheço, não controlo os meus movimentos, e, miraculosamente, todos os átos saem precisos, energicos ,certos, eficientes. A velha toma confianças, segura-me o braço, permite-se ajudar-me, traz panos, alfinetes de segurança, mexe os lábios, aviva o brilho dos olhos. E eu não entendo, não me assenhorêo da situação, pareço tambem um recemnascido que abre a bôca desdentada e corajosamente berra para o mundo.

"Canção do Bêco", aglomerado humano

Silvia Leon Chalreo

O conto brasileiro tem sido o motivo literário mais em voga. Concursos e prêmios para os melhores contistas ou para a afirmação dos maiores contos, têm se processado com resultados interessantes. A revista de Murilo Miranda consagrou os dez melhores num prélio entre intelectuais, a pedido, e a livraria José Olympio concedeu o prêmio Humbetro de Campos a um bom escritor de Pernambuco (São bons os contos de Luis Jardim si bem que os do volume "Maria Perigosa "não sejam dos melhores).

Indiscutivelmente, Dias da Costa é um dos melhores contistas vivos do Brasil, isso porque existe, por exemplo, um Anibal Machado a aparecer de quando em vez com as suas fabulosas riquezas intelectuais. Literariamente podem ter logar outros paralelos. Como sentido, não. "Canção do Bêco" encerra uma série de mensagens verdadeiramente vida, integralmente angustia, profundamente tragédia. Os seres que lá estão reunidos inspiram uma solidariedade emocionante mantendo todas as caracteristicas da realidade. Aparecem muitas vezes rapidamente para dizer o essencial e o fundamental. A gente da classe que Dias da Costa penetra é assim mesmo muito simples e muito natural dentro dos sofrimentos que ainda estão em dia. Culminando, aparecem momentos de redenção desabafantes e promissores.

O comentário, o contacto e a solidariedade com o pessoal do contista baiano não podem formar uma peça inconsutil. Ao contrário, são personagens que inspiram audiência em separado. Merecem ser tratados de persi como elementos de massa.

A literatura atual só se estabelece quando corresponde aos anseios das criaturas e se mede pelo efeito de penetração total no bio-psíquico envolvido pelo ambiente social. Os leitores sequiosos pela cultura exigem o realismo atual — realismo que não toma fórma sem os esclarecimentos, tambem atuais, decisivos na criação de uma obra definitiva. Observar não é uma possibilidade de natureza mecânica ao alcance de qualquer pessoa. Observar é um previlégio para os que têm em correspondência a sensibilidade voltada para o exterior. E' sentir, é integrar. Acontece isso a Dias da Costa. De "Pensão Familiar" a "Mar Grande" ha um crescendo no movimento dos fatos, nas situações que se projetam estranhas e marcadas. Sugerem nomenclaturas as individualidades fixadas e merecem classificação para estudo. Salientam-se os exemplares de comportamento falseado dentro do próprio condicionalismo. Sobrepujam os proletarios esmagados e distantes dos destinos a que ignoram ter direito ou que não atingem por razões não delimitadas.

"Trabalho" entre outros é uma espécie de reportagem humana como preparação. Literatura convergente para o drama coletivo com cenários diversos e constantes. Sente-se o autor vivendo e sentindo o meio que descreve. Para terminar a **sinfonia proíbida** com toda a sua pujança de beleza apaixonada.

"Canção de Bêco" é um instantâneo tenebroso e convincente. O José Elias não tem o menor aspecto de ficção. E' um irmão de todos. E' um elemento modelo e companheiro de tantos que enchem o livro de principio a fim. O fecho de "Canção do Bêco" define bem o desencontro com o ideal almejado pelos **vivos:**

"O Diretor tem esperanças de que eu me corrija. Eu, porem, estou satisfeito comigo mesmo. Agora é tarde de mais para eu me regenerar..."

Como símbolo "Uma tragedia sem sangue" tem significado poderoso. Carminha feita criança exprime a conciência ainda anuviada tão estabelecida entre os adultos. O inconciente agindo para derrubar as mais anhelosas ambições é um dos fenômenos mais comuns nos gestos humanos. O **Terremoto,** que nem o próprio Dias da Costa conseguiu salvar é constantemente a vítima de todas as Carminhas grandes ou pequenas, amigas ou inimigas. E' o sonho — nosso mundo ansiado.

Os grandes passeios do esprizoide estão magnificamente desenrolados. "Angustia, "Enquanto Yvone me espera", etc. arrastam o leitor a interiorizações dolorosas. Sugerem principalmente o que "Personagem" concretizou: o verdadeiro ocupou o logar da ficção e os homens se encontram em todas as cenas.

As alternativas do introspectivo e do coletivo dão ao aglomerado humano que é o livro de Dias da Costa, o seu sentido universal.

SATINADOR

JESUS LARA
PARA ESFERA

— Ttoc-pun, ttco-pun, ttoc-pun...
— Ttorotototoc... bumbumbumbum...

Diríase que las balas quisieran allegársele a flor de piel, pegársele como para revelarle en estrecha confidencia la intención de las automáticas y de los fusiles enemigos. "Ttoc", le detona secamente al oído un proyectil; luego se denuncia al frente el "pun" del fusil pila. Ttorototototoc" se le viene una ráfaga de "pesada" en medio de un profuso abejeo, y más allá se descubre en seguida el "bumbumbumbum" de la pieza. Pero el hombre conoce harto la alevosía de las balas. Si ellas tanto se le acercan, no es precisamente para alisarle el cabello ni para darle palmaditas en la espalda. Entonces, tan pronto como se le anuncian las confidencias, se aplasta contra el suelo, de cabeza a pies, y queda inmóvil entre las hostiles carahuatas.

Esta noche es negra como las anteriores, el surazo no ha recogido ninguno de sus elementos: el mismo frio, la misma garúa intermitente. el mismo viento. Pero el hostigamiento ha perdido toda su violencia. Son algunas automáticas y algunos fusiles los que disparan uno tras otro, por turno, a lo largo de la línea adversaria. Esta es como un monstruoso teclado que fuese recorrido de un extremo a otro, una y otra vez, por una mano neurótica.

El hombre se arrastra a tientas por la entraña del tuscal, desgarrado por las carahuatas y por las ramas de las tuscas derribadas en la batalla. Hace rato que el puesto de centinela quedó atrás. De cuando en cuando tropieza con un cadáver y procura alejarse rápido. Estos soldados murieron hace unas seis horas y en estos momentos ya se están pudriendo; es imposible soportar su vecindad. Llegan ayes de heridos. Por dónde estarán? El hombre no concibe la aventura de buscarlos. Si encontrara un herido al paso, se vería irremediablemente perdido...

Hace dos noches, en el puesto de centinela avanzado, en horas de absoluta calma, el hombre contraíase de pánico frente a un peligro en que había más imaginación que realidad. Ahora, totalmente entregado al capricho de las balas, reptando como gusano rumbo a las posiciones enemigas, se siente poseedor de una vigorosa serenidad. Sabe que de improviso algún proyectil puede metérsele en la cabeza o en los hombros; son tantos los que pasan rozándole con sus zumbidos. Sin embargo sus nervios parecen ahora ausentes de su organismo. Cuando le pasa una ráfaga, es por costumbre, es mecánicamente que se aplasta contra el suelo. Por supuesto sabe que hay peligro; pero está tan familiarizado con él, que ya no siente miedo y sigue arrastrándose.

Qué difícil es arrastrarse en la selva y sin hacer ruido. Cuánto se tarda. Nunca se sabe la distancia que se recorre; mas ahí están los oficiales que quieren saber a cuántos metros precisos se halla la línea enemiga, y el satinador tiene que inventar por la fuerza una cifra.

Llega a una estrecha depresión

del terreno. Aqui puede descansar un poco. Se sienta en el fondo. Está a cubierto del fuego. Bebe un sorbo de agua. Es tan densa la oscuridad, que no ve a tres pasos de distancia. Se halla seguramente en una cañada. Acaso por ella penetraron los pilas durante el bombardeo para iniciar su asalto. No obstante, no pudieron acercarse lo suficiente. Fracasaron. Se cargaron al sud, llegaron a diez pasos de las trincheras y allí se quedaron para siempre los pobres. El asalto fue definitivamente rechazado. Sólo que se sufrió considerables pérdidas. Según contaba el comandante de compañia, el regimiento había perdido ciento nueve hombres entre muertos y heridos. Treinta y un muertos. Por notable casualidad, el número del regimiento. Había muerto el subteniente Cárdenas. Una lástima. Era muy bueno. Trataba a los soldados como a sus hermanos. Siempre mueren los oficiales más buenos. Pero los pilas habían muerto por montones. Ahí, en el trayecto, había hallado siete, ocho, quizá diez, y sólo en la línea recta que había recorrido. Y frente a su tronera, él solo había hecho un montoncito de tres.

Ni fusil, ni morral, ni frazada trae ahora. Apenas la caramañola colmada de agua. Así va uno cómodo y sin meter ruido hasta el fin del mundo. Tiene un poco de coca. Extrae la bolsa que está metida en una faltriquera y se pone a mascar al modo indio, hoja por hoja.

No es la primera vez que él **satina.** Lo ha hecho muchas veces. Es casi una especialidad suya. Está a punto de gustarle. Además, aparte de su cabo, no hay uno solo que pueda satinar bien en la compañia. Ahora mismo, su cabo entró por otro lado.

El descanso ha sido ya largo. Adelante. La cañada parece oblicua; de suerte que por un lado debe ir a la línea pila. Como seguramente ir a la replegado el enemigo, se puede llegar sin novedad hasta las trincheras vacias. Luego echa a gatear hacia el frente adversario. Las balas siguen abejando en el aire; pero son inofensivas. El no tiene necesidad de pegarse al suelo.

Hasta este momento no había pensado en el frío. Balas, carahuatas, cadáveres, tuscas, menos el frío. El estaba ausente del frio. Pero ahora sus manos, su espalda, sus rodillas están congeladas. Una extraña angustia empieza a roerle las visceras. Nace en él el temor de no poder avanzar muy lejos. Se sienta. Se frota las manos con ahinco; hace flexiones desesperadas con las rodillas. Consigue un poco de calor. Sigue adelante.

Oye de pronto un frufrú de granada. Se pega al fondo del cauce. El proyectil estalla tan cerca, que cae sobre su cuerpo una manga de tierra. Inmediatamente estalla otra granada. Son **normale** de mortero. El hombre abandona la cañada y busca en las tinieblas, presuroso, a rastras, los embudos. No tarda en hallar uno. Naturalmente es muy poca cosa. Se mete y se enovilla dentro. Una tibieza de lecho para su cuerpo. Un tierno calor de madre para su angustia. Se pone de un flanco y de otro, a fin de que cada uno reciba por igual la parte de felicidad que le toca. El hoyo se va enfriando. Pero ya está él en condiciones de volver al cauce y proseguir su peregrinaje. Al arrastrarse hacia la cañada, sus manos se hunden en un charco de sangre y se le erizan los cabellos como si de súbito apareciera al borde de un precipicio. La sangre está fría, pero es fresca, no

se ha coagulado aún del todo. Ahora distingue claramente, junto a él, un cadáver. No lo notó al buscar el embudo. Pila o boli? La vista no está para árbitro esta noche. Las manos, tal vez. La cabeza no lleva gorra ni sombrero. La blusa es tan vieja, tan andrajosa, que no puede aportar un testimonio; además está toda ensangrentada; parece que hay una gran herida en el pecho. Los pies no están calzados. Tanto entre ellos como entre nosotros hay muchos soldados que no tienen zapatos. Su cintura está ceñida por cartucheras **vicker** repletas de cacerinas. Este es un indicio. Por lo general los nuestros cargan la munición en el morral; entre los pilas hay muchos que usan cartucheras **vicker.** Ah, su caramañola es **boli,** de oficial... Una trágica probabilidad toma forma en su pensamiento. Su cabo usaba cartucheras **vicker** y poseía una flamante caramañola de oficial. "Nunca me quito estas cartucheras — solía decir, — porque ya dos veces me han salvado la vida. Aqui rebotan las balas como en el cuero del diablo". Palpa las cartucheras por un lado y por otro... La yema de su índice se hunde en un impacto... y en otro! Es él! Le busca la muñeca derecha: en ésta llevaba una delgada, una esbelta placa de identidad, sujeta con una triple cadenilla de filigrana. Pero la muñeca fué volada. Tenía un lunar negro, prominente en el entrecejo; los dedos hallan al punto el documento falta.

Con cada compañero que muere, el soldado constata que se desagrega un poco su espíritu y siente que se desprende un girón de su propia personalidad. El hombre no tiene tiempo para vacilar. Toma su determinación: "Hermano, te tengo una deuda impagable; no te dejaré aquí". Y obra. Arrastra el cadáver hasta la cañada. Luego prosigue su camino. No se puede saber cuánto tiempo avanza a gatas.

Percibe un tenue murmullo... Sigue avanzando. Voces imprecisas... Una tusca descuajada cubre el cauce y le retiene. No es posible apartarla sin hacer ruido. El hombre sortea el obstáculo arrastrándose por el borde. Vuelve al cauce y continúa avanzando cada vez más sigiloso y más anhelante. Ahora las voces casi son claras. Unos pasos más...

— ... bolij... contraataque... — le hieren el oido como traídas por una mano estas palabras.

Todavía unos metros más. Puede quedarse aqui.

— Sabrán que ejtamo cerca.

— Lej engañará el fuego que se lej manda de lejo.

— Ayechama rojheyata catueté...

El hombre no desea saber más. Se encuentra delante de un puesto de clase o por lo menos de uno de centinella doble. Lo primero es más probable; un clase y varios soldados vigilando la cañada...

Se aleja más sigiloso y más anhelante que al venir. Un descuido el más pequeño, un ruido el más leve, sería suficiente para acarrearle toda una catástrofe. Entonces ya no podría llevarse a su camarada y enterrarle tras de la línea. Y los dos se quedarían a podrirse y a apergaminarse en el laberinto del tuscal.

El regreso prospera con una lentitud desesperante. Las balas no cesan de tejer arabescos de zumbidos en las tinieblas. Qué trayecto más largo tiene por delante el hombre. Su frente se humedece de un sudor frío y viscoso. Le arden los ojos acribillados por las sombras. El oído le repiquetea como una esquila exasperada. El corazón le golpea con

furia. Una ansiedad mortal le traba las manos y las rodillas.

Llega por fin al sitio en que quedó el cadáver del camarada. Ahora le vuelve la serenidad en un chorro de alívio y de esperanza. Masca un nuevo puñado de coca, hoja por hoja.

Le quita las cartucheras, éstas que la tercera vez ya no pudieron salvarle la vida; las arroja a un lado. Le saca el cinturón; luego se arranca el suyo; junta ambas correas, que fueron portafusiles en otro tiempo. Coloca el cadáver de bruces y de largo al borde de la cañada, pasando la correa por el tórax, de modo que los brazos quedan libres. Ahora se echa de espalda sobre el compañero, recoge los extremos de la correa y se los asegura fuertemente al pecho por medio de la hebilla libre. Tras un esfuerzo sobrehumano logra volcarse contra el fondo de la cañada, con lo cual el cadáver, ya rígido como un tronco, queda cara al cielo y convertido en una carga que pesa más de lo necessário.

El hombre vive una etapa de estoica felicidad. El peso del camarada es en su espalda como una cruz de redención. Sus músculos exprimidos por dos años de trincheras serían impotentes para conducir por si solos este cuerpo inmolado en este calvario bárbaro y sin sentido; pero no son sus músculos, son las supremas fuerzas del espíritu las que le llevan a remolque bajo la red amenazante de las balas. Esta es la oblación del dolor del hermano, el último gesto de solidaridad del camarada, el máximo heroísmo del soldado que no ha de merecer ascensos ni condecoraciones.

La fantástica hormiga reptará con su carga, tenaz, inquebrantable, quién sabe cuántas horas, quién sabe cuánto tiempo, hasta ganar el límite tras el cual el compañero muerto encontrará la sepultura que le corresponde como a ser humano. "Mi cabo Parra, hermano, compañero — le dice en silencio el hombre mientras las carahuatas le desgarran los brazos y los musclos, — esta noche voy disfrutando por última vez tu compañia. Esta noche estás haciendo conmigo tu última retirada. Verdad que no habrá sed ni insolación. No tendrás que decirme como en Campo Vía: "Hermano, no puedo más. Busca **sipoe**". Al final de este viaje por última vez estaremos juntos en nuestra zanja. Después quedaré solo. Ya no vendrás por las noches a decirme: "Hay orden de satinar. Vamos, hermano..." Dentro de unas horas tendremos que decirnos "adios" sin abrazarnos, sin hablarnos, sin desearnos "buena suerte". Después tendré que escribir a tu madre anciana y a tu mujer... Ellas y tus dos hijos quedarán sin apoyo, en la desolación, en la miseria. Y la "patria", que te exigió el "sacrificio de la vida", no se acordará del hambre de tus hijos, ni del desconsuelo de tu mujer, ni del desamparo de tu madre... Sí. La "patria" exige, impone con toda la violencia de sus leyes; pero después esa misma "patria" no recuerda, ni comprende, ni repara la destrucción de las vidas y de los hogares, porque para ello ya no tiene oídos, ni corazón, ni entendimiento... Ay, hermano, compañero, mi cabo Parra"...

(Bolivia)

DESCONHECIDO EM PARIS

Anna Amelia de Queiróz Carneiro de Mendonça

Uma das mais interessantes horas de arte da minha vida literária, passei-a em Paris, na Casa de Balzac.

Está claro que o dono da casa não estava. Mudou-se, há muito tempo, para a morada definitiva do Pére La Chaise. E como não poude transmitir a um só homem sua opulenta herança espiritual, permitiu que um grupo de fervorosos cultores repartisse num convivio amigo o patrimonio legado em obra tão vasta e tão forte, que serviria de alimento a toda uma geração.

Foi um estreante nas letras parisienses — é preciso não esquecer que os estreantes em Paris têm, quasi sempre, mais de trinta anos — cavalheiro gentilíssimo e um tanto cabotino, quem nos convidou certa noite para uma festa de arte, nesse discreto e interessantíssimo cenáculo, que é a Maison de Balzac.

Sociedade literária e pequeno museu individual. tudo ali respira, ao mesmo tempo, austeridade e doçura, oferecendo ao nosso anseio de turista, ávido de sensações caracteristícas de cada lugar uma oportunidade rara, qual a de penetrar, improvisadamente, em pleno ambiente de cultura francêsa, no coração mesmo de Paris.

Encostando o automóvel a um pequeno muro antigo da "rue Raymonard", descemos alguns degraus para entrar em uma casa muito simples, da qual vai-se descendo ainda, por tres escadinhas, até a velhissima residencia do grande mestre muito abaixo do nível da rua e abrindo para um pequeno jardim cheio de árvores.

Alí se vai realizar, nessa noite, uma sessão de "causerie et interpretation", em torno do vulto consagrado de um poeta da Academia Francêsa. No refúgio fechado e escuro desse jardim antigo, a poucos passos do centro turbilhonante, apenas dois candelabros solenes iluminam com luz tímida de vélas, uma mesa austera, colocada sob uma fronde mais ampla. O velho bairro parece adormecido e aquele punhado de artistas — poetas e prosadores, cantores, comediantes e "diseuses", parece, de repente, um "rendez-vous" de sombras, revivendo sob a mística cumplicidade da noite, o velho encanto das tertúlias, eruditas e artísticas, do "vieux Paris".

O nosso introdutor é, realmente, um specimen curioso da vida intelectual parisiense. Só tem em mira tornar-se conhecido, o que me não pareceu nada fácil na cidade-luz. Descobriu em mim um exótico elemento de propaganda pessoal; e anda exibindo, depois da palestra consagradora sobre o homenageado, feita por outro famoso acadêmico, em cada intervalo, entre as interpretações declamatórias ou musicais do poeta, a "avis rara" que constitue alí uma poetisa do Brasil.

Mas não permite — empresário de número sensacional — que eu me detenha senão o tempo que lhe parece razoável, em palestra com cada interlocutor a que me vai apresentando. Alguns minutos mais longos para uma consagrada atriz da Opera Comique; dois segundos apenas para a cantora Rose Provence, pois ainda não é "bien connue", em Paris, acabando de chegar do interior. Um minuto para este poeta jovem (deve ter muito talento, mas pouco nome); e apenas uma troca de cumprimento para uma pequena declamadora de azul.

"Pas connue, pas connue" — diz-me ele com um ar de reserva. A novidade sul-americana não deve baratear-se, detendo-se em palestra com as figuras menores dessa memorável reunião.

Mas o heróe da noite, o belo e solene poeta da Academia Francêsa, aproximou-se de nós. Talvez tenha ouvido comentar por alguém a presença da ouvinte estrangeira que lhe aplaudiu os sonoros alexandrinos e as rimas tão cantantes. Talvez porque este lado do jardim é mais fresco e mais florido. E o meu solícito introdutor literário, aproveitando que a sessão está terminada, faz a soleníssima apresentação.

Agora sim, agora trata-se do homem do momento, posso falar-lhe e ouví-lo sem medo de que uma voz amável me venha convidar a voltar-me para outra personalidade mais famosa — alguma relação mais útil ao nome literário que ele quer fazer. E há uma cordial conversação entre o mestre que os amigos de

Z U N G U'

No rancho de palha que foi pau-a-pique
Agora tapera de algum feiticeiro,
Ganzá de pedrinha só faz chique-chique
E o bumbo resmunga no escuro terreiro.
O dia que surge parece a queimada
E o dança que dança faz cova no chão;
— A terra percisa ficá bem socada,
Batuca negrada com pé de pilão!

"Oiei prá ancê
E fui dessa banda..."

A estrela perdeu-se detraz do coqueiro.
O dia amarelo que nem açafrão
Dourou as guanchumas daquele terreiro
E os pretos deitados, dormindo no chão.
A ultima negra cochila na porta,
Seus olhos se fecham ao sol do caminho;
Ouvindo o que resta da musica morta,
Relembra o pachola e canta baixinho:

"Oiei prá ancê
E fui dessa banda,
Eh..."

A F F O N S O S C H M I D T

Balzac reverenciam nessa noite e a poetisa desconhecida, que traz nos olhos a curiosidade viva de um país novo, cheio de sêde intelectual.

O poeta tem por nós simpatia e curiosidade. Teve discipulos brasileiros e acha na nossa lingua um mixto de bravura e de graça musical. Eu lhe falo um pouco da influência inconfundível exercida pela França na nossa formação literária e das minhas primeiras emoções poéticas nas páginas palpitantes de Alfred de Musset.

Satisfeito, triunfante com a atenção que o grande poeta está conferindo à poetisa exótica, o meu empresário distrae-se um pouquinho em animada conversa com a cantora de ópera. Aproveitando o momento, o acadêmico que saudou o famoso poeta e que se acha a nosso lado, pergunta ao colega, em voz baixa:
— "Qui est ce jeune homme qui m'a salué, il y a quelques instants?"

E o outro, displicentemente, interrompendo por alguns instantes a narrativa que me fazia de um episódio qualquer ligado ao seu desejo de conhecer o Brasil:

— "C'est un tel... un tel... Pas connu, pas connu du tout".

(Para ESFERA)

Literatura que não é divertimento

Abelardo Romero
Para ESFERA

De uma de suas viagens ao velho mundo. Gilberto Amado chegou dizendo que a literatura americana era apenas um divertimento. Ora, eu não posso dizer que seja este ou aquele o sentido dessa palavra na bôca do ilustre autor da "Chave de Salomão". Naturalmente ele quiz dizer que os americanos não fazem nada de expressivo no campo da literatura, ficando na cronica do far-west ou no romance folhetinesco, tão do gosto do publico. Mas nem assim a literatura americana poderia ser tomada como simples divertimento, porque o fim da literatura não é divertir. Com certeza a intenção de Gilberto foi dizer que os americanos são superficiaes e que só os francezes — ah, sim, os francezes! sabem fazer o troço. Ahi está um grande erro de Gilberto Amado. Infelizmente esse erro não é só de Gilberto Amado, mas de outros escritores do Brasil e outros paises da America. Felizmente a geração moderna não alimenta o mesmo preconceito, e isso porque não tratamos de um assunto senão quando o conhecemos. Vargas Vila, aquele intoxicador da mocidade latino-americana, passou o resto da vida caluniando os americanos porque estes não ligaram importancia á sua literatura de ponto e virgula.

Como Vargas Vila, muitos outros andaram atacando os americanos, dizendo que eles não davam nada, a não ser para a industria. Um erro bôbo. Estamos na obrigação de desfazer de uma vez para sempre o preconceito de que os americanos são praticos e indiferentes ao belo. Ao contrario de nós, que ainda bem não chegamos já fomos fazendo literatura, e da peior, preferiram eles crear uma nação farta e rica, cortando-a em todos os sentidos, e em logar de visionarios famélicos como Antonio Conselheiro, tiveram figuras como a de Johnny Appleseed, que saía semeando sementes de macieira pelo interior do país. O velho Bryce, que não tinha interesse em jogo, previu o futuro de um povo que sabia instintivamente que o estomago vem sempre em primeiro logar. Um povo que agia em todos os sentidos e que estava sempre interessado em tudo não podia parar no meio do caminho, contentando-se com as migalhas da inteligencia alheia. Mas não vamos tratar do passado. Tratemos aqui de uma nação que é hoje a mais civilizada e a mais rica do mundo. Uma nação que é a Méca da paz e a propulsora do melhor movimento literario do nosso tempo. Não quero ferir os melindres dos nossos amigos, os franceses; mas não posso deixar de dizer que os americanos teem hoje uma literatura mais vigorosa do que a deles. Uma literatura mais viva, mais expressiva e que traz a todos os homens dispersos uma promessa de felicidade. Os francezes, que eu e Gilberto Amado tanto apreciamos, estão bebendo inspiração na técnica de um John Dos Passos, no teatro de um Eugene O' Neil, na poesia de um Sandburg, etc. Agora vamos a um pouco de produção. Lewes Gannet, que é o critico do "Herald", fez constar outro dia que os editores americanos iam dar de quatro a cinco mil volumes entre 1.º de agosto e o fim do ano. Estamos em janeiro, e a esta hora as vitrines do mundo estão abarrotadas de livros que não são um méro divertimento, como pensaria Gilberto Amado. Não é possivel que esses cinco mil volumes sejam todos da melhor qualidade. Com certeza deve haver muita porcaria. Mas na França tambem ha milhares de livros que não valem nada, mas que a gente lê e acha bom porque vieram da doce terra de França. Como disse, nem todos os livros são bons. Mas acontece que só este ano os americanos nos dão obras como: "O Rei Estava Em Sua Casa", de Branch Cabell; "Negro E' O Cabelo Do Meu Amor", de Elizabeth Madox Roberts, "Tudo Isto E Tambem O Céo", de Rachel Field; "Nenhuma Estrela Se Perde", de James Farrell; "Pouco Aço", de Upton Sinclair, dois magnificos livros de contos, um de Ernst Heminghway e outro de John Steinbeck, etc. Falei apenas de alguns livros de ficção onde o leitor vae encontrar o reflexo palpitante da vida americana. São livros de um alto sentimento humano, livros que não divertem, como pensa Gilberto Amado, mas que, ao contrario, dão o sentido e a direção da humanidade de hoje. Upton Sinclair prosegue sem desfalecimento na sua ardorosa luta contra a escravidão economica. James Farrell está preocupado com a vida dos pobres nos quarteirões de Chicago. E até as mulheres, que em outros paises ain-

O açucar como remedio

Nem todos sabem que açúcar, além de ótimo alimento, agradavel e são, póde tambem ser considerado, sob não poucos aspectos, como remedio. O açúcar é um ótimo tonico do aparelho muscular e, portanto, do mais importante musculo do nosso organismo, o coração.

O coração doente, que dificilmente mantem a função circuladora, com o auxilio de remedios que lhe fortifiquem as pulsações e regulem o rítmo, exige tambem uma maior quantidade de açúcar, porque maior é o esforço que dêle se exige. Não se pode, pois conceber uma doença do coração, leve ou grave, orgânica ou nervosa, sem que se administre ao paciente uma quantidade de açúcar maior que a normal, seja com leite, seja com agua.

Em grandes doses, o açúcar póde realizar funções purgativas e, até em doses normais, é diuretico.

Lembremos, finalmente, que o organismo vivo tem a maravilhosa faculdade de transformar os hidratos de carbono em gorduras, sempre que disponha deles em quantidade suficiente. Daí que o melhor tratamento para aumentar de pêso seja o feito com açúcar, com o que ha ainda a vantagem de facilitar a circulação do sangue e fortificar os musculos e os nervos. E' um tratamento que devia ser sempre utilizado depois das doenças prolongadas e nas diversas formas de depauperamento organico.

da estão preocupadas com certas bobagens, tratam ali dos interesses da nossa especie. São mulheres machos como Pearl Buck, que luta contra os preconceitos de raça e religião. Mulheres como Madox Roberts, que se insurge contra a vida estreita de Kentucky. Mulheres como a poetisa Genevieve Taggard, que dirige os seus magnificos cantos do outono aos anti-fascistas, etc.

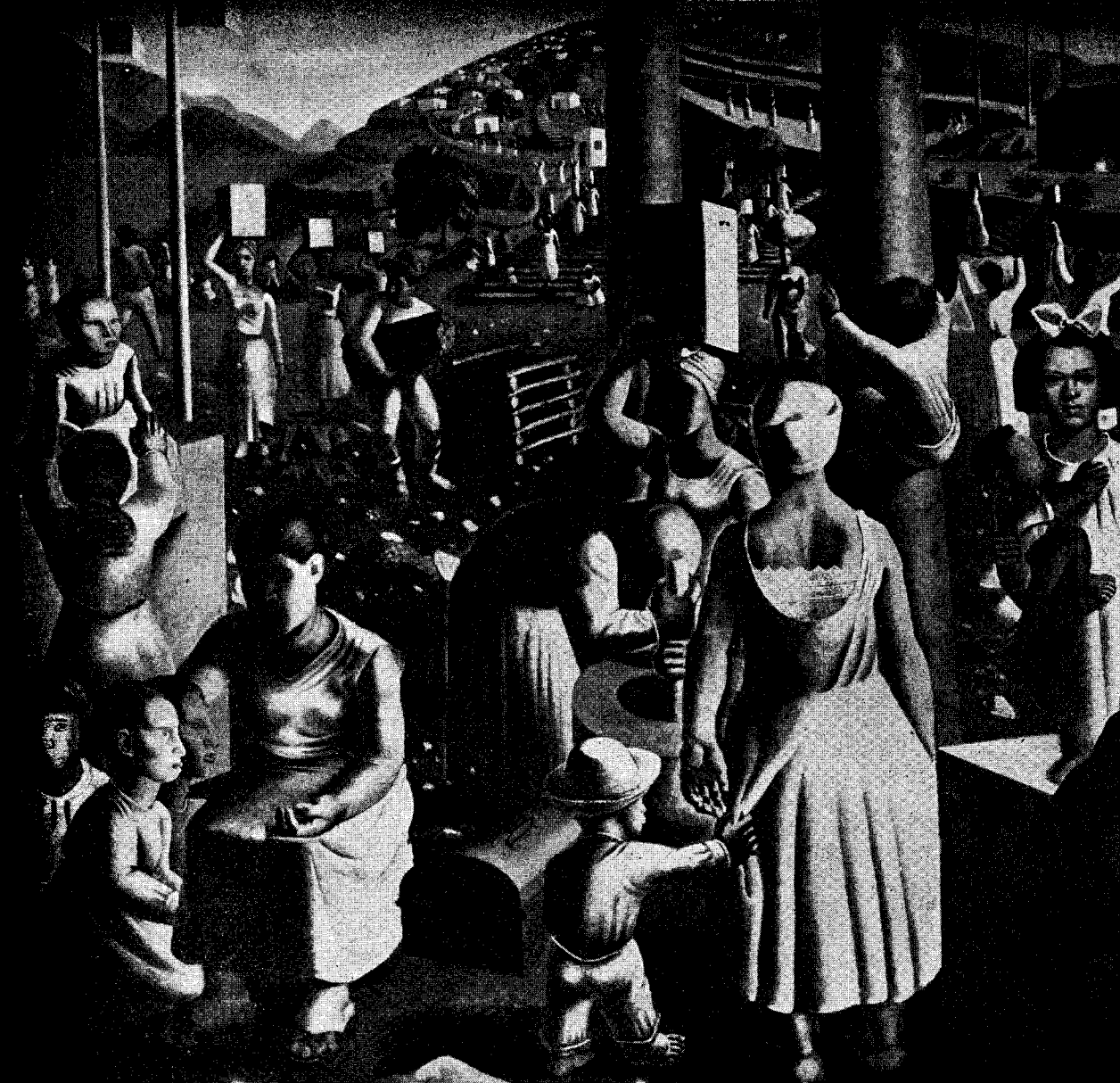
Como vimos, aí está uma literatura que se renova nos seus processos e que, como um espelho magico, não só reflete a realidade do povo como as suas aspirações. Uma literatura como essa não traz nenhuma intenção de divertir. E' muito seria demais para isso. Mas, emfim, cada qual pensa como lhe apraz e não ha nenhum mal nisso. Gilberto Amado e outros escritores de nomeada poderão ainda dizer que a literatura americana é um simples divertimento. Gosto é coisa que não se discute. Disraeli, que tambem era homem de letras, costumava dizer que a coisa mais deliciosa do mundo era ...

Ausência

Para ELIZA

Deolindo Tavares

Atravessarei o tempo, vencerei a distancia
para que minhas mãos voltem a repousar nas tuas
e minha cabeça descanse no teu seio
onde minhas dôres depositarei.
As palavras de tuas préces
serão um iman que me fará regressar a ti.
Verás então como os dias e as noites
se impregnaram nas minhas faces
e como meu espirito não se libertou da angustia secular;
saberás pelas minhas palavras,
as palavras que pronunciei para outros ouvidos
sempre presente em teu espirito
pela magica de meu pensamento.
E nas pupilas de meus olhos,
encontrarás paisagens e perspectivas multiformes;
e na poeira de meus sapatos,
os caminhos tortuosos que venceram os meus pés.
Tuas lagrimas serão a minha remissão,
a remissão dos meus erros e de meus desvios;
e teus labios pronunciando palavras de jubilo,
e tua voz soando na minha voz,
e meu corpo, meu espirito e meus sentidos
se reintegrarão neste instante na tua memoria para a eter-
nidade.
E seremos dois astros gemeos
aproximando faces esquecidas
e percorrendo trajetorias infinitas.

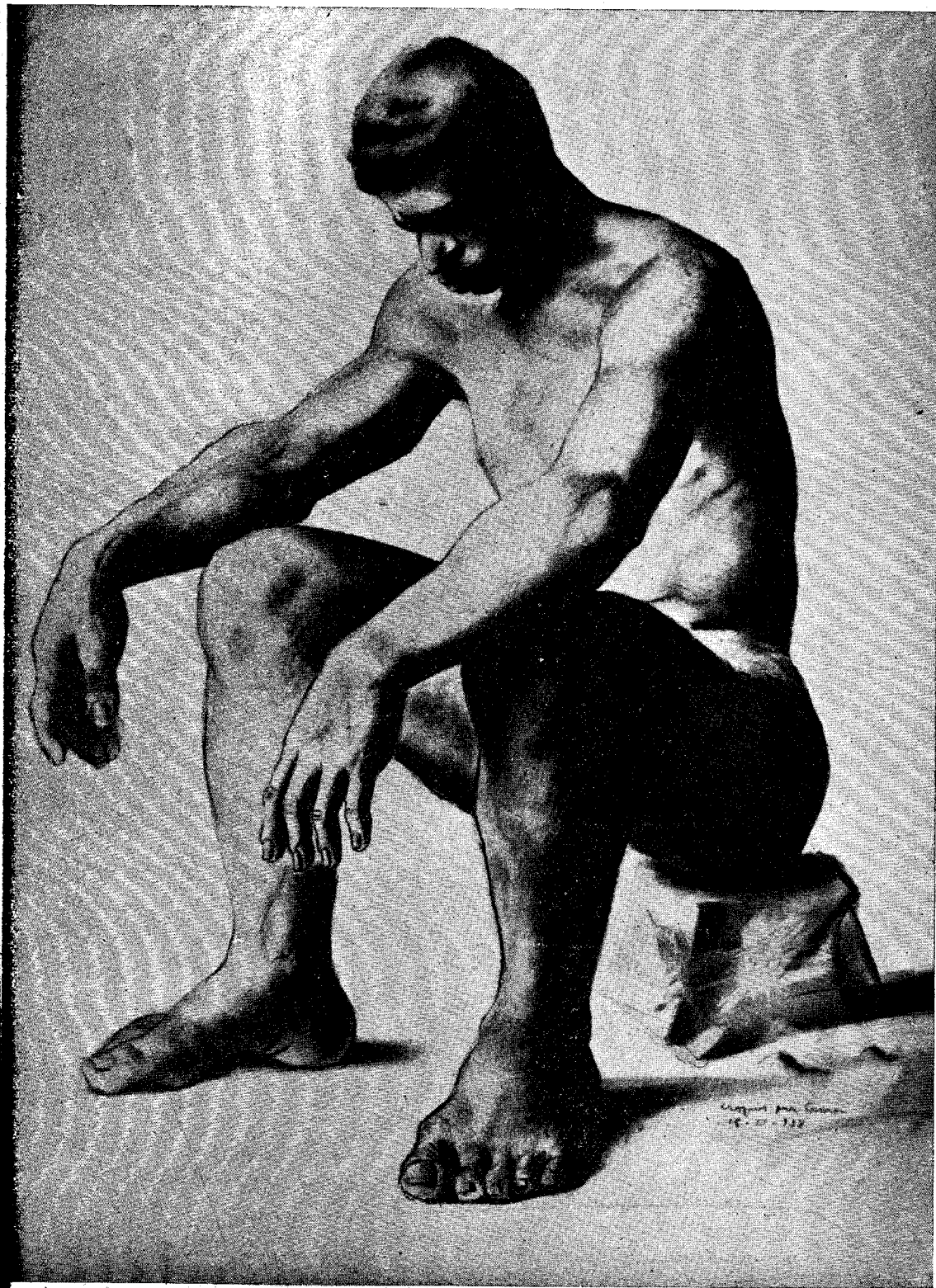
Especial para Esfera

FESTA DE S. JOÃO

Não é possivel falar na exposição Portinari sem primeiro enaltecer o Ministro Capanema que, proporcionando ao Brasil um acontecimento artistico memoravel, realizou a quebra do academismo dominante no nosso salão oficial. O Museu Nacional de Belas Artes escancarou suas portas numa decisiva tarefa de cultura artistica. E no curto prazo deu a maior lição de arte que poderia ser idealisada.

Portinari, forte, criador, anatomista, psicólogo, psicanalista, etc., dominou a estrutura humana, interpretou, reproduziu. E' o pintor da realidade compreendida, é o artista do comportamento humano. No todo, ou no detalhe, estão fixados os gestos e as angustias que povoam os seres exibidos. O complexo das expressões flutua em traços legitimos e volumes afirmados. A quimica da composição marca a evolução da forma surgindo das cores, das nuanças e das sombras. Não é a carne que predomina — ha sempre um constante ultrapassar que manifesta a presença de nervos, fibras, sangue, vida. As caracteristicas do neo-realismo superam empolgando.

Os salões imensos da nossa Escola de Belas Artes estão acolhedores — emocionantes. Que desafogo! Que reivindicação!

Os modernistas têm abusado enormemente dos volumes quando pretendem seguir Picasso em fase já passada. Portinari se apossou do volume como instrumento na exaltação do conteúdo e realizou o maximo com os seus processos libertados de construção. Criou belezas de formas reconheciveis e mostrou poderosas manifestações de anseios esclarecidos e legitimos. S.

Museu Nacional de Belas Artes

Paralelos Historicos

Mazdekismo e Osirismo

ABEL SALAZAR

IV - REVOLUÇÃO OSIRIACA

Examinamos agora o Socialismo de Estado resultante da revolução osiriaca.

Êste estudo não é tão fácil como o religioso; "as partes de informações, diz Moret, a êste respeito são raros fragemntários e localizadas num pequeno número de sítios. Somos obrigados a deduzir de alguns fatos locais uma organização de conjunto, e esta generalização, numa exposição como esta, não vai sem grandes riscos de que nós queremos prevenir os leitores".

Sigamos pois estreitamente Moret nêste terreno difícil, e estudemos em primeiro lugar a condição social do povo sob o Império Antigo.

Os **mertou** (camponezes) estão sempre ligados à terra. a ela ficando ligados mesmo quando muda de dono. Homens e gado, seguem o destino da terra em que trabalham; se o Faraó, proprietário de todo o solo, faz presente dum demónio dando-o em feudo a algum previlegiado, o mertou segue o destino do demónio: à condição analoga ao dos **coloni** do Baixo-Império e dos servos da Edade-Média.

Os artifices. da mesma maneira mudam de senhor, conforme os caprichos faraónicos. Os trabalhadores são divididos em "mãos", équipes de cinco homens, sob as ordens dum Kherp, que tem como insignia um bastão de comando. Os **Kerpon** centralizam os produtos da colheita ou dos ateliers para os regentes das aldeias ou das cidades, que por seu turno os entregam aos monarcas ou aos armazens faraónicos. As équipes de cinco são agrupadas em équipes de dez, de cem trabalhadores, sob as ordens de centuriões. A équipe é desde as origens, de contituição famliair; o Kherp, nêste caso, é o pai, ou o filho mais velho.

Mas esta constituição familiar era desagregada pelos caprichos dos senhores pelas vendas dos bens, por forma que a família da équipe dispersava-se muitas vezes por domínios diferentes .

Das cartas de imunidade do Antigo Império conclue-se que havia uma oposição entre os "comuns" e os "imunitários". Os comuns parece que não tinham tido até aqui nenhum estatuto; de resto não são conhecidos os limites para as suas obrigações, nem os seus salários. Mais tarde aparece um "ato" de inventário e declaração que "regula a condição das pessoas e das terras", e que é o primeiro passo para um Estatuto legal dos proletários. Após a VI dinastia certos domínios feudais tornaram-se "cidades de imunidades", com uma "carta e o mesmo acontece para as cidades novas" fundadas pelo feudalismo. A situação do proletariado melhora e os Mertou tornam-se iguais aos **Sarou.** As "cartas". conferindo a certos grupos de artistas e camponezes um estatuto previlegiado, representam o primeiro esforço de emancipação proletária.

Mas esta emancipação, não era realmente possível dentro da ossatura social do Antigo Império; a Revolução fez aluir como vimos toda esta estrutura.

A sociedade reorganizadora após esta debacle, não podia atingir uma forma democratica radical; não se pode imaginar, diz Moret. um Faraó, Rei-Deus, organizando Conselhos dos Antigos e Assembléias populares.

Mas os papirus descobertos por F. I. Petrie em Kahonu el Gourab, nas pequenas cidades do Egito Médio dão-nos os arquivos plebeais do tempo da XII e XVIII dinastias. Neles se verifica uma transformação radical da sociedade. Já se não fala em previlégio. em cartas de imunidades. Já não se fala em domínio real; toda a "terra negra" pertence ao rei. Os direitos e deveres do cidadão estão definidos, e qualquer pode desempenhar um papel no Estado.

O Faraó Marikarâ proclama a igualdade.

> **— Não distingas entre o filho dum nobre e o de humilde nascimento.**
> **Toma ao teu serviço o homem seguindo as suas capacidades.**

Por outro lado os documentos do Novo Império mostram-nos a situação do camponez por uma forma que verifica duma maneira positiva os informes fornecidos a êste respeito por Herodoto, segundo testemunho dos sacerdotes egipcios.

Sésostris partilhou a terra entre os Egipcios, dando a cada um um lote igual e quadrado, tirado à sorte. Se a cheia do Nilo arrastava uma porção do lote, o Faraó enviava um funcionário verificar o fato, e diminuir o imposto na proporção da perda.

"Tal foi o ganho, diz Moret, que o camponez tirou da Revolução: de servo passou ao estado de proprietário livre e hereditário, possuindo um estatuto legal".

Quais foram os resultados práticos desta socialização agrária?

Eis como Moret põe a questão.

"Se a situação do camponez melhorou, podemos dizer que ela é agora sem perigo e sem miséria o homem livre, sujeito às tarefas, ameaçado pelas exigências do fisco, qualquer que seja o estado da colheita, não tem êle por vezes mais cuidado, mais responsabilidade que o servo? E devemos fiar-nos no quadro energico, que nos traça um certo escriba, inchado no seu cargo de funcionário, encontrando aí uma segurança que êle põe em contraste com a rude condição do camponês?

> — Dizem-se que tu abandonas as letras... que viras a cabeça para os trabalhos dos campos... Não te recordas da condição do lavrador, no momento em que a colheita é taxada? Eis que os vermes levaram metade do grão , e que o hipopotamo devorou o resto. Os ratos são numerosos no campo, e o gafanhoto cái, e os animalejos corroem. e os passáros roubam... que calamidade para o lavrador! O que pode ficar na eira, os ladrões levam-no. E as correias estão gastas, a equipagem mata-se a puxar a charrua... E o escriba do imposto chega ao posto, e taxa a colhei-

ta. Há lá portiers com as suas..., negros com as suas camas de palmeira. Eis que êles dizem: "Dá os grãos!" — Não há nenhum... Então êles sovam o lavrador, caido por terra; carregado de cordas, é atirado ao fosso; mergulha na água, e patinha, a cabeça para baixo. A mulher dele está atada com cordas, deante dele, seus filhos encadeados, os visinhos abandonam-no, e fogem, levando o grão... (Pap. Anastasi, V, 15,6 sq.).

Há nêsse trechos dum escriba um exagero manifesto, e a generalização de acidentes de lavoura bem conhecidos; A socialidade não pode ir ao ponto de evitar os desabrimentos das fôrças e acidentes naturais, qu atuam sobre a humanidade qualquer que seja o seu regimen social. Por outro lado o problema do fisco, posto pelos trechos do escriba, é apenas uma questão de adaptação legal de flexibilidade legislativa sem importância social de maior.

No entanto parece que a socialização agrária de Sesostris conduziu a novos problemas econômicos e sociais, que seria do maior interêsse estudar.

—(O)—

Os operários, dependentes outrora dos ateliers faraónicos, dos templos e dos potentados feudais, foram libertados pela revolução e secularizados. A carreira de artistas é de ora avante livre. Êste fato é documentado por um tratado literário da XII dinastia, que refere o seguinte. Um personagem enquanto conduz à escola seu filho, tenha dissuadi-lo das profissões manuais, pintando-lhe a miséria que é o pago, por vezes, dos artistas; e esta "Satira dos ofícios" como lhe chama Moret, é uma viva pintura da situação do proletariado de então:

— Vi o trabalhador de metais no seu trabalho, à boca do seu forno, com os dedos como a pele dum crocodilo: cheirava mais mal que peixe pôdre. Cada trabalhador que empunha o cinzel, súa mais do que o cava; o seu campo é a madeira. A' noite quando está livre, trabalha mais do que seus braços podem; mesma à noite acende a lâmpada para trabalhar. O pedreiro procura trabalho em qualquer dura pedra. Quando terminou o principal das suas ocupações, tem os braços cançados, está extenuado. O barbeiro barbeia até altas horas, e vai de rua em rua, à procura de quem se queira barbear; rompe os braços para encher o ventre, como uma abelha, que come o seu trabalho (?).

O banqueiro que transporta as suas mercadorias até ao Delta, para o seu pago, trabalha mais do que os braços pódem fazer; os mosquitos matam-no.

O lavrador, as suas contas duram até à eternidade; grita mais alto que o abou. O tecelão no atelier ,está peor do que uma mulher; seus joelhos tocam no estomago, e não goza o ar... tem de dar pães aos porteiros para vêr a luz. O correio que part epara estranhos paises, lega os seus bens aos seus filhos, com temor dos leões e dos asiáticos. O sapateiro é muito infeliz, mendiga perperpetuamente;... come o coiro. O lavadeiro branqueia a roupa sôbre o cais; e está visinho do crocodilo. Quanto ao pescador, é isso ainda peor que os outros ofícios. Não trabalha êle sôbre o rio, onde se mistura com os crocodilos?..." (Pap. Salleer II, e Anastasi VII; o texto está cheio de termos técnicos cujo sentido não foi ainda elucidado. Nota de Moret).

Em oposição a êste quadro, tendenciosamente forçado, aparece-nos outra vez o Escriba, cuja felicidade acabamos de vêr opostas à do camponês. "Satira dos Ofícios" acentua o claro-escuro dêstes quadros para realçar a felicidade relativa da carreira do burocrata.

—(O)—

Do nivelamento social da Revolução saiu uma sociedade que pouco a pouco se diferenciou em classes: camponezes, operários, escribas e altos funcionários. Nesta sociedade diferenciada tomaram a hegemônia a dos **escribas** e a dos **nemhou.**

Os escribas constituem a classe culta, que fornece os intelectuais e os burocratas; o escriba póde ascender aos mais altos cargos de administração faraónica ,e vir a fazer parte dos **Sarou.** Os **escribas** constituem assim a parte intelectual e burocrata da burguezia .

Ao mesmo tempo diferenciou-se nesta sociedade, adquirindo uma importância progressiva, a classe dos **Nemhou** cujos humildes inícios estão descritos no "Conto do Aldeão". Estes "solitários", êstes "isolados", "pequenos" ou "pobres" **(nemhou)**, após um tenaz esfôrço e lutas porfiadas findam por constituir no fim do império thebano uma classe preponderante. e então o termo nemhou muda de significação, passando a exprimir "homem livre".

Acrescentemos que nesta sociedade a mulher, apesar da poligâmia, é livre e tem uma situação previlegiada. Ela póde ser **rondou**, chefe de équepe, e o lar doméstico é propriedade da esposa que gera a descendência.

Ao mesmo tempo que à plebe são outorgados os direitos religiosos e sociais e o acesso às funções públicas, a familia plebéia é admitida no uso dos contratos com o visto do Estado ,para as vendas, compras, uso de terras, etc.

Ela obtém a (quási) propriedade da "casa dos vivos" e da "casa dos mortos".

A Revolução teve, em suma, a seguinte consequência, definida por Moret:

"O povo inteiro vem a ser, desde a vida terrestre, aquele que êle aspira a ser depois da morte, segundo os ritos osiriacos: membro dessa grande família faraónica que, sob o Império Antigo, governava o Egito, e que se abriu desde a Revolução, a todo e qualquer homem. No serviço do Estado cada qual é posto no seu lugar, e trabalha segundo um estatuto definido. Ao regimen do capricho real opõe-se, segundo a própria confissão dos Faraós, o regimen da Lei e do Direito. Ao despotismo sagrado sucedeu o Socialismo de Estado".

Pelo que acaba de lêr-se vê-se que o Osirismo é um dos fatos capitais da história sob o ponto de vista social. Ele tem uma importância teórica e prática que não necessita ser posta em relevo.

Seria do maior interêsse vêr como, de oravante, a história do Egito se desenvolve, em grande parte, em função do Osirismo; se puzermos de lado, ou no seu verdadeiro lugar, as influências internacionais, a questão dos mercenários e do clericalismo a ação da Revolução Osiriaca aparece como um fator capital na história subsequente. Seria igualmente interessante pôr o conjunto dessa revolução, e sob êste mesmo ponto de vista, em paralelo com a evolução da Europa a partir da Revolução Francesa e dêstes paralelos tirar as conclusões legítimas. Não podemos desenvolver amplamente êste tema nêstes artigos, destinados apenas a vulgarizar fatos, e limitar-nos-emos a focar o osirismo sob o ponto de vista geral da mecânica das revoluções e a procurar nesta experiência social os ensinamento fundamental que dela derivam.

—(O)—

Muito embora a sua fachada exterior seja aparentemente a mesma antes e depois da Revolução, o

Egito posterior à Revolução, é como dissemos, completamente diferente do anterior. Diferença social e econômica, diferente politica, moral e intelectual. E estas diferenças são profundas, por vezes radicais, antagônicas. Ao faraonáto teocrático super-absoluto. sucede o faraó humano ,sujeito à lei e ao direito; ao regimen dos previlégios, do feudalismo, sucede o livre ccesso a todos os cargos públicos; ao sistema dos cargos hereditários, a seleção pelas competências; à plebe sem direitos políticos ,sociais e religiosos, a extensão dêste sdireitos a tod aa população; ao regimen da grande propriedade senhorial, o socialismo agrário de Estado; à injustiça e à prepotência, o direito e a equidade. A mulher libertou-se, e a familia modificou-se; e a moral do novo estado é fundamentalmente diferente da que dominou o velho Egito do Antigo Império. De ora avante qualquer egicio qualquer que seja a sua categoria e a sua fortuna tem o direito de se queixar superiormente de qualquer injustiça ou violência dos funcionários; o Faraó é juiz de todo o seu povo, juiz imparcial e sempre atento. Na literatura egipcia, sob a fórma de contos, de "ensinamentos", póde vêr-se em desenvolvimentos prolixos e excessivamente arrendondados, por vezes sob uma fórma humoristica tão característica dos egipcios princípios elevados de justiça ensinados ou impostos pelo Faraó aos seus funcionários. Os "Ensinamentos" mostram-nos a existência duma doutrina faraónica, de justiça e de bondade, que fazia reinar por toda a parte as "justas leis" (expressão da Stela d'Antef, no Louvre).

Um documento faraónico, gravado nos tumulos dos Vizires Rekhmarâ, contém um dicurso típico dirigido pelo Faraó ao Grande Vizir, no dia em que êle era "sagrado" na sua função.

Este discurso, e outros documentos analogos, mostram-nos preocupações e doutrinas de ética política e social das mais elevadas; a lei é constantemente invocadas pelo Faraó, bem como o Direito e a Justiça. Outro traço característico no novo Egito é a consideração em que nele é tida a inteligência e a arte da palavras. como consta dos textos da Stelas de Scherapibâ, Anter, British Museceum. O Faraó exige dos seus funcionários, não uma simples obediência passiva, conformismo cego de zêlo e de dedicação, mas espírito flexivel, inteligência, inicictiva ,caráter e personalidade. Uma nobre vontade aplicada à realização de fins generosos, eis o que serve de base a esta ética politica, de que o faraó dá o exemplo. O rei-deus, diz Moret. após a Revolução, foi assaltado pela dúvida; já não se o sêr sobre-humano, petrificado no seu hieratismo impassivel e divino. Reflete, calcula, estuda e aprende a arte de governar; esforça-se, de acôrdo com o Egito, de atingir um ideal.

"A fase dum Amenemhet ou dum Senousret, diz Moret, aparece-nos bem afastada da serenidade soberba dos antepassados, mas, pelo contrário, atormentada pelos cuidados, cavada pela anciedade, pela procura, pela meditação.

Sente-se que a sua vontade está tensa ,que êles lutam contra si próprios, e contra os outros, para fazer triunfar as suas aspirações, na conciência obstinada dos seus deveres e dos seus direitos".

Esta transformação profunda da alma do Egito, mostra-nos que durante o Império Antigo, se desenvolveram em tensão novas ideais e novos sentimentos que se foram acumulando sob a antiga e férrea orgânica, como as águas impelidas por um dique. No inconsciente coletivo, e no consciente analítico, foi-se hipertrofiando a fôrça que se chocava contra o dique e não tinha possibilidades de expansão ;os sentimentos de Justiça, de Direito, de Igualdade, uma ideologia nova se foram acumulando como em tensão um mundo novo porque as energias emotivas e intelectuais uma vez livre na sua expansão modelaram uma sociedade nova, e imprimiram-lhe uma nova alma.

A partir com efeito da Revolução, o Egito entra no seu periodo aureo; ergue-se Thebas, e os seus explendores sem igual; Luxor, Karnak, templos palácios, obeliscos, surgem na magia luminosa do vale do Nilo, cobrem-no do Delta até às cataratas, numa floração que é um exemplo único na história. As artes, as letras, a arquitetura, sobretudo, atingem uma das suas mais altas expressões, passam por vezes além das possibilidades da imaginação, e aproximam-se do sublime. "Nenhum povo diz Champollion, antigo ou moderno, concebeu a arte da arquitetura numa escala tão sublime, tão ampla, tão grandioa como o fizeram os velhos Egipcios: concebiam como homens de cem pés de altura, e a imaginação que, na Europa, se ergueu e voa muito acima dos nossos pórticos, surpreende-se e cai impotente, ao pé das cento e quarenta colunas da sala hiperstilo".

Mas as circunstancias internacionais, a invasão dos Hycksses, a pressão das potencias asiáticas, conduziram o Egipto ao Impérialismo faraónico; os Faraós e o povo, foram arrostados para se defender a uma politica mundial agressiva e defensiva, contrária ao que foram sempre as tendencias do Egito O exito deste imperialismo fez do Egito o centro da politica internacional de então; Tebas tornou-se uma capital prodigiosa, sem exemplo e a sua fama estendeu-se a todo o mundo antigo; nela se aglomeravam num deboche louco, palácios, templos, necropoles: o conjunto arquitetônico Luxor-Karnat não tem talvez correspondencia em toda a história da arquitectura.

Mas êste imperialismo vitorioso inundou o Egito de massas compactas de escravos; homens da Nubia, Povos do Mar, Hyksos, Asiáticos, bárbaros de toda a ordem, chegam em massa ao Egito para servir os vencedores. Esta introdução de escravos foi a catastrofe social e histórica do Egito; os escravos, os marcenários, por um lado, e o poder absorvente do clero de Amon e de Heliopolis, por outro, arruinaram o Egito, desagregaram a sua moal, purificaram a sua evolução, até que, submerso pelos povos estranhos, desapareceu da história, reduzido a um pálido espectro do que fôra.

COMENTANDO LIVROS

A desmoralisação da critica - "Cangerão"

DIAS DA COSTA

Felizmente algumas vozes honestas já estão se levantando para reagir contra a direção que está tomando a critica literaria do Brasil. A nossa literatura, dividida como se encontra em aglomerações arbitrarias, de grupos que se combatem pelos motivos menos defensaveis, motivos que vão desde a questão de idade dos escritores, até a questão do logar onde eles nasceram, está permitindo a confusão de julgamentos, confusão muito propicia para que dela tirem partido elementos interessados apenas no seu beneficio pessoal. Chegamos á situação em que o autor de qualquer livro vê comentados pela critica, com maior ou menor acrimonia, desde a dedicatoria do seu volume, até as suas preferencias pessoaes pela Turquia ou pelas fitas de Charlie Chaplin, sendo que o criterio seguido para o elogio ou para o ataque é apenas o criterio do grupo, da roda, da provincia, da familia, da amizade, do dogma, da tendencia politica, da direção de escola literaria, ou dos anos de vida que conta o autor. Temos a critica geografica, a critica cronologica, a critica politica, a critica religiosa, a critica associativa, emfim, inumeras novas especies de criticas, onde só não consegue encontrar um logarzinho, por mais acanhado que seja, a verdadeira critica literaria. Ha criticos do sul que não admitem qualquer inteligencia no Nordeste, assim como ha inteligencias do nordeste que não acreditam que possa haver talentos no sul.

Dessa atitude provem o fato de se encontrar diariamente o mesmo escritor classificado de genio por uns e apodado de imbecil por outros. E nascem os bate-bocas, onde se procura torcer a verdade de acordo com o interesse de cada um. A critica brasileira, realmente, nunca teve um periodo aureo. No entanto, tambem, nunca chegou ao nivel em que atualmente se encontra. Depois da faze de esmiuçamentos gramaticaes, em que se o autor não escrevia de acordo com os canones de Castilho ou Frei Luiz de Souza, era apontado em altos brados como um miseravel traidor do idioma patrio, chegou-se á faze da intriga, do disse não disse e, muitas vezes, até á denuncia policial. Essa situação é das mais deprimentes, pois cria um clima de desconfiança e de confuzão que faz com que o leitor descreia totalmente da honestidade de todo o individuo que se dedica á tarefa de rabiscar seja o que for. E' claro que essas afirmações não se dirigem diretamente a quem quer que seja, mas, apenas, registram uma situação que não deve, em nenhuma hipotese, continuar a existir. Sob pena de chegarmos á mais desmoralisante impossibilidade intelectual.

Era necessario que registrassemos o que acima afirmamos quando pretendemos com o presente comentario reencetar as considerações que sempre mantivemos em torno de alguns livros de escritores brasileiros. Nunca pretendemos fazer critica literaria no verdadeiro sentido da palavra, e, por isso mesmo, é que esta seção tem o titulo que tem. Mas, na medida do possivel, sempre procuramos dar ao leitor uma resenha dos livros comentados, expendendo o nosso juizo de acordo com as nossas convicções pessoaes. O mesmo criterio continuaremos a manter, sem que nos obrigue compromisso de qualquer especie, seja com quem fôr. E' possivel que muitas vezes estejamos errados. Mas restar-nos-á o consolo de haver errado de bôa fé.

O romance publicado ha pouco pelo sr. Emil Farhat, sob o titulo de "Cangerão", ha muito que era esperado pelo publico. Adiado o seu aparecimento por diversas razões alheias á vontade do editor e do autor, nem por isso deixou de alcançar o sucesso que realmente merece. Livro intenso, escrito em estilo objectivo e claro, revela, desde ás primeiras paginas, o reporter habituado a transportar diariamente os fatos da vida para a folha dos jornaes. Reporter que evoluiu magnificamente. Não se suponha dessa afir-

SEGUIREI TRANQUILO

PARA ESFERA

Seguirei tranquilo,
embora os aleijados se lembrem de mim,
os cegos se lembrem de mim,
eu sinta nauseas de carnes apodrecidas em trincheiras fetidas,
os meus pés se atolem na lama do mundo,
e eu me revolte contra os estupradores de inocentes.
Seguirei tranquilo, tendo somente a humildade da renuncia.
Seguirei tranquilo, embora os obstaculos se sucedam,
a vida me maltrate, me dilacere,
e os inimigos me injuriem e me incriminem.
Seguirei tranquilo,
embora os apitos das fabricas me ensurdeçam,
os rios transbordem, as arvores tombem,
as terras se rachem, as montanhas se rebentem,
os homens se engalfinhem, e as cidades se desmoronem.
Amanhã, num dia imprevisto,
a doença congenita do coração me matará,
e eu seguirei tranquilo para a minha Origem,
seguirei tranquilo para a Eternidade.

ALUIZIO MEDEIROS

mação que o romance tenha, de longe siquer, qualquer aparencia de reportagem. Ao contrario, é um livro uniforme, harmonico em seus diversos elementos constitutivos. Focalisa existencias humildes e primarias, dessas que veem dos escaninhos do mundo, para ocuparem espaços limitados. Para esses que nada são a vida se apresenta, quasi sempre, como um combate de todos os dias. E' exatamente esse combate o que o autor focalisa, levantando figuras de grande solidez humana. "Cangerão", por exemplo, quando dá acordo de si encontra-se jogado na vida, sem saber de onde veio e se cançando para descobrir para onde a vida o leva. Procura ás vezes torcer a corrente de sua existencia e crear um destino para si mesmo. Mas, a tarefa não é das mais faceis e as derrotas vão-se sucedendo. Nem siquer consegue chegar a maquinista como desejava e, é ele proprio quem entrega a outro a unica mulher que ambicionou com toda a sua pureza. Essa renuncia é o maior reconhecimento da propria fraqueza, a constatação da inutilidade de certos combates. O ambiente em que ele vive influe sobre a sua psicologia acidulando-lhe a vida. Mas o vento que o conduz como uma folha caida é demasiado forte para as suas forças e um dia ele se encontra na situação de contentar-se em arranjar um sobrenome. E passa a ser Canjerão da Silva, quando havia sido apenas, até aquele momento, Canjerão de Tal. Afinal de contas existe tanto Silva no mundo que, mais um menos um não altera a marcha regular do planeta. Essa historia de um fracasso humano é narrada pelo autor com um raro senso de medida. O afinamento entre o ambiente e as figuras humanas que nele se movimentam é dos mais seguros, e a linguagem pitoresca da região, captada com grande fidelidade dá ao autor uma forma das mais saborosas. Como restrição talvez se possa duvidar um pouco da faze em que os herois do livro são ainda crianças. Mas, quem é que pode afirmar que conhece perfeitamente os diversos meandros da psicologia infantil? Alem disso deve-se considerar que as creanças do sr. Emil Farhat são creanças diferentes do comum, atiradas desde cedo ás durezas de uma vida onde não ha momentos felizes. Emfim, como ficou dito acima, esse registro é apenas um registro. E outros com mais vagar e com mais segurança que façam a verdadeira critica que "Cangerão" tanto precisa e merece. Com isso quem sairá lucrando mais será o autor, sem nenhuma duvida uma das mais brilhantes estreias literarias do corrente ano.

A Formação do Mundo Moderno

Fabio Crissiuma

I) TRANSITORIEDADE DO REGIME FEUDAL

O contato intimo de duas culturas, de duas tradições, romana e germânica, a situação de insegurança individual e coletiva, a regressão da técnica e da economia a um regime primitivo e estritamente rural, criaram o clima necessario ao desenvolvimento de um tipo de sociedade como o da chamada sociedade feudal.

Recomendação, muneburdio, vassalagem garantem aos mais fracos a proteção do mais forte.

Homenagens, fidelidade, auxilios pecuniários e pessoais, de um lado, cessão de terras, nobres ou plebeias, feudos ou TENURES, de outro, proporcionam a senhores, vassalos, funcionários e servos ,a base econômica de suas atividades . A escassês ou ausência de numerário obriga ao pagamento, em natureza ou em terras dos serviços ou da proteção.

Uma sociedade guerreira, baseada na necessidade da segurança individual e coletiva, de escasso ou nulo valor econômico, em que as classes dos que guerreiam e oram, a nobreza e o clero, gozam de privilegios econômicos e políticos, senão morais e juridicos, eis a sociedade feudal.

Estabilizada a conquista, garantido aos individuos pela cessação das invasões, um mínimo de segurança, os fatores econômicos reconquistam a pouco e pouco a preeminencia natural. Um novo regime, em que as relações de produção se afirmam e se acentuam, tende a substituir a antiga organização social baseada nas relações individuais de segurança pessoal.

Da grande massa dos que produzem, da multidão de servos surge pouco a pouco uma nova classe de homens livres, que, sujeita a princípio dos privilegiados, em dez séculos de esforços e tenacidade, iguala-se e domina-os na revolução de 89.

II) OS FATORES DA TRANSFORMAÇÃO.

A situação de paz relativa permite que a produção cresça e que as utilidades não aproveitadas IN LOCO sejam levadas a consumidores possiveis a maior ou menor distancia.

O tráfico se organiza, de início indeciso, tateante; os pontos de cruzamento das estradas naturais, em especial aqueles de facil defeza tornam-se em breve a sede de mercados em que as trocas se estabelecem, se regularizam, se multiplicam. A existência de uma antiga "civitas", de um mosteiro, um castelo facilita evidentemente o desenvolvimento do novo estabelecimento. De feira, mercado intermitente, ao sabor da chegada e partida dos mercadores ou de tradições cronológica, o novo centro, protegido pelo "castrum" ou pelo "monasterium", se transforma em povoação permanente. Os mercadores aí se fixam, o comércio assume pouco a pouco a regularidade que estimula as trocas e um novo tipo de sociedade, diferente da organização rural ambiente, instala-se, a que um novo direito, uma nova ética são devidos.

A tendencia à urbanização- natural às sociedades fundadas nas relações econômicas ,ainda indecisa nos primeiros dias da nova era, se acentua e anuncia a fuga à servidão rural, o exodo dos campos do século da industrialização.

De onde vêm os individuos que se aglomeram no novo centro, que compõem as caravanas de mercadores, desde o "comes mercatorum", o "hansgraf", ao ultimo dos carregadores?

Da grande massa rural, dos servos da gleba: destes, os mais ousados, os mais aventureiros acorrem aos novos centros em busca de ocupações menos pesadas que o trabalho do campo, fugindo ao duro jugo feudal, às corvéas, à talha, às banalidades, ao "formariage", a toda especie de onus material e moral o afetivo com que é paga a proteção do senhor.

III) AS FASES DA TRANSFORMAÇÃO

Da velha organização franca, permanece em meio aos campos cultivados como centros de proteção e fiscalização, o "castrum". Oficial do soberano ou do senhor, o castelão comanda uma pequena guarnição para defesa do recinto fortificado onde se obrigam as populações rurais e exerce com os escabinos a administração do perutaio circumvisinho. Soldados e servidores do "castrum", os "ministeriales", oriundos da massa servil permanecem servos e nem um papel econômico exercem.

Ao redor do "burgo" ,do "castrum", do recinto fortificado ,os mercadores elevam as suas habitações, que, cedo ou tarde, cercam de novas muralhas erguidas em geral, à custa da nova comunidade. A dificuldade ou mesmo impossibilidade de ver provada a condição servil de seus novos habitantes (a servidão não se presume), permite que o novo nucleo se componha de individuos livres, em meio a uma população servil. A condição dos novos habitantes se extende aos "ministeriales", as novas muralhas tornam inuteis e superfluas as fortificações do "castrum". O "forisburgus", o suburbio assimila o burgo ao mesmo tempo era que os habitantes deste se haviam assemelhado aos daquele.

Qual a natureza dos laços que unem os habitantes do burgo ,os futuros burguezes? Uma comunidade de origem? Uma comunidade de fé? Um ideal político, ético, jurídico ou religioso?

Une-os a comunidade de interesses. A associação jurada pelos membros da mesma coletividade se funda na necessidade de amparo mutuo, de proteção reciproca aos seus bens, às suas atividades econômicas, à segurança de suas vidas, à garantia de suas pessoas contra o arbitrio dos senhores.

A associação assume a forma mística peculiar à época, copiando as antigas confrarias, ou caridades, cujos nomes chega a adotar; repousa, porem ,na base solida das relações de produção, na necessidade da união dos fracos contra a violencia ou a cobiça dos fortes.

Si se não póde negar que a renovação do pensamento, que a reforma religiosa do século XIII parece tornar menos rude, permite um ideal moral de igualdade dos homens diante da divindade, não é menos verdade que só as transformações econômicas permitiram ao vilão armar-se diante do nobre.

Contra o ferro do senhor feudal ergue-se o ouro das comunidades burguezas.

Ainda mais: a vantagem evidente para os feudais de valorizar as suas terras e aumentar os seus

rendimentos pela colaboração com os nucleos urbanos mercantes e industriais, permite aos burguezes obterem a modificação, em seu beneficio, da legislação fiscal, política e de direito privado.

A supressão da talha, das corvéas, das banalidades (no todo ou em parte), do "formariage", se faz a peso de ouro ou para atender ao interesse econômico do nobre.

A libertação do servo que emigra para a cidade e se torna burguês não se faz pela extinção do privilegio que o subordina ao nobre ou ao clerigo, mas pela assimilação total ou parcial deste mesmo privilegio. Nesta assimilação reside o processo de ascenção da nova classe não nobre: o privilegio persiste, extendendo-se à nova classe. Fóra dos burgos, até uma época relativamente tardia, os não privilegiados permanecem na mesma situação anterior, apenas suavizada pelo abrandamento dos costumes, sujeitos todavia ao arbitrio do senhor e às exigencias dos pesadíssimos direitos feudais.

Unidos, ricos, fortes, os habitantes do burgo erquem a fronte deante do antigo senhor e à aquisição da franquia sucede muita vez a outorga da soberania.

IV) A ORGANIZAÇÃO BURGUESA.

Conseguida pela força ou pelo ouro a libertação da coletividade, como se organizará esta?

O desaparecimento do regime municipal romano, a ruralização da sociedade feudal, salvo um ou outro centro urbano, séde de uma diocese ,não fornece às novas cidades um modelo de organização.

A associação jurada, nas comunas, a representação sob a direção do oficial real ou senhorial oferece os dous tipos normais de organisação.

Cidade livre, soberana, igual aos senhorios vizinhos, com o seu símbolo de soberania ,o pelourinho, sua chancela, seu brazão, a comuna governa-se, autonoma, sob o olhar, e às vezes, o pulso do supremo suzerano, o rei.

Cidades francas, cidades parcialmente autonomas, as demais aglomerações privilegiadas administram-se sob a direção do representante do senhor, oficial, bailio ou preboste, assessorado pelos representantes dos burguezes, escabinos, co-jurados, consules.

Nas cidades submetidas à autoridade religiosa, séde de bispado, ou de abadia, a presença permanente do bispo ou abade, e, portanto, o seu contato constante com a comunidade tornam o senhor mais cioso de seus direitos. O castelão ou bailio cerca-se de escabinos nomeados pelo bispo; a comunidade burgueza cria os "ajurads", seres representantes, encarregados da autoridade administrativa no que toca aos serviços publicos, deixando à camara escabinal os encargos fiscais e judiciais. Já em centros libertos da presença do senhor, leigo, ou não, séde de autoridade religiosa, cedo, os escabinos, de representantes senhoriais transformam-se em delegados da burguezia. Escabinos, consules, CAPITONES, administram em neme dos burguezes.

Não se julgue por isso que TODOS os burguezes participam da escolha de seus delegados. Si isto sucede nos primeiros tempos da organização comunal, em breve a minoria dos ricos, grandes negociantes, absorve em suas mãos a escolha das autoridades, escolha procedida sempre no gupo de seus iguais. A aristocracia, ou melhor, a plutocracia é o regime social vigente nas aglomerações burguezas. Os abusos, desperdícios, lutas intestinas põem, em breve trecho, as cidades nas mãos do rei, que, habilmente, para "PACIFICAR" cada vez mais frequentemente, introduz aí os seus homens de confiança.

No século XVI, privilegios, fóros, franquias, são absorvidos pela multiplicação de "casos reais", pela imposição do bel-prazer, da vontade soberana do rei que utilizava a liberdade comunal para enfraquecer os grandes feudais.

Não ha mais burguezes de Gand, burguezes de Paris, burguezes de Bordeaux ou burguezes de Londres :ha apenas "burguezes do rei".

Letras de Hispano-América

MARTA BRUNET

Julieta Carrera

No puede hablarse de Chile sin pronunciar los nombres de Gabriela Mistral, Amanda Labarca y Marta Brunet, trilogía destacada de la producción literaria femenina. Si la primera es más conocida allende su tierra natal, las otras dos no desmerecen en valor. Cada una de por sí marca el florecimiento de un género. Gabriela es la poesía, Amanda el pensador que perdura por su hondo sentido humano y Marta Brunet, el temperamento de mujer que mejor expresa la realidad del campo chileno.

En sus novelas y cuentos: "Montana Adentro", "María Rosa, Flor de Quillén", "Bestia Danina", "Bienvenido" y "Reloj de sol", están asociados a distintos aspectos de sus andanzas, una serie de tipos de ambiente campesino y ciudadano, que en su simplicidad, y sin que pierdan un ápice de su grandeza, exponen los problemas de una vida extenuante, de angustia pavorosa y trágica, en la que incuban las turbias motivaciones de sus hábitos, y la rudeza de unas maneras hechas a encararse a diario con la hosquedad serrana.

Marta Brunet es mujer tallada en una sola pieza. Desde su llegada de Chillán se impuso en Santiago a fuerza de sinceridad y de talento. Lo que en otras sería motivo de escándalo, en Marta se acepta como algo natural, algo que brota de una fuerza desencadenada. Así también su estilo, sobrio, macizo, sin huecos que llenar ni rasgos que puedan eliminarse. De un vigor musculoso, pinta la vida con claridad y justeza. Sus novelas y cuentos poseen a más de argumento de fuerza que les asigna mérito fundamental, el valor de documentos sociales, destinados a anotar modalidades de una época, rasgos de hombres en diario contacto con la tierra, y la expresión de sus constrenidos afanes y sus estrechos horizontes. Crea relatos tan adheridos al barro materno, que la naturaleza de su región serrana entra en la historia, entregándonos el mensaje de su geología oculta. De la masa de sus relatos se destacan los relacionados con la vida montanesa. El hecho de que se desarollan en una misma zona, a veces, cerca de un mismo ámbito: el Quillén, les presta fuerza y les da unidad.

Marta Brunet escribe elaborando sus recuerdos. Toma los motivos de la vida en torno, del folklore, y les anade una gota de fantasia. Muchas veces la intriga es mínima, simple como la vida en la montana, enmarcada en paisajes que se perfilan rudos, con trazos definitivos. Pero bajo la escasa urdimbre anecdótica, cómo se evidencia el conocimiento de los recursos vitales, el medio en que se desenvuelven, y el dominio psicológico ! Tiene páginas patéticas y realistas. Casi toda su producción gira dentro de estas dos categorías.

Marta Brunet maneja los caracteres con una habilidosa destreza. Domina el conjunto y trabaja con eficacia los elementos de relación, evitando desalinos que enturbian la claridad del diálogo o el trazo neto de una descripción. El talento de Marta Brunet es narrativo. No piensa en relaciones psicológicas, sino en imágenes. Todo en su labor tiende a lo objetivo, a la pintura, al relato.

De considerásela dentro de alguna modalidad habría que ubicarla en el realismo. Más aún, en el realismo regional. Suas novelas han sido trazadas a grandes pinceladas, con lo que el color local necesariamente se aviva. Cierto es que el regionalismo literario encuentra equivalente en las naciones vecinas. A fin de cuentas, regionales son "Canaan" de Graça Aranha, "La Vorágine" de Rivera y "Toa" de Piedra Hita; "Dona Bárbara" de Gallegos, "Don Segundo Sombra" de Guiraldes. Pero la selva, el llano, la pampa, el color local, y en veces hasta el lenguaje, no les impide ser inconfundiblemente americanos. Así, Marta Brunet, constrenida a la montna, es chilena hasta la médula, y como tal, profundamente enraizada en Hispano-América.

Sus novelas "Montana Adentro" y "María Rosa, Flor de Quillén", en mi concepto, lo más acabado de su interesantíssima labor, son trascripciones de una naturaleza trágica, a las que se enfrenta un actor fatalista: El hombre! Estos libros presentan el contraste entre las fuerzas humanas y las fuerzas terrestres. Al desarollarse los espisodios montaneses, la personalidad de la escritora se destaca en forma singular. Su aspecto de creadora de tipos se acentúa, ajustándose, línea por línea a la terrible apariencia de la realidad serrana.

Marta Brunet crea personajes simples y de una sola pieza, y estos personajes se mueven en un paisaje que se ve. El punto de contención de sus recursos está en los instantes

dramáticos. Hay momentos en que resulta hipersensible por lo doloroso. Describe sufrimientos con palabras de una palpitación intensa. Una bien regida maestría la lleva a escoger oportunamente el detalle más simple pero más sobrecogedor. En "Bestia Danina", por ejemplo, este detalle es un nombre: Fanor, pronunciado por la mujer de goce, en el instante en que las manos del viejo se cierran sobre su garganta.

En "María Rosa, Flor de Quillén", la nota dramjática se reviste de aciento burlón, y nace del momento en que Pancho Ocares, confiesa cínicamente a la protagonista, que no está enamorado de ella, y que si la ha cortejado ha sido para ganar una apuesta. Los ojos de María Rosa despiden relámpagos, mezcländose en ellos el dolor, la rabia y el despecho. Algo, desde lo más hondo de la subconsciencia, le ordena vengarse, y azuzando los perros sobre el seductor, le arroja de la casa, cruzándole el rostro a rebencazos. La escena se ha conseguido con fuerza y movimiento tales que la aproxima a la dinámica del cinematógrafo. El realismo de Marta Brunet es jugoso, claro y mesurado. En la descripción del paisaje montanés consiegue rasgos valiosos, llegando a insuflarse un soplo de animismo antropomorfo.

Al adaptar la montana como elemento de su literatura, lo hace bajo su prisma patético. En un arranque nervioso, fija el instante crítico de la lucha del hombre en la montana. Para descubrir no es minuciosa. Le basta un solo rasgo. A veces sus hombres se intuyen, y casi nunca están descritos físicamente. Una sabiduría subconsciente la impulsa a crear situaciones o personajes de un solo trazo. La contradicción serrana de una tierra hosca, de carácter ascético, y unos hombres silenciosos, que luchan por escapar a su terrible destino, no es tarea fácil de describir. Pero Marta Brunet lo consigue.

Sus figuras montanesas, tanto mujeres como hombres, marchan impulsadas por la fatalidad. El fatalismo es elemento primordial del alma chilena. De sus personajes masculinos, el mejor captado es el Don Santos de "Bestia Danina", brota retrazado del medioevalismo espanol, ciego a cuanto no signifique la propria honra, creyéndose llamado a cumplir una misión de importancia, manteniendo su criterio de una estrecha rigidez, y no tolerando desviaciones del camino que trazara a su existencia. Otra figura inolvidable es el primero San Martín, sub-oficial de carabineros, que, en "Montana Adentro", después de anos de depredación y bandidaje, sienta plaza en la milicia, para continuar sus tropelías: violación de hogares, robos y asesinatos, con mayor impunidad, puesto que las realiza convertido en representante de la ley.

Pero donde Marta Brunet logra verdaderos hallazgos psicológicos es cuando crea tipos de mujeres. Cata, la protagonista de "Montana Adentro", dominada por um dejar hacer, por una tranquila adaptación de los sucesos, que mucho tiene del fatalismo indio o del moro, infiltrado a través del espanol. Isabel Rojas, la amada de Santos Flores, es la "bestia danina" que se casa con la intención premeditada de enganar a su marido. Las incitaciones carnales y la forma en que se suceden los conflictos está lograda con hondo patetismo. Igual pasa con María Rosa, la dulce y ardiente jovencita del Quillén, a quien sus padres casan con un vecino sustentón. Esta, al contrario de Isabel Rojas, es mujer de buena pasta, puntillosa cumplidora del deber, que no da nunca motivo a chismorreos. Cuando María Rosa cae, es porque se halla realmente enamorada. Por eso, al descubrir la villanía de que se la hizo víctima, obra con la violencia de quien se rebela contra su dominador.

En sus novelas vibran los episodios conmovedores de la agonía individual y el egoísmo colectivo. Sus mejores cuentos son aguafuertes serranas de un simbolismo terrífico. En el estilo de Marta Brunet, el detalle se ha reducido al mínimo, porque la acción es tan intensa que el tiempo corre veloz. No hay espacio en su literatura más que para lo absolutamente imprescindible. Todo en ella es objetivo, pictórico. Los personajes se presentan en el instante de la acción. El antecedente lo ofrece por medio de alusiones oportunas. Sus qualidades sobresalientes son: el realismo — que le permite descubrir al hombre en relación con el paisaje — y su dramaticidad singular.

Cinco o seis libros son suficientes para colocar a Marta Brunet en lugar preponderante entre los maestros del cuento y la novela criolla. Sus relatos tienen la fuerza de los de Javier de Viana, Horacio Quiroga y Mariano Latorre. Describe la montana chilena con una patética grandeza, haciendo resaltar la vida, el sentir y hasta el habla popular, en una prosa admirablemente coloreada, donde los detalles se toman en relieve y sólo en lo imprescindible, y donde no falta ni sobra nada.

Lo único que se echa de menos en sus novelas es la ausencia de vida espiritual. Los personajes son elementales, obedecen a apetitos primarios, y se mueven a impulso de instinto o bajo la fatalidad de la pasión. Se les

se actuar y se les mira vivir. Cuando hablan lo hacen con espontaneidad, echando mano de expresiones y giros, en los que la sangre misma del pueblo es la que siente bullir.

Por lo que toca a la literatura chilena, tienen la obra total intensa y firme de Marta Brunet, a un valor del Continente. sobretodo, porque expresa con intensidad lo que se propone decir, por lo perfecto de la composición, y la maestría con que sitúa la realidad de la montana chilena.

En circunstancias en que la hibridez predomina en la mayor parte de libros escritos por mujeres, enorgullece la presencia de obras como las de Marta Brunet. Obras en las que el hombre parece amalgamado de modo tan estrecho con la tierra, que viene a ser como una raíz más del paisaje. Paisaje literario, tan por encima del grafismo geográfico, que la novelista y la montana resultan como confundidas por la emoción que la identifica.

(Transcrito de "América" — Havana, Cuba)

Documentário Cultural Português - VIII

QUERELA DE GERAÇÕES — A LITERATURA E O MOMENTO SOCIAL — A CULTURA E A VIDA — S. O. S.

A. C. S.

Atravessa Portugal um período francamente polémico. A comodidade leva, em principio, a toma-lo pelo seu aspecto mais imediato: uma querela de gerações. E se dizemos que tal é por uma questão de comodidade, é que ,na realidade, não se trata propriamente duma querela de gerações. Trata-se duma querela de gerações sim, até ao ponto em que a divergência de atitudes se polariza, dum modo esquemático, em duas gerações de sucessão imediata. O que, sendo real, com ligeiras presumiveis intromissões de parte a.parte, não é o verdadeiro, ou o mais realmente verdadeiro. Para além do caso meramente formal de geração, há razões mais profundas. Há os problemas (morais, políticos, econômicos. estéticos) do ciclo social, há os problemas do homem, há os problemas da cultura. Há o real das divergências dessas gerações: divergência fundamental de atitudes ante a vida, — a que neste "documentario" se tem aludido já.

Conflitos de gerações literárias, por toda a parte, sempre os tem havido. Ninguem o desconhece. O que todos sabem, tambem, é que nem sempre esses conflictos dimanam dum fundamento profundo. E', muita vez, um diletantismo irreverente, — o clássico desdém, a clássica disputa entre novos e velhos, — entre jovens inexperientes (os novos, no dizer dos velhos), e os "bota de elástico" (os velhos, no dizer dos novos); o que, certamente, assim mesmo, nem sempre deixa de ser uma razão imperiosa da vida de todos os dias).

Ora o caso do momento português que, justamente porque se distancia de tal feição (e não se dirá que aqui ou ali, velada ou não, ela não apareça. Sem com isto visarmos ao que quer que seja) ,toma uma particular saliencia: a oposição de atitudes do momento, vem desde as mais minimas células da vida. E' o choque, o inevitável, de dois periodos históricos — tão chegados quão dispares. E' o abismo de 1914 e toda a sua caldeação. E' o embate de duas estruturas mentais filosóficas, psicológicas, — antagónicas.

Vem a geração chamada da **"Presença"** alusão à revista que, com a efémera **Orpheu** centraliza o movimento que fez o modernismo) pela boca de José Régio ,de Gaspar Simões, o primeiro, poeta notável e egocêntrico das "Encruzilhadas de Deus", dos "Poemas de Deus e do Diabo", da "Bibliografia", o segundo romancista de "Uma História da Provincia", de "Eloi", critico oficial, apreciado e combatido do único diário português que até hoje dedica espaço, a sério, aos problemas da literatura e da crítica; vem a geração e **recomenda estudo,** ponderação, esclarecimento e **exato** sentido dos limites da Arte, da Política, da Critica.

E ripostam vários ,da geração novissima, afirmando a impossibilidade de uma Arte liberta das contingencias do meio (Arte pura, Arte em si), o carater dialético da Cultura, a dinamica totalitaria da Vida.

Assim o problema se desdobra. Temos já visto que a revolução modernista se fez em Portugal sob a vigilancia de muito Bergson ,na filosofia) de muito Gide (na literatura), com a idéia fixa duma purificação das fórmulas estéticas. A Arte independente da Vida. A cultura independente da Vida. A Arte independente dos problemos do Homem. ("Jóvens numerosos insistem em considerar-me um desses intelectuais para quem a vida é uma coisa e a cultura outra. Acho que fazem bem em assim me considerar. Se não sou um modêlo de arrumação, confesso gostar de certa ordem nas idéias. Eis porque não posso deixar de por a vida a um lado e a cultura a outro". João Gaspar Simões. "Diário de Lisbôa".

Aqui a oposição irredutivel dos mais jovens. Oposição que, sobre a já não aceitação de semelhantes postulados, enquanto diretriz intelectual de idéias, é agravada pela acima referida agudeza de periodo histórico. A "encruzilhada dos homens" citada por Alvaro Cunhal ("Seára Nova" N.º 615).

E argumenta: "E' evidente que a cultura, por maior que seja o nosso pendor para a abstração, **pressupõe** o homem, porque é sempre ele que escreve os romances, pinta os quadros, esculpe as estátuas ou constrói os sistemas filosóficos. Mas o homem, por sua vez, **pressupõe** a sociedade, e esta, em movimento, é o que se chama a história" (Rodrigo Soares, "Sol Nascente" N.º 37).

"Em todas as obras artisticas há um pedaço de vida viva. Iamos a dizer: que **apesar de tudo,** (que apesar da voluntária cisão entre o artista e a vida, que apesar do solipsismo por impotência ou volúpia), existe em todas as obras um pedaço de vida, ainda que essas obras sejam mistificadoras. E isto porque a mistificação da vida não é um fato da consciencia social ou um desequilibrio da consciencia individual do homem-artista. A mistificação procede da própria vida, da viva contradição entre os seus próprios termos, de um geral **fetichismo** proveniente da adulteração de uma série de relações, categorias e fórmulas. (Fernando Piteira Santos, "O Diabo", N. º254).

E' claro que numa disputa, assim, de gerações, surge o desnivel a que se encontram uma e outra ante as possibilidades edificadoras de cada qual. A geração da frente, sendo uma geração afirmada, possui já aquilo a que podemos chamar um passado. Obra feita, contornos de fisionomia definidos, — enquanto que para a geração mais jóvem, tudo é névoa, tudo é caminhada no desconhecido. Aí, aquilo que um erro de visão pode acusar como deficiencia: a falta duma obra realizada que lhe ateste os méritos, etc. O que logo os mesmos contradizem quando a acusam duma falta de experiencia. E a este propósito, Mario Dionisio, esclarecia recentemente: "se a experiencia da vida é uma longa temporada de estudante, polvilhada de serenatas, de ceias, de duelos, de amores correspondidos ou não, da exibição de feitos espetaculares, de anormalidades próprias de **artistas** estamos realmente mal. Mas se você tem a **grosseria** de encarar experiencia da vida como uma luta constante pelo alimento e pela cultura, esta luta de todos os momentos, este andar de sapatos rotos à chuva e de

fatos cogados porque foi preferivel comprar um livro e comer um almoço a arranjar uns sapatos e mandar vincar as calças, se chama experiencia da vida à luta de todos esses jóvens que nunca puderam estar regaladamente sentados em poltronas lendo poesias metafisicas, à espera que a criada venha anunciar que o jantar está na mesa, então pode estar inteiramente socegado. Esses jóvens cumprirão a tarefa por que você espera e em que você confia". (Mário Dionisio, "O Diabo", N° 248).

Foi tambem neste "documentário" ("Esfera" N° 6) que tivemos ensejo de dizer: "longe, bem longe da compreensão que o fato exige estão aqueles que julgam simples retórica de irreverencia, — de irreverencia sem uma finalidade intrinseca, — os anseios da juventude portuguêsa de hoje".

E mais adiante: "e com uma caracteristica, ainda, sobre as épocas precedentes: não é um, não são dois, não são tres os que gritam.

E' uma massa compacta de jóvens que, atingida no seu presente de anarquia e luta, pode ainda erguer, confiante, os olhos para o futuro e para a Vida".

Bem sabemos, agora, que o fato de ser uma massa de jóvens a aceitar, como norma mental, mais ou menos os mesmos principios é encarado, pelos seus antagonistas como uma falencia de individualidade". (O que nos não compete discutir).

Posto porém, assim, o caso, temos de ver como encaram os mais jóvens os seus antecessores. Fale, novamente, Mário Dionisio, dos seus mais legitimos e esclarecidos representantes:

"Estão lançando o seu S. O. S. — S. O. S.! Geração em perigo .

Nada receie. A arte continuará de boa saúde, apesar do fim dessa Geração. Apesar de? Não: devido a isso mesmo". ("O Diabo", N.º 248).

REVISTA DA IMPRENSA

A "querela de gerações" apontada na crônica precedente, tem outros fócos de alargamento. E por dados concretos podemos salientar o lugar especial que nela ocupa, pela continua doutrinação que faz atravéz de "Seára Nova", ao lado de "Presença", José Bacelar. E' o caso do ensaio "Arte, Politica e Liberdade". Indiretas, as palavras de José Bacelar; trazem um "tom" acentuadamente polemico. E dum modo geral pretendem, pela aceitação da idéia de "espirito puro", "arte pura", etc., separar os valores estéticos dos valores politicos ou sociais.

A volta do mesmo assunto, a acentuar, no "Diabo", varios artigos de F. Piteira Santos, o já referido "S. O. S." de Mário Dionisio, e neste ultimo número, o 55, "O Realismo Atual" e a pretensa oposição de gerações de João Alberto. J. A., enfileirando ao lado dos mais jovens, insiste na impropriedade da designação de "oposição de gerações" e pronunciando-se. de preferencia, pelo critério de oposições individuais polarizadas em duas gerações, alude, citando argumentos de ordem moral à lègitimidade de tais oposições.

Na "Seára Nova", Alvaro Cunhal, agora tambem, em refutações das palavras com que José Régio respondia, na mesma revista, a palavras suas anteriores (sempre na "S. N.") dá um artgo (Ainda na "Encruzilhada") pelo qual insiste na condenação de determinadas teorias e obras literárias (em referencia especial à de José Régio) pelas quais, direto ou indiretamente, se prega o desalento, a fuga, o cansaço, etc.

No "Sol Nascente" a salientar, à volta do mesmo assunto ,as palavras enérgicas de Rodrigo Soares contra Gaspar Simões. Este, no "Diário de Lisboa" (suplemento semanal literário), sem citação de nomes, responde a cada passo aos seus antagonistas. Aliás, frequente é êle aparecer a doutrinar sobre o assunto.

Há ainda que aludir ao éco do caso. Nomeadamente as "páginas de novos" da imprensa da provincia, deles se têm ocupado. Citemos o "depoimento" de João Tendeiro, no "Ecos do Sul", o artigo de João Rubem na "Mocidade", os comentários de Daniel, no "Trabalho", etc.

De natureza tambem largamente polémica, e aqui já de bem menor cordealidade, as conferencias sobre "Pintura Avançada", de Arnaldo Ressano Garcia, realizadas com distancia de poucas semanas, em Lisboa (S. N. Belas Artes) e no Porto (Club dos Fenianos Portuenses). A conferência de Lisboa, agitada, ao que se soube, teve a oposição saliente de Almada Negreiros (impulsionador do futurismo, considerado um dos nossos primeiros artistas plásticos modernos) de João Gaspar Simões, de Antonio Pedro e de muitos outros; e provocou, no "Diabo" uma pagina veemente com os protestos, em forma de depoimento, de criticos e artistas modernos (Adolfo Casais Monteiro, Alvaro Cunhal, Antonio Pedro, Arlindo Vicente, Bento Janeiro, Frederico George, João Gaspar Simões, José Bacelar, Manuel Mendes, Miguel Barrias, Mário Dionisio) de vários matizes politicos e estéticos, artigo de fundo do arquitécto Keil Amaral, etc., que se uniram para repelir mais um éco da grande Alemanha — como se lhe chamava em editorial, no mesmo número...

No Porto ,a conferência, apoiada por tais ou quais setores, foi fortemente interrompida e pateada. Contradita, no fim, de Mem Verdial, ficou bruscamente em meio pela oposição ruidosa da assistência que apoiava o orador antecedente. A. R. Garcia visava, com as suas palavras, denunciar os perigos dissolventes da Arte Moderna que, forjada na Rússia — dizia o orador — e **seguida por uma legião de falhados, cretinos e tabéticos** faz prigar a civilização cristã e ocidental.

No "Diabo", Antonio Sérgio, apresenta- com fins de divugalção, uma série de artigos sobre "Agrobiologia" — ou a ciência da agricultura da abundancia — divulgação a que, João Damas Esteves, regente agircola, faz. no mesmo jornal, algumas objeções.

Alvaro Marinha de Campos, tambem no "Diabo" num lúcido artigo que agora "Seára Nova" arquiva, em parte, e João de Barros, há dias, secundou no "Primeiro de Janeiro", fala dos perigos duma incontrolada literatura infantil — artigo em que denuncia o caso português. A sua atitude levou um dos atingidos (Adolfo Simões Müller) a procurar, com uma longa carta, responder, esclarecendo.

Ainda no "Diabo", de saliente importancia, as "Memórias dum Inspetor Sul-americano" em que Manuel Suarez, falando com larga proficiência, de defeitos e anacronismos, chama a atenção para a necessidade duma reforma da vida escolar, dos métodos pedagógicos, etc.

Estas considerações, como o dissemos já, tomam aqui especial relevo pelo salutar reflexo que poderiam ter aplicadas sobre o nosso meio.

"Sol Nascente", em esplendida forma, concretiza agora as tendências dialéticas da juventude portuguêsa.

Além dos artigos sobre "A Cultura e a Vida" de Rodrigo Soares, insere, nestes últimos numeros, artigos, notas, etc. nos quais se procura esclarecer o problema da cultura; depoimentos para um inquérito sobre o sentido da pintura, etc.

No número 37, o ultimo publicado, lê-se larga prosa dedicada à resistência chinesa, como anterior-

mente o fizera com "Romain Rolland, o Cinema, a técnica", etc.

"Síntese", de recente aparecimento em Coimbra, pretende, sobre moldes concretos, fazer uma divulgação científica, filosófica, literária e artistica. Insere em todos os números uma "Síntese das revistas", separadas por especilidades.

Em "Pensamento", a salientar-se do aspecto geral, uma campanha de aproximação ibero-americana iniciada há alguns números com a publicação de textos vários de escritores da lingua espanhola.

"Portucale" , revista erudita, de carater etnográfico, folclórico, filológico, etc., além da continuação do seu "Dicionário de Músicos" e da completa secção de "Bibliografia" nacional e estrangeira, insere no N.º 69 "Notas à margem da obra literária de Rosamond Lehmann" de Maria Lomelino Teves, e um comentário de Amorim de Carvalho sobre "O Problema da Cultura".

"Revista de Portugal": (N.º 7) como nos números anteriores, colaboração variada, ordenada e selecionada, subscrita por alguns dos nossos melhores nomes. Completa secção de critica literária, sob a norma geral da revista: a supremacia dos valores estéticos. Na "Jornal", uma nota sobre Antonio Machado. Anuncia colaboração de Jorge Amado: "Sinhô Badaró". ..No "Diário de Lisboa", em transcrição, o artigo com que Mário de Andrade procura responder a Adolfo Casais Monteiro pelas palavras deste, no N.º 53 de "Presença", sobre a pouca atenção dedicada pelos escritores brasileiros às obras dos seus confrades portuguêses.

ARTES PLÁSTICAS

De muito recente, agora que atravessamos o verão, nada. De mais distantes, a apontar ,por conjunto a "Exposição da Primavera" da Sociedade Nacional de Belas Artes, que marcou: "Academismo. Falseamento da vida". — "Má lição para os jóvens pintores e para o público", (Bento Janeiro, in "O Diabo").

No Porto: a de Ressano Garcia, organizada quando da sua conferência. Comentário de João Alberto: Realmente Ressano Garcia, desenha como pensa e escreve". — "Dissemos que as caricaturas eram, quanto à forma, ao desenho ,de traço feio, complicado e sujo".

Outras exposições, em Lisboa como no Porto, — sem sobressaltos notáveis.

CINEMA

A exibição corrente de filmes, criticados no "Diabo" por Henrique de Souza e outros.

TEATRO

Praticamente fechado, depois duma temporada, em Lisboa. que Adolfo Casais Monteiro, recebeu, quasi sempre, asperamente.

MUSICA

De recente ,a apontar, nada. RADIO — o banal corrente que A. Falcão Ferrer, com frequencia, no "Diabo" vergasta.

Na critica literária a salientar a atenção que a ela dedicam, tambem no "Diabo", Mário Dionisio, João Pedro de Andrade, etc.

Para registo especial, pela sua importancia e finalidade, a criação ,por iniciativa de Agostinho Silva, com séde em Lisboa, do Instituto Pedagógico Antero de Quental. O Núcleo pretende interferir ativamente na formação educativa da juventude portuguêsa.

Lançado pela "Empresa Nacional de Publicidade" editora, já do "Diário de Noticias", aparecimento e desaparecimento do diário "A NOITE" — sob a direção de Augusto de Castro, que, com o abandono; por Eduardo Schwalbach, da direção do acima citado Diário de Noticias (grande jornal da manhã) passou a assumir aquela.

Na revista "Seára Nova", o afastamento temporário de Antonio Sérgio e Mário de Azevedo Gomes.

MOVIMENTO EDITORIAL

Abel Salazar — "Recordações do Minho Arcaico" — Porto. Assis Esperança — "Gente de Bem" — romance, Guimarães & Cia. editores, Carlos Olavo, — "A Vida Turbulenta do Padre José Agostinho de Macedo" — Guimarães & Cia. editores. Eduardo Scarlatti, — "O método crítico e os seus resustados" — Guedes de Amorim, — "Aldeia das Aguas" — romance. — Editora Minerva. — 2 edição, "Seára Nova", Lisboa. Luis Cardim — "Através da Poesia Inglesa" — conferência. C. F. Portuenses, Porto. Mota da Costa — "17 Arte" — elementos de Técnica Cinematográfica", Editorial Cosmos, Lisboa. Raúl Proença — "Páginas de Política" 2 vol. — "Seára Nova" — Lisbôa. Roberto Nobre — "Horizontes de Cinema" — Guimarães & Cia. editores. Rodrigues Lapa — "As Melhores Poesias do Cancioneiro de Rezende" — "Seára Nova" — Lisboa. Vasco da Gama Fernandes. — "Nova Ciência de Punir", Cadernos do Jornal do Foro, Lisboa.

Transcrições

"Recordações do Minho Arcaico" de Abel Salazar

CARLOS RELVAS

Quanto a nós, a mais ampla ou mais restrita localização do quadro geográfico de qualquer obra artística é uma questão que nada tem a ver com o seu valor. O interêsse universal que possa despertar não está na razão directa (nem em qualquer outra razão) do seu enquadramento espacial. As múltiplas facetas da vida da humanidade de hoje tanto nos podem ser comunicadas pelos aspectos que revestem nos meios **ultra-civilizados** como através de manifestações que, por serem **regionais,** nem por isso implicam menor acuidade. E' que, para além da dispersidade das **formas,** projecta-se o **conteúdo** dos mesmos dramas humanos. Por isso assistimos hoje, nas regiões mais distantes, em que as populações estão mais vinculadas ao solo nacional através das tradições (na Geórgia, no Urzberkistão, na India, no interior do Brasil), ao florescimento de literaturas susceptíveis de interêsse universal.

Cada vez se vão tornando mais artificiais as fronteiras da incompreensão e do isolamento que dividem os povos das diversas regiões e dos vários países. A nossa civilização niveladora, êste progresso material que, revelando-se ainda, mercê da circunstâncias de transição, até certo ponto, ruinoso, vai contudo criando condições para um futuro de maior fraternidade, irmana os homens de tôdas as línguas e todos os costumes, levando-os a pensar a mesma luta sôbre a base da mesma realidade que sucessivamente se vai alargando.

E' isto que, apesar de tudo, faz com que o **mundo** dos camponeses de Fontamara seja o dos camponeses de Portugal e o dos vagabundos de Gorky o dos nossos vagabundos.

—o—

Com isto pretendemos demarcar as condições em que uma literatura regionalista póde elevar-se acima do próprio meio. No entanto, Abel Salazar não nos dá — nem o pretende — ambiente social, de relação, da vida minhota dos nossos dias.

"Recordações do Minho Arcaico" não nos falam directamente dum progresso a que o autor chama "dissolvente e cínico" e que veio criar conflitos com as praxes tradicionais da existência, nos meios rusticos minhotos. Encara-os, antes, através duma realidade que ainda hoje se pode observar, como resíduo dum Minho arcaico que ,em muitos dos seus aspectos, vai desaparecendo. A. S., dá-nos a evocação poética, a desolação agónica duma vélha estrutura social que, por tôda a parte, se dilue ante a definição convulsiva de novas formas de vida.

E surgem perante nós a imagem do **vélho solar** que se vai derruindo com a morte dos últimos fidalgos, antigos **templos românicos** solitários, "ao sol e à chuva", "no seu canto perdido", **diligências** cujo uso se abandonou definitivamente, o **campo santo moribundo, candeias** e **lareiras** que vêm da nossa infância e vão morrendo na penumbra dos lares...

E' o mesmo fenómeno que Anatole France descreveu na "Bretanha", através da evocação de antigos usos e lendas, de muitos que iam desaparecendo, com a q u e l a consciência poética da decadência que o levou a exclamar: "Oh! a infinita tristeza da agonia dos deuses"...

Ao que depreendemos, a posição em que Abel Salazar geralmente se coloca perante os personagens do seu livro é a que atribue a Luiz de "A moleirinha", a propósito das mulheres: "... as mulheres eram para Luiz, no campo, o complemento indispensável da paisagem; os seus cânticos, os seus trajes, as suas alegrias e os seus amores orquestravam na sinfonia da natureza, ao lado da flores rústicas, dos frutos, das águas e da luz, como um complemento indispensável da alma e da vida intima dos quadros naturais". Dum lado a psicologia individual; do outro a natureza. Entre os dois, elementos do folclore tradicional.

Mas, nas últimas páginas, A. S. deixa entrever a evolução que sofre o Minho de hoje, o aparecimento da nova classe dos "artistas", o choque da sua mentalidade com a dos "patêgos", as fábricas. ..."Alastram os bairros operários, ácidos e crus, na sua monotonia proletária. Neles se agita a massa anémica dos operários, a um tempo resignada e em comêço de revolta. E sôbre as veigas milherais do Minho arcaico em agonia, perpassa agora em áspero frémito vibrante, que faz arripiar as agulhas dos pinheiros, o silvo dilacerante das fábricas que uivam como monstros"... Ficamos assim às portas dum novo mundo, surgindo das ruinas do "Minho arcaico", que hoje se impõe à nossa consideração e estudo. E' nele que está em gérmen a semente do futuro. E a importância essencial do fenómeno reside no facto de não ser meramente local e ter raízes mais fundas do que as limitações regionais, na identidade de condições que, em tôda a parte, se vão estabelecendo.

—o—

Mas o que sobretudo em "Recordações do Minho Arcaico" há são quadros breves mais **pintados** do que descritos uns, mais **sentidos** do que vistos outros. Tôda a obra oscila, nas suas linhas gerais entre êstes dois polos: — o pictórico e o poético.

No primeiro sentido, Abel Salazar recorre a um impressionismo literário, dando-nos através das tonalidades da luz, da sombra, dos reflexos do sol e da côr pequenos quadros que constituem outros tantos documentos para a compreensão da sua grande personalidade artística, porque mais se diriam apontamentos para pintura do que

descrições literárias. Assim "A romaria", "A ermida solitária", "A roça" e "Bouça Minhota".

No campo poético, o autor transmite-nos as suas vibrações emotivas sôbre aspectos dum Minho arcaico e decadente, as suas perplexidades ante a natureza ou a poesia simples dos espíritos populares. Tais são, por exemplo, "A candeia", "Inverno", "O Gerez a distância" e "Campo Santo Moribundo".

Não se julgue, porém, que a A. S. falta vigor descritivo suficiente para dar-nos quadros duma realidade flagrante, mórmente quando **pinta** (e digo ainda **pinta**, porque, neste particular, nos recorda Millet) o esfôrço hercúleo e brutal do homem em contacto com a terra de que é escravo através das formas sociais. "Besta de carga", "O Escravo" e "Roça", são do melhor que há no livro. Raramente em língua portuguesa se terá atingido uma tal fôrça na descrição. De superior, no género, só conhecemos "Os Ceifeiros" de Fialho de Almeida.

Quando, em trechos mais estensos, como "Manoela" e "Maria Antónia", A. S. se abalança em narrações de acção (e fá-lo, talvez por isso, poucas vezes), sente-se que o estilo soa a falso e serve forçadamente os intuitos do autor.

Manoela, depois de belas páginas em que nos surge um espirito feminino abandonado em contacto com um meio a que não se adapta e o seu posterior histerismo, é, no final, prejudicada pela identificação erudita e desnecessária com as camponezas pintadas por Millet. Aquele francês está ali e mais, a dar a impressão de que tudo o que o precede foi uma preparação para aquele remate.

Numa obra que, como esta, vive grandemente do estilo, é pêna que, por vezes, encontremos demasiada insistência em certas **notas** e palavras e que nem todos os quadros estejam ao nível geral. E' o caso de "A espadelada", "Páscoa" e "A bruxa do Sumes".

Nada disto porem obsta a que "Recordações do Minho Arcaico", dentro dos limites demarcados pela sua natureza, seja uma boa obra, dum saudavel regionalismo.

Transcrito de
"Sol Nascente".

LIVROS

ARTE DE VIVER — ANDRE' MAUROIS — VECCHI Editora — 1939 — Rio (Tradução de Odilo Costa Filho e Alvaro Costa). — André Maurois continua sendo um um dos autores mais procurados pelo grande publico. A *arte de viver, de pensar, de amar, de trabalhar, de comandar* e de *envelhecer* constitue realmente um livro util e agradavelmente curioso. Mantendo opiniões que nem sempre se enquadram na capacidade apreciativa dos leitores o autor francês consegue captar grande numero de adeptos pelo seu poder convincente. A tradução de Odilo Costa Filho e Alvaro Costa está suficientemente cuidada e o livro bem apresentado promete circular com grande aceitação.

TOBIAS BARRETO — OMER MONT'ALEGRE — VECCHI — EDITORA — Rio. Omer Mont'Alegre apesar de muito jovem já representa algo de definitivo na literatura brasileira. O genero biografia ainda não encontrou muitos autores no Brasil. "Tobias Barreto" é um trabalho de fôlego que fixa em definitivo o grande vulto da cultura brasileira no seu "aspecto triptico": literário, cientifico e juridico.

OS MALES DO PRESENTE E AS ESPERANÇAS DO FUTURO (ESTUDOS BRASILEIROS) — A. C. TAVARES BASTOS — BRASILIANA — VOLUME 151 — *CIA. EDITORA NACIONAL* — E' bem oportuna a publicação das obras de Tavares Bastos o grande liberal que em seu tempo lutou encarniçadamente pela evolução de seu país com principios sadios e civilizadores.

A BEM-AVENTURADA — PIERRE — JEAN LAUNAY — VECCHI EDITOR — (*Tradução de Dias da Costa e Abelardo Romero*) — "A bem-aventurada" é um romance que traz como recomendação o "Prix Renaudot, 138", prêmio que recomenda pela severidade notória de seus juizes. "Leonie la Bienheureuse" apaixou a critica francesa durante largo tempo. A tradução brasileira por intelectuais de reconhecido valor dá ao livro a garantia de grande sucesso no Brasil.

CANÇÕES MORTAES — CARLOS JEZLER — POEMAS — Poeta de fina emoção, Carlos Jezler coleciona em Canções Mortaes um punhado de cantos sentidos e angustiados. Não falta a esse livro beleza poética e inspiração delicada dentro de uma forma rica e ritimos envolventes.

HARAHUIY, HARAHUICU — JESUS LARA — EDITORIAL LOPEZ — COCHABAMBA — BOLIVIA — Jesus Lara é um poeta tipicamente indoamericano e tem realizado obra poética de lirismo enternecedor. Inspirado sempre em motivos indigenas compõe poemas comovidos e belos.

KHATIRA

Mi dolor le espia en vano...
En el campo solitario
palpita un sombrio arcano.
Mi dolor le espia en vano...
Ya, como en dias lejanos,
no está lleno de él el campo
Ya no vuela de sus labios
su corazón hecho cántico
ni su amor hecho milagro...
Mi dolor le espia en vano...
por los senderos borrados...
Qué mudo y qué hostil el [campo...
Ay, nunca ya de sus labios
fluirá el veneno sagrado
del amor para mis labios...

EL MOLINO Y EL ALBA — ANGEL MAZZEI — EDITORIAL PERLADO — BUENOS AIRES — ARGENTINA — 1939. O livro de Angel Mazzei é uma coletanea de poemas encantadores em seu lirismo de motivos delicados. Em "Canción Simple", por exemplo, se percebe o poder poetico muito fertil no temperamento dos escritores portenhos.

CANCION SIMPLE

Tu voz, viajera triste,
está en el aire puro,
en la rosa amarilla,
y en el agua que duerme
tranparente, tranquila.
Pienso a veces que el viento
sin llorar la recita,
y la sabe la nube
impalpable, pacifica,
se disuelve de pronto
en la muerte del dia,
y es el aroma limpio,
fugaz de la glicina...

E' pena que o livro americano não circule convenientemente nos paises do continente.

REPETE — JESUS LARA — COCHABAMBA — BOLIVIA —

O escritor boliviano Jesus Lara nos deu com o seu livro um dos mais serios documentarios da guerra do Chaco. Aquela luta acerbissima teve em "Repete" um

depoimento honesto e sobrio de um escritor muito lucido, que estámpou em paginas vigorosas aquelas cenas de horror e de sangue da "aluvión de fuego". O Chaco, que já nos havia dado com o livro de Oscar Cerruto um dos momentos mais fortes do romance de guerra, tem assim a sua literatura aumentada, com mais este volume desassombrado e energico. "Repete" é um jornal de campanha dos melhores que temos lido ultimamente, um legitimo manifesto.

"Aben Celin — Un Lucero" — (Baron de Roch) — Buenos Aires.

Muito pouco se conhece no Brasil da poesia argêntina do passado, e, muito menos, das suas correntes renovadoras e dos seus poetas modernos. No entanto, é quasi inexplicavel êsse desconhecimento, quando se sabe que há entre nós uma tão grande afinidade de idioma e de temperamento, e que em todos os tempos a poetica argentina teve cultores admiraveis de vigor e intensidade. Mas, enquanto isso, grandes nomes como Guido y Spâno, Almafuerte e Olegario Andrade — para só citar três figuras que correspondem lá ao que foram aqui Bilac, Vicente de Carvalho e Castro Alves — estão cercados no Brasil de uma grande obscuridade e de um desconhecimento quasi total. Dos modernos, é certo que só Leopoldo Lugones e Alfonsina Storni conseguiram entre nós uma relativa notoriedade. E isso, talvez, graças apenas ás tintas de tragedia que cercaram o desaparecimento dêsses dois grandes melancolicos, suicidas e nevroticos como Antero do Quental e José Asunción Silva — Portugal e Colombia ligados pelo sentimentalismo e pela morbideza. E alem disso, uma penumbra enorme existe, infelizmente, sobre os modernos vates argentinos, o que faz com que seja para nós inexistente um poeta extraordinario como Luiz Tomás Prieto, o autor dêsse belissimo "Ilha das Ausencias".

O Barão de Roch (José-Perez Valiente de Moctezuma) agora nos envia de Buenos Aires um livro seu de poemas, intercalando assim uma nota de beleza pura na sua obra de poligrafo. "Aben Celin — Un Lucero" é o titulo dêsse caderno de versos despretensiosos e simples, em que há canções encantadoras de nativismo, e onde o atavismo iberico do heroismo e do amor toma conta, a cada instante, dos seus momentos de lirismo, sem preocupações de arlequinadas ou de exageros futuristas. São em verdade três belos poemas, "Noche de Leyla", "Los Principes del Sol" e "Andalucia".

"Significación Universal de los Argentinos" — (Baron de Roch) — Buenos Aires

O espirito inquieto e insatisfeito do Barão de Roch apresenta nêsse volume uma argumentação detalhada e vigorosa para justificar os pontos de vista que o levam a afirmar que os argentinos teem uma posição definida no panorama universal. Como ensaio monografico, é interessantissimo êsse livro, e maior ainda será o interêsse dos leitores brasileiros, em fazer comparações e paralelos, agora que entre nós se publica a "Projeção Continental do Brasil". Uma leitura atenta do livro do Barão de Roch nos leva a concordar com Lopez de Mingorance, que nos apresenta o volume como "excepcionalmente notable, humoristico, profundo y sutil".

"Al Flanco de la Tierra Virgen" — (Antonio-Perez de Valiente Moctezuma) — Buenos Aires.

E' uma coisa que se faz notar em todas as literaturas o fato dos livros de viagem se multiplicarem com uma prodigalidade estranha, superando todos os outros generos literarios. Talvez se deva isso a ser esse genero um dos que mais agradam ao paladar pouco ecletico da grande massa de leitores, á vida de novas sensações e de emoções inesparadas. O sr. Valiente Moctezuma nos manda de Buenos Aires o seu recente livro de impressões e de paisagens, de ensaios de interpretação e de apologia do espirito de americanismo. "Al Flanco de la Tierra Virgen" é, desde o titulo, um livro da grandiosidade e da exuberancia da America, e um documento muito forte em prol da solidariedade continental. E outra coisa não se poderia esperar do sr. Moctezuma, que, num dos capitulos do seu livro, afirma: "llevo el espiritu de America fundido en la esencia misma de mi ser".

Como apresentação, o volume está dos melhores que a Argentina já nos tem

mandado, e, certamente, muito concorre para isso a ilustração maravilhosa da capa assinada por Guevara, o grande desenhista porteño.

Recebemos ainda:

HOMENAJE A LA MEMORIA DEL DR. RICARDO DOLZ Y ARANGO — *Dr. Alberto del Junco y André* — Habana — Cuba.

LA FIGURA DE ENRIQUE JOSE' VARONA, SU INFLUENCIA Y SU ESCEPTICISMO — *José Varela Zequeira* — Habana — Cuba.

LA POSICIÓN DE LAS UNIVERSIDADES ANTE EL PROBLEMA DEL MUNDO ACTUAL — *Don Fernando de los Rios* — Habana - Cuba.

EL CUBANO, AVESTRUZ DEL TROPICO — *Enrique Gay Galbó* — Habana — Cuba.

HACIA UNA NUEVA CONCIENCIA HISTORICA — *Emilio F. Camus* — Habana — Cuba.

LA POSICION DE LAS UNIVERSIDADES ANTE EL PROBLEMA DEL MUNDO ACTUAL — *Don Fernando de los Rios* — Habana — Cuba.

MISION SOCIAL DE LA UNIVERSIDAD — Professo *E. F. Camus* — Habana — Cuba.

EL GRABADO EN LAMINA EN LA ACADEMIA DE S. CARLOS DE MEXICO — *Justino Fernandez* — Habana — Cuba.

ESENCIA DE LA UNIVERSIDAD — *Roberto Agramonte y Pichardo* — Habana — Cuba.

OS AMORES NÃO CORRESPONDIDOS — *Claudio de Souza* — Edição P. E. N. Clube.

MARIA DOS TOJOS — *Barros Ferreira* — Editora Educação Nacional — Porto — Portugal.

TERRA SEM MULHERES — *Barrros Ferreira* — Editora Educação Nacional — Porto — Portugal.

SOMBRAS SOBRE LA TIERRA — *Francisco Espinola* — Edição Claridad — Buenos Aires.

NERUDA ENTRE NOSOTROS — Edição A. I. A. P. E. — Montevideo.

..ANTONIO NOBRE — *João Gaspar Simões* — Editorial Inquerito — Lisbôa.

POESIAS — *Jorge de Lima* — Edição espanhola — A Noite Edit. S. A. — Rio de Janeiro.

HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA — *Osorio de Oliveira* — Edição Inquerito — Lisbôa.

NOTA

Por motivo de interesse particular Maria Jacintha deixou a Direção desta Revista. Contamos entretanto com o apoio efetivo da autora de "O Gosto da Vida" que estará mensalmente em nossas colunas como redatora. ESFERA deve a Maria Jacintha o sucesso da sua 1.ª fase. E' com pezar que nos privamos de tão excelente companheira de trabalho.

TEATRO

Maria Jacintha

TEATRO ALHAMBRA — **"Tiradentes"**, de Viriato Correia — A qualidade maior de "Tiradentes" entre outros grandes e irrefútaveis méritos — é a maneira porque seu autor soube aproveitar os elementos de efeito, sem o traço de ridículo em que, com um pouco menos de virtuosidade e de senso do limite, poderia ter caído. A ênfase é alí usada, por necessária, na justa medida — atingindo o **efeito**, dentro da sobriedade.

E "Tiradentes" resultou em uma nova vitória para Viriato Correia — desta vez completa, no terreno da realização teatral.

Por essas mesmas colunas foram reconhecidas, um dia, as qualidades de "A Marqueza de Santos". Mas, por isso mesmo que essas qualidades são grandes, foram-lhe tambem feitas restrições que nos pareceu merecer: essa comédia, se bem que cheia de bons momentos, trazia, na infelicidade de alguns diálogos e na inoportunidade de seu elemento cômico o ponto fraco em que nos poderiamos firmar para discutí-la e o ponto dificil que os artistas precisavam vencer — sobrepondo-se a êles — para que, em certas passagens, as quedas fossem evitadas. Essas restrições foram feitas precisamente porque se comentava uma belíssima obra teatral, cuja inteireza tinhamos o direito de exigir, não admitindo altos e baixos de parte de um autor perfeitamente apto a só explorar os horizontes altos e largos. E não fôsse defeito muito brasileiro, êsse, o de se ver nas restrições feitas a uma obra, desejo de amesquinhá-la, tais reparos bastariam para provar o alto nivel de onde foi fixada, daqui. "A Marqueza de Santos" e os rigorosos escrúpulos de ordem estética que as boas realizações criam na alma dos espectadores.

Já "Tiradentes" foge, inteiramente, a restrições — dentro de seu gênero. Não houve, de parte de seu autor, capitulações, própriamente ditas, ao chamado "gôsto do público": a peça transcorre numa fluencia absoluta de clima e de situações; num crescendo felicíssimo de diálogos, muito bem conduzidos, chega a culminâncias, sem exageros de frases; desce a detalhes de ambientes e de tipos — **completando-se, por conta própria.** E' uma comédia que conduz seus intérpretes, que os subjuga, que os obriga; (pena foi que nem sempre isso sucedesse) a uma projeção sincera de tudo quanto existe em sua contextura.

Enquanto em "A Marqueza de Santos" a iluminação prodigiosa de Dulcina não nos deixava bem precisar onde acabava o autor e começava a atriz (e a gente acabava precisando, pelo menos, quanto era grande a contribuição estética e emocional que ela trazia para a Domitilia) — e Odilon marcava, com um vigor inconfundivel, um Pedro I vivo, resurrecto —, em "Tiradentes" sente-se, perfeitamente, o intérprete em função do autor. E é o autor que precisamos aplaudir em primeiro lugar — mesmo aplaudindo os intérpretes.

Não quer isso dizer que os artistas da Companhia Delorges Caminha não se tenham distinguido na interpretação dessa peça: o maior elogio que se pode fazer ao conjunto é o de ter compreendido que não precisava se sobrepor à peça, para que esta vencesse.

Explorando, em sua comédia, tudo quanto pode ter efeito teatral; trabalhando o heroico, com a mesma maestria com que trabalha o sentimental, fixando os tipos humanos com justeza e precisão, Viriato Correia realiza um conjunto harmonioso de qualidades, a que não faltam detalhes de lirismo e de civismo e em que sobrepuja, a todas, a nota da generosidade: o idealismo sadio, a crença comovente na beleza dos gestos humanos.

Como teatro, "Tiradentes" foi realizado com indiscutivel felicidade. Há verdadeiras "trouvailles" como por exemplo a réplica de Tiradentes, quando lhe perguntam, no Tribunal, apontando Joaquim Silvério:

—"Conhece êste homem?"
— "Eu não vejo ninguem",

A cena do Tribunal é tôda de uma beleza e de uma vibração, admiràvelmente conjugadas. (E cabe desde já o elogio à maneira porque a conduziu Delorges Caminha — à maneira porque a sentiu e retirou dela os elementos de emoção, numa belíssima competição do artista com o autor. E cabe tambem, desde já, o elogio à verdade com que a viveram todos os outros intérpretes, na difícil tarefa de harmonizar estados de espírito diversos, impressões diferentes, personalidades opostas de indivíduos reagindo dentro de uma mesma situação que cada qual sentia a seu modo).

Os finais de ato, a cena em que se aguarda a prisão dos inconfidentes (prejudicada, teatralmente, em sua intensidade dramática, pela má graduação emocional que lhe deu Amélia de Oliveira e pela presença de Norma de Andrade que, durante tôda a situação esteve em função de biombo, cobrindo seus companheiros); o recúo dos "revolucionários" são outros tantos instantes que não devem ser esquecidos, no balanço de valores de "Tiradentes".

Muito bem fixada a passagem em que Alvarenga pretende trair, para salvar-se — do meu ponto de vista o momento culminante da comédia. Sendo o momento em que a personalidade de Bárbara Heliodora se afirmava, pena foi que Amélia de Oliveira tivesse tambem falhado: faltou convincencia, vibração interior às suas falas. Pareceu-nos fóra da situação, fora da personagem — sem o menor traço dessa xifopagia espiritual que deve ligar o intérprete às criaturas que vive. Bárbara Heliodora e Amélia de Oliveira estiveram, nesse momento, a léguas uma da outra. Nem se acredita, mesmo, que, naquele tom, Bárbara Heliodora ti-

vesse podido demover o marido de suas cobardes intenções.

O primeiro ato de Tiradentes é quási uma sátira: a apresentação dos revolucionários, a literatice de suas atitudes, a falta de noção verdadeira do que iam fazer, a falta de base doutrinária com que organizavam o movimento... Tudo isso muito bem sintetizado na réplica de Bárbara Heliodora:

"— Porque queremos a revolução?

— "Por lirismo.

E muito feliz a observação sôbre as razões dos sofrimentos pessoais que fizeram de Tiradentes o verdadeiro revolucionário. Um pouco decepcionante para os espiritos avessos à realidade — mas humaníssima. Aliás Viriato Correia, dando todo o fulgor á personaildade de Tiradentes, concedendo-lhe tôdo o heroismo, tôda a grandeza de alma, tôda a sinceridade, não procura mistificar a platéia, tirando-lhe a humanidade.

A fluencia da ação obtida por Viriato Correia, em "Tiradentes", é outro ponto que não deve ser esquecido. Êsse — parece-nos — o trabalho mais dificil para o teatrólogo: o de selecionar os fatos históricos essenciais, encadeá-los, sem que note asperezas nos pontos em que se encontram e o de tirar de tipos que existiram, que tiveram uma personalidade, tudo quanto possa projetá-los com realidade e sem falhas de composição.

Quando o personagem pertence ao autor, é criação deste, nasce de sua sensibilidade e de sua imaginação, a fluencia psicológica se processa automáticamente. No caso de ser uma criatura que existiu, é preciso grande habilidade para que a construção do tipo teatral se faça sem traços falsos, sem descaidas, sem desvirtuamentos de sua essência.

Quer como ressurreição de homens, quer como peça teatral, "Tiradentes" ficou ótimamente realizada. Viriato Correia foi feliz em tudo — e neste ponto não podemos deixar de fixar, como belos achados, o prólogo e o epílogo da peça, que substituem, o primeiro uma introdução que se faria, teatralmente, fastidiosa e, o segundo, cenas que não caberiam, em absoluto, dentro dos modernos métodos teatrais. Viriato Correia saíu-se galhardamente dessa dificuldade: completou sua peça, sem capitular a quadros que a prejudicariam.

Como interpretação eu citaria, em primeiro lugar, no mesmo plano de valor, a Delorges e a Rodolfo Mayer que se equilibraram nos méritos e nas falhas da interpretação; a Restier Junior, Pedro Dias e João Martins, pela realidade que imprimiram a seus tipos, respectivamente nos Padre Carlos C. T. de Melo, Padre Rolim e Cônego Luiz Vieira da Silva, citaria a Artur de Oliveira, num Claudio Manuel da Costa, talvez um pouco pitoresco, mas terrivelmente convincente; citaria a Alexandre de Azevedo que marcou com grande propriedade, o vicerei Luiz de Vasconcelos e Souza; citaria a Modesto de Souza, que se, em alguns momentos, deu traços de opereta a seu trabalho, em outros foi um Joaquim Silvério perigosamente real, apezar de uns tiques procopianos que o ator deve perder, para se não despersonalizar.

E o elemento masculino, desta vez, brilhou mais do que o feminino, convenhamos.

Delorges que, no primeiro ato não nos pareceu indicado para Tiradentes (e isso talvez pela não aceitação de seu tipo fisico, a sua não correspondencia à imagem mental que se faz do revolucionário), que claudicou um pouco, utilizando-se de gestos muito seus e sendo 90% Delorges e 10% um rebelde qualquer de nossos tempos, como tantos que estamos habituados a ver por aí espalhados, pelos salões e pelas mesas dos cafés, foi pouco a pouco, porem, impondo seu trabalho cresceu e terminou por merecer os grandes aplausos com que a platéia o saudava, à proporção que a peça transcorria. Sua atuação, na cena do Tribunal, foi positivamente boa: honestamente não se lhe pode opor qualquer restrição. E o que se aplaudiu ali não foi o Tiradentes, a seu heroismo, a seu martírio, como sucede, quási sempre, em peças do gênero: foi ao ator que vivia, naquela hora talvez o mais eficiente instante de sua carreira.

Já a técnica de Rodolfo Mayer (apesar de ter sido êle quem, como integração no tipo, mais se distinguiu) foi exatamente oposta à Delorges: desde início, veio com muita fôrça no Inácio de Alvarenga Peixoto, de modo que seu trabalho resultou em um trabalho plano, sem culminancias e sem graduação. Nos momentos em que a nota dramática devia ir subindo, Rodolfo Mayer já nada mais podia fazer, porque a nota de começo, fôra dada muito alto.

O Alvarenga Peixoto que nos foi mostrado, foi um poeta amargo, nervoso, sem lirismo, sem suavidade — como que já antevendo, mesmo, nas horas alegres, os momentos tragicos que se aproximavam. Talvez esteja certo. Parece-me, porém, que seu trabalho ganharia em intensidade se tivesse sido sentido pelo autor os dois climas morais em que Alvarenga nos foi mostrado: o do homem feliz, capaz de entusiasmos, admitamos que mesmo idealista, capaz de cometer enganos, da fase em que se compunha a revolução, como se fôra ela um poêma ou um romance heroico; o do homem atemorizado, egoista, sem nobreza, da fase da infelicidade.

Para marcar está última fase nada lhe faltou: gestos, voz,, inflexões, máscara. Pena foi que essas qualidades já estivessem sendo exploradas desde o começo — quando ainda não eram solicitadas — o que prejudicou muito o efeito que poderiam obter.

Francisco Moreno, embora não comprometesse o desempenho, não foi boa escolha para viver o Tomaz Antonio Gonzaga: nada há nele do poeta tal como nos tem sido mostrado, nada do noivo romântico e suavíssimo que bordava a oiro, sonhadoramente, criando poemas e tecendo madrigais.

Os outros intépretes masculinos pouco tiveram a fazer, mas o que fizeram, fizeram sem comprometer: André Villon, Osvaldo Louzada, João de Deus, Francisco Saccardi, Carlos Medina.

Do grupo feminino, apezar

das falhas já citadas, Amélia de Oliveira foi que menos mal atuou. Esteve bem em algumas cenas, com boas expressões, boas inflexões, boas atitudes — no 1.º ato. Faltou-lhe, porém, vigor dramático, convicção interior, nos momentos mais sérios — não conseguindo fazer a peça chegar nunca ao "climax" esperado. O momento em que sente que a escolta parou à sua porta e na própria peça, mesmo, o momento ganharia em emoção se se tivesse processado sem falas em reflexo, apenas, dos rumores vindos de fóra e todo êle na expressão dos personagens, escutando) poderia lhe ter sido uma oportunidade para se rehabilitar das "gaffes" que andou cometendo em "A Vida brigou comigo". E' verdade que, nessa peça, Amélia de Oliveira deve ter sofrido a influencia aniquiladora de uma concepção teatral pauperrima — uma dessas comédias que abatem os artistas, que tira o entusiasmo interpretativo, a vibração, tudo.

Mesmo assim, porém, Amélia de Oliveira poderia ter ido melhor — quando menos por homenagem a um recentissimo passado, quando com Renato Vianna nos dava, em "Cumparsita", "O divino perfume" e sobretudo em "Uma história de Carlitos" a afirmação de seu valor. Foi a ressureição desse passado que esperei, em sua Bárbara Heliodora. Mais ainda não foi desta vez, porque outras falhas imperdoáveis cortaram a inteireza da interpretação de um papel que tudo tem para por em realce uma atriz.

Falta de direção, de uma crítica severa que lhe aponte os erros? Talvez. Se lhe disessem, por exemplo, que seu jogo de olhos, por demais exagerado, que certo tom plangente de suas falas, quasi redundante num tom lamúria infantil; que a neutralidade de suas mãos, num pacto mútuo de não intervenção em qualquer expressão ou inflexão; que a sua não participação nos diálogos dos outros, quando silencia; isso tudo está comprometendo sua atuação nas peças, não seria fazê-la observar-se mais um pouco e salvar-se de uma mediocridade em que, fatalmente, cairá, muito embora possua qualidades para evitá-la?

Quanto a Lúcia Delor, compreende-se que ninguem a tenha tomado a sério, com Marília: tudo em seu todo, grita contra essa liberdade. Mas que ela própria não se tenha levado a sério — a ponto de dansar uma pavana mastigando "chiclets" — isso vai além do que é permitido.

A gente não sabendo que é Marília até gosta de vêr Lúcia Delor: ultimamente sua atuação na Companhia Delorges não tem sido feliz e quando vemos num tipo que, logo á primeiro vista é simpático, do ponto de vista físico e que por tôda a peça continua simpático, engraçadinho, petulante (sem ser Marília, está claro), ficamos logo tentados a **aderir** a ela, sem objeções.

Mas a pequena corta nossas boas intenções: destróe Marília e destróe-se a si propria.

Luiza Nazareth viveu um tipo convencionalíssimo (e nesse convencionalismo e na falta de verdade com que, certos momentos foi fixado está uma falha da comédia), nem o brilho de costume, enquanto Norma de Andrade chora muito bem, mas compromete seus momentos carregando mal o boneco que lhe serve de filho e irrita um pouco os assistentes das poltronas laterais "tampando-lhe a vista" — falha de marcação a que deve atender, imediatamente, o diretor de cena da Companhia — Palmira Silva e Lourdes Mayer comparecem, sem destaque e Abigail Maia mostra conhecer bem pouco os ambientes de escola primária, onde uma narrativa, feita no tom em que foi feita a sua, provocaria uma reação muito diferente, de parte das garotas que a escutavam.

Sôbre Cinema

JORGE AMADO autor do argumento de "Mar Morto"

Quando já se pensava que o cinema internacional ia sofrer com a guerra um colapso fatal, eis que todos os estudios anunciam por todo o mundo o recrudescimento das suas atividades. Realmente, pelo menos os projetores e megafones de Los Angeles nunca tiveram tanto o que fazer, o que é um prenuncio de uma vasta safra de filmes para o começo do ano. E si é verdade que, nos paises mais de perto atingidos pela guerra, as atividades ameaçaram por um momento estagnar-se, quero crêr que será passageira essa sincope, e que a grande força latente do cinema francês e inglês voltará ainda mais pletorica. Agora mesmo, nos vem de Paris a noticia de que o governo francês pensa em licenciar os tecnicos e os artistas combatentes, para que terminem os grandes filmes que os estudios de Joinville teem em realização. Aliás, o governo francês já se fizera credor dos fans do mundo inteiro, pelo grande gesto de eximir Charles Boyer de comparecer á luta do front ocidental. Nada podia calar mais fundo no espirito do imenso publico do grande ator, grande figura da cultura e da arte, e que já é hoje um cidadão do mundo.

Em Hollywood, onde é enorme a percentagem de tecnicos e de atores nacionais dos paises beligerantes, a situação foi em pouco alterada. Tanto que os claros deixados nos estudios pelos seus elementos convocados estão sendo rapidamente preenchidos por americanos e por cidadãos de outros paises neutros, o que diminuiu a um minimo qualquer solução de continuidade que tenham sofrido os trabalhos de filmagem. Enquanto isso, o cinema nacional tem deparado com grandes possibilidades diante da afluencia para o Rio de Janeiro de grandes vultos da cinematografia de Praga e Viena fugidos do anschluss. Mas, ao que nos consta, parece que até agora só Carmen Santos lhes abriu uma perspectiva de trabalho e de esforço, para uma vitoria quasi certa. Está claro que, si continuarmos com jacobinismos e resolvermos improvisar diretores nacionais sem nenhum tino e sem visão nenhuma, o cinema brasileiro será sempre uma utopia. "Anastacio" foi o fracasso que se viu, e, assim sem direção, por aí vai o cinema nacional, como um velho barco cansado e sem leme.

Ainda entre nós, Carmen Santos continua na sua luta abnegada de mulher combativa e de precursora do nosso cinema, e pensa incluir no seu programa de filmagem uma adaptação de um dos grandes romances de

Jorge Amado, "Mar Morto", que na tela será certamente uma obra imortal.

Na America, voltou a grassar no cinema a coqueluche dos gangsters e dos Gmen, mas, fóra dos clichés já surrados de James Cagney e de Humphrey Boggart não há nada de novo, a não ser as ultimas aventuras dos anjos de cara suja na cozinha do inferno (Hell's Kitchen). O sr. Silva Junior quer que a tradução de kitchen *seja* sucursal, *mas não há de ser nada. O que há de novo é que Andy Hardy passou de cow-boy a milionario, e vem aí fazendo conquistas de alto bordo. Enquanto isso, a enorme Bette Davies, que fizera notavelmente a imperatriz em "Juarez", nos aparecerá encarnando mais uma figura historica, papel que calha tão bem ao seu talento assombroso. A Garbo vem aí sorrindo e dando palpites, mas aquela voz pastosa estragará a piada mais sensacional. O Pato Donald vai muito bem obrigado, e manda lembranças para as crianças. Não é possivel que, na proxima, Popeye não tenha uma indigestão de espinafre. O Gato Felix continua dizendo que este é o melhor dos mundos: Pangloss voronofizado com enxerto de glandulas de gato. O cão Pluto é mesmo uma vaca, os sobrinhos do Pato continuam terriveis. A boca de Joe E. Brown está crescendo. Mas não há de ser nada, porque deste mundo nada se leva. YUR*

COMENTARIOS

ATRAÇÃO DA CARNE — O novo filme francês que o Plaza teve em cartaz nos trouxe de volta Jean Gabin, o grande tragico. o grande ator que levou para o ecran as expressões dramaticas mais fortes e convincentes. Não se pode conceber um grande papel tragico no cinema que não seja desempenhado pelo astro francês, que muitos teimam em chamar de Spencer Tracy europeu, embora ele nos tenha dado momentos bem mais intensos que o astro americano. "Atração da carne" veio demonstrar que o cinema francês está ultrapassando o americano por muitas razões, si não bastasse o seu realismo muito forte para que ele esteja mais proximo da vida. O grande astro, que já encarnara mais de uma psicologia morbida, e que é excepcional em viver os vicios da besta humana, movimenta neste novo filme todos os seus recursos vastissimos de expressão. Coadjuvado por Gaby Morlay, o cast de "Atração da carne" ainda inclue Jean-Pierre Aumont, um excelente ator que só agora está caindo na vista do publico. Aqui. como em "A Mulher que não se deve amar" ele é sempre o ator sobrio e personalissimo, que tem a seu favor um fisico dos mais insinuantes, prenuncio de que em pouco tempo ele será um dos maiores beguins dos fans do mundo inteiro.

CINEAC — A inovação do Cineac no Rio de Janeiro, que mesmo os mais avançados e otimistas tinham por um fracasso certo, vingou em toda a linha. Os seus programas são vistos semanalmente por dezenas de milhares de espetadores e já há habitués assiduos que não podem conceber outro genero de divertimento. Há um publico muito certo e infalivel para os jornais de guerra, mas nos parece que a grande atração da nova boite são os desenhos animados, esse mundo de ficção que traz no seu enredo, na aparencia ocioso, muita lição de filosofia.

JOUJOUX E BALANGANDANS — A versão cinematografica da féerie de Henrique Pongetti, embora não seja uma coisa definitiva, é um dos rarissimos filmes nacionais que se veem com agrado. A bem dizer. não se pode considerá-lo um filme autentico, porque ele não passa de um desses "musical shows" em que a R.K.O. Radio é tão abundante. Como pontos mais fracos podemos citar a direção de Amadeo Castellaneta, falha sob muitos aspetos, e a fotografia, que alem de não estar centrada perde muitos lances e mais de um gesto. No entanto, ha pontos muito altos de técnica e de realização como os quadros de "Aquarela do Brasil" e "Nós temos balangandans", em que há cenas muito movimentadas e de muita vida.

"BEAU GESTE" no São Luiz e Palacio

A exibição de "BEAU GESTE", marcada para dentro de poucos dias no Palacio e no São Luiz, fará época entre os nossos *fans*, uma época vitoriosa e triunfante que por muito há de ser lembrada, sempre que fôr oportuno falar em sucessos cinematográficos.

Justo é porém que tal se dê com "BEAU GESTE", pois não se pode imaginar um filme em que melhor reproduzidos aparecessem os sentimentos humanos na sua mais sublime expressão, em sua significação mais elevada.

Além do mais, o grande drama que é um poema estraordinario do sacrificio e emoção, reune em si um conjunto extraordinario de artistas, entre os quais aparecem nomes do incomparavel valor, como Gary Cooper, Susan Hayward, Ray Milland, Robert Preston, Brian Donlevy, J. Carrol Naish e outros atores da Paramount.

NOTAS DE HOLLYWOOD

● O desenho no cinema está interessando cada vez mais. Os tradicionais **shorts** como complementos já estão se preparando para preencher programas deleitando as plateias mais cultas. "Branca de Neve" celebrizou Walt Disney definitivamente não só como animador de tipos mas tambem como criador de sentimentos e lirismos entre os seres vivos. Agora é Max Fleischer que vai surgir com um trabalho de longa metragem "As viagens de Guliver" com o seu motivo eterno será a grande atração da próxima temporada cinematográfica.

● O **sarong** foi celebrizado por Dorothy Lamour. Aquela morena alucinante parece uma hawaiana autentica quando dansa o **hula-hula**, vestida na tanga tipica do arquipelago. Dorothy Lamour criou uma figura que faltava no cinema. Ela não é a vamp estandardizada que só consegue fascinar pela tonelada de falsidade e de artificios que traz consigo. Ela é a mulher cem por cento mulher. diabolica e sensual, que personifica a tentação e o "glamour". A Paramount, a marca dos grandes filmes, nos trará de volta essa morena cheia de **yumpf**, que põe em estado de choque as platéias de todo o mundo. "Typhoon" é o seu novo filme — filme de aventuras. seu genero predileto —, que promete ser qualquer coisa de eletrizante e sensacional.

● O cinema está revelando ao mundo até que ponto chega a sensibilidade infantil em materia de arte. Uma serie de artistas jovens tem criado no ecran um mundo de emoções, revivendo na tela esta vida de tragedias e de alegrias. Alguns, ainda quasi crianças, como Shirley Temple, Sybil Jason e outros, são talvez os que foram mais longe no sentido de conquistas dramaticas. Os outros, já na idade indecisa da ultima adolescencia, como Deanna Durbin. essa encantadora menina-e-moça, teem ameaçado derrubar por terra o cetro de muitos astros e estrelas. Esse surpreendente Billy Halop que o bando dos anjos de cara suja nos revelou é uma poderosa vocação dramatica ao serviço de uma concepção muito perfeita do equilibrio e da serenidade em cena. Agora é o veterano Jackie Cooper que a Paramount nos traz de volta, ao lado da pequena Betty Field, sua partenaire em "A Vida começa aos 14", que vem engrossar o acervo já grande de filmes infantís com que Hollywood tem inudado o

RADIO

Ao lado dos máus programas constituidos quasi sempre pela dramatização de fatos históricos que a irreverência dos Diretores Artisticos têm permitido. podemos apontar momentos de verdadeiro encanto na nossa vida radiofônica.

Para começar, falemos em Dorival Caymi com as suas missivas de folclore baiano. O autor do "O que é que a baiana tem" apezar de já conhecido nos Estados Unidos permanece verdadeiro modelo de brasilidade regional. As toadas da Baía com os motivos historiados nos famosos romances de Jorge Amado estão fixados nos ouvidos que guardam as melodias populares. O aparecimento de Dorival Caymi se deu num momento em que os nossos morros estavam guardando avaramente suas melodías. O samba tem se recusado a satisfazer a nossa ansiedade de cancioneiros. Os compositores boêmios estão em crise. Perderam a mística indispensavel. Felizmente falta tempo para o carnaval. E Dorival Caymi está aqui.

DORIVAL CAYMI

A Radio Tupy, graças às meias de titulos sugestivos (Capricho, Cacique, Caricia e Coquete) está mantendo Pedro Vargas diariamente no seu microfone. O trovador mexicano, como nas vezes anteriores, apresenta um repertório novo e magnífico. As músicas do Mexico tocam a sensibilidade brasileira. Esse país amigo e distante é uma fonte perene de poesia Poesia civilizada, e característica.

Devemos dizer bem de Pedro Vargas. Aconselharemos, mesmo com o calor dos trópicos o uso das meias que falam nas pernas morenas de nossas mulheres. Agora as meias não devem ser abolidas. Representam famosos cantores que acariciam nossos ouvidos. Insistiremos nas meias corajosamente. Notáveis! Em troca poderemos ouvir:

Te quiero morena linda...

Cesar Ladeira e Cordelia continuam firmes no estrelado. Ele e ela. Tambem o Plácido.

O congresso Tupy-Mairink-Nacional está espalhando a música do Carnaval. O rodízio nas três grandes emissoras tem contribuido para animar a saúde do carioca. Homens urudonalizados serão com certeza os alicerces de uma sanidade definitiva.

MARIA CLARA

JORNAIS E REVISTAS

DIRETRIZES — O número de "Diretrizes" comemorativo da República constituiu uma das mais sérias publicações que têm aparecido no Brasil. A grande revista que Samuel Wayner dirige ha dois números oferece aos seus leitores o SUPLEMENTO LITERARIO DIRETRIZES que Vito Pentagna e Augusto de Almeida Filho orientam.

RENOVAÇÃO — O 3.º número da Revista de Aldo e Alvaro Lins e Silva apareceu em Setembro mantendo a mesma linha dos anteriores. O número em circulação traz colaboração de Ana Amelia de Queiróz Carneiro de Mendonça, Austregésilo de Ataíde, Flavio de Carvalho, Jorge de Lima, Rui de Carvalho, anuel Bandeira, Lins e Silva, Haydés Nicolussi, Abelardo Romero, João Pedro de Andrade, Deólindo Tavares, Waldemar de Oliveira, Murilo eMndes, Sergio Soares, Antonio Prado e outros.

LETRAS — Fortaleza — Ceará — Número 5 — O número 5 de "Letras" em Homenagem a Raquel de Queiroz, reune bôa colaboração sobre a romancista de "As três Marias". Estão no índice desse número nomes como Mario de Andrade, Antonio Girão Barrozo, Aloísio de Medeiros, Melo Lima, Paulo Botelho, etc.

RIO MAGAZINE — Rio — Trata-se de uma revista em nova fase com variada colaboração e feitura cuidadosa. Os Diretores de RIO MAGAZINE ofereceram á capital brasileira mais uma publicação ondem sobresaem os nossos méritos artísticos e intelectuais. Colaboram nesse número: Gelabert de Simas, Olegario Mariano, Agripino Grieco e outros nomes da literatura brasileira.

RASM — *S. Paulo* — São Paulo foi sempre a capital artística do país. Todos os grandes movimentos de renovação da arte nacional tiveram lá a sua gestação, e cada vez ganham mais crédito os seus fóros de cidade de estesia e de inteligência. O SALÃO DE MAIO, por exemplo, uma das realizações enormes dc pujante grupo de artistas que tem Flavio de Carvalho como balila, é uma das expressões máximas da nossa arte moderna.

Agora acaba de sair o boletim oficial do Salão, uma das publicações mais sérias que temos no gênero, onde estão ventilados todos os grandes problemas da pintura e da arte em geral, como tambem estão assinaladas as diretrizes que a estética moderna vem imprimindo á arte contemporânea.

Recebemos ainda:

CONFERENCIA — NACIONALISMO Y AMERICANISMO MUSICAL) — por *Juan Pablo Munoz Sanz* — Número 4 — Publicação do rupo America — Ecuador.

CURSOS Y CONFERENCIAS — Número 7 — Volume XV — Buenos Aires — Argentina — Outubro — 1939.

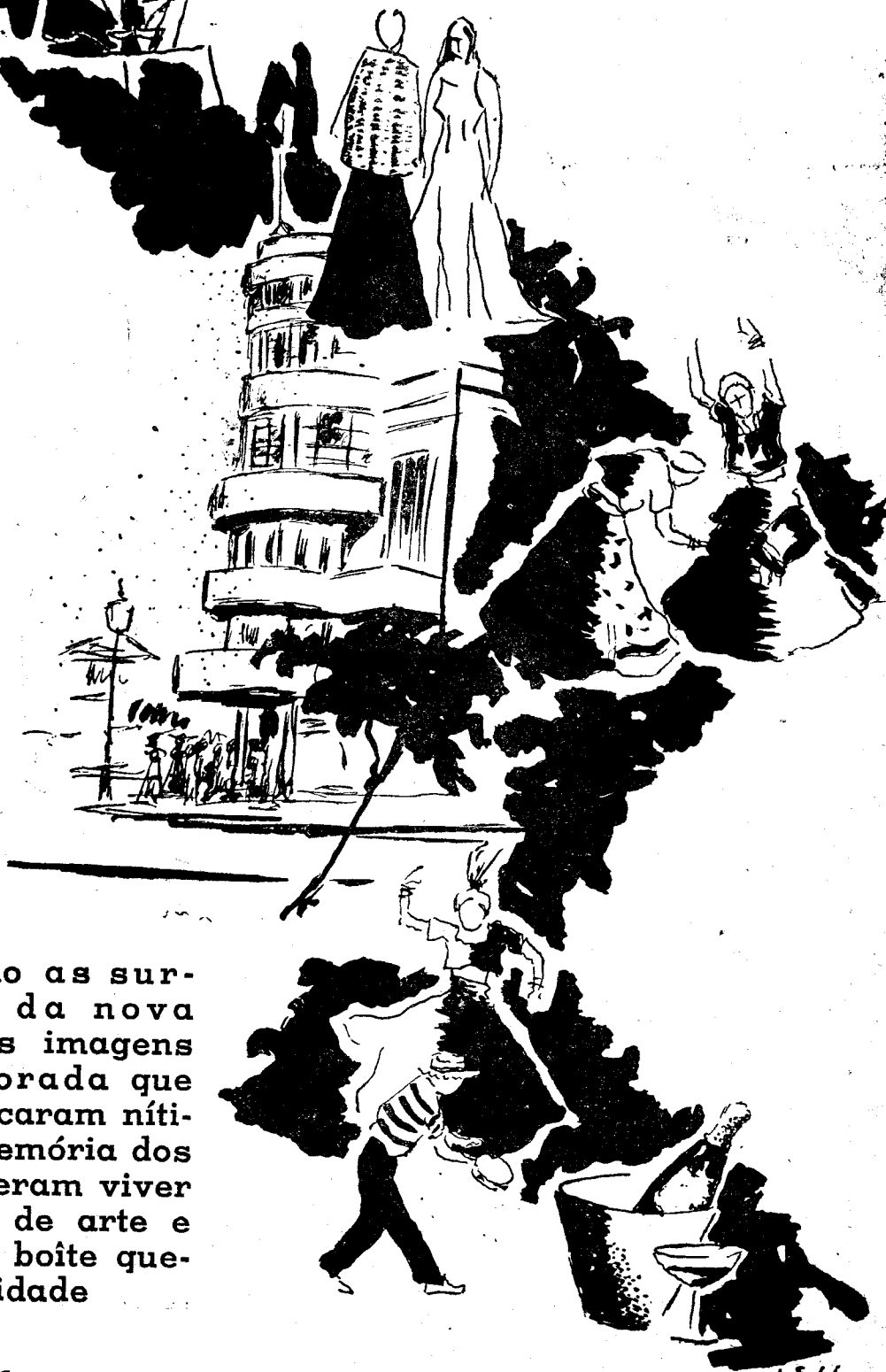
CLARIDAD — Número 3 — Buenos Aires — Argentina.

MUNDO URUGUAIO — 9 Novembro 1939 — Montevideo — Uruguai.

VERTICE — Número 21 — Setembro/Outubro — Buenos Aires — Argentina.

UNIVERSIDADE DE ANTIOQUIA — Número 33 — Avosto/Setembro — Medellin — Colombia.

HISPANA — Número 2 — Volume XXII — Maio — 1939 — Stanford UNIVERSITY — California — U. S. A.

JUDAICA — Junho — 1939 Buenos Aires — Argentina.

Evocação !
Esperando as surpresas da nova saison as imagens da temporada que passou ficaram nítidas na memória dos que souberam viver as noites de arte e beleza na boîte querida da cidade
L.S.44
Casino Atlantico